

JULHO — AGOSTO DE 1927

ANNO I —



REVISTA DE ENSINO

ORGAM OFFICIAL
DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA
DE
ALAGOAS

SUMMARIO:

A Escola Moderna
Modelos Cívicos
Methodologia
A Lagartixa
Da Historia Alagoana
Os "tests" e a educação
Versos á Bandeira
Commemorações Cívico-Escolares
Os grandes educadores alagoanos
A saúde do povo e a escola primária
Defeitos de educação
Historia complicada
O Fumo
Primeiras lições de Arithmetica
Juramento á Bandeira
Do Gallicismo
Na Escola Remington
Pense na educação Brasileira
O Beijo
A Festa da Arvore
Gymnastica
Terra Promettida
As Plantas pensam ?
Noticiario

Craveiro Costa
C. C.
Diversos
Fern. Mendonça
Craveiro Costa
Isaias Alves
Lima Junior
Diversos
C. C.

Dr. Dias Martins
Octavio Pires
E. Wanderley
Roberto Correia
Charles Laisant
Luiz Accioly
Castro Lopes
Lima Junior
Dr. Miguel Couto
Roberto Correia
Luiz Accioly
Helena Barros
Vic. de Carvalho

MACEIÓ — ALAGOAS

— BRASIL —

REVISTA DE ENSINO

ORGAN OFFICIAL DA DIRECTORIA DA INSTRUÇÃO PUBLICA

ANNO I

MACEIÓ, JULHO-AGOSTO DE 1927

NUM. 4

A Escola Moderna

(**CRAVEIRO COSTA**)

Ainda andamos aférrados á idéa de que a função unica da escola primaria é ministrar á infancia conhecimentos elementares de certas disciplinas recommendadas em programmas officiaes. Por isso, em geral, a escola ainda não deixou de ser aquella velha casa onde o menino comparecia diariamente compelido pela obediencia paterna, para aprender, mneemonicamente, regras e definições áridas e exaustivas, com as quaes, no fim do anno, devia fazer um bonito exame, repetindo diante de pessoas estranhas o que a memoria frágil podera retêr sem assimilar.

Vae-se avançando, é certo. Mas, em conjuncto, á escola conserva aquella detestavel organisação e aquella erronea finalidade da escola dos de minha geração, com um professor rispido, miseravelmente pago pelo governo, para inculcar na cabeça da criança os fastidiosos conhecimentos da instrução primaria — desde o salibar monotonamente cantado ás fatigantes regras grammaticaes; desde os pesados exercicios arithmeticos, que tinham como ponto de partida e decoraçáo da taboada, á subtração martirisante das quatro operações, sem o cultivo do raciocinio pela pesquisa da soluçáo de problemas com applicação ás necessidades praticas da vida; desde as interminaveis e inuteis investigações da historia patria, socraticamente aprendidas nos compendios officiaes, ás monotonas lições de geogra-

fia, á revelia dos mappas e trabalhos cartograficos, sem esquecer a doutrina christã, aprendida de cór nos cathecismos... E tudo bem sabidinho, na ponta da lingua, marcada a decoraçáo do dia pela unha inflexivel do professor.

Feita essa aprendizagem, o governo se dava por quites com o dever tutelar do ensino publico.

A escola, assim orientada, formava quando muito, o embrião de um doutor, de um padre ou de um funcionario publico, do filho ditoso de paes abastados que podia proseguir nos seus estudos. Do menino pobre, condemnado a procurar, elle proprio, mal saído da infancia, os meios de subsistencia, nada fazia, porque, na realidade, não creava um individuo verdadeiramente apto á utilidade e á sobreza da vida.

Tem se melhorado alguma coisa, mesmo entre nós, quanto á orientaçáo da escola e quanto aos processos pedagogicos de transmissáo de conhecimentos; mas ainda tem-se da finalidade social da escola uma noção demasiado estreita, quasi aquella mesma noção preponderante nos primeiros dias do ensino publico no Brasil.

Modernamente, á escola primaria não basta o mistér antigo da simples alfabetisação do povo, por processos rudimentares e mais ou menos coercitivos da personalidade. Ella tem de preparar o homem e formar o cidadão — o homem capaz de

produzir, capaz de se collocar efficientemente na vida, util a si mesmo e ao seu paiz; o cidadão com uma noção exacta da patria, consciente dos seus direitos e dos seus deveres. Precisa, por isso, de agir, principalmente, no sentido da educação — da educação fisica, de educação moral, da educação civica, da educação profissional, de maneira que o menino, ao deixal-a, seja para adquirir mais vastos conhecimentos litterarios, preparando-se para qualquer das profissões liberaes, seja para se entregar á luta pela vida, leve cabeça e braços, disposições moraes e pendôres civicos capazes de vencerem na concorrência e insidias do meio que se lhe depara.

Desse conjunto educacional, a instrução intellectual é apenas um ponto de partida e nunca o fim precipuo da escola.

Dever de assistencia que o governo tem para com o povo, a escola primaria visa de preferencia, as classes menos favorecidas. Do seio dessas classes raramente emergem os letrados, que são a *élite* dirigente e, as vezes, as sangue-sugas do thesouro publico; ellas formam o sistema muscular da nação, são as fornecedoras de energias ao organismo economico do paiz. E para que essas energias produzam efficientemente, colaborando ou mesmo promovendo intelligentemente a riqueza publica, saber ler e escrever, adquirir esses conhecimentos rudimentares da lingua nacional, do calculo, da geografia, das sciencias naturaes, não basta as exigencias actuaes da vida nas industrias, no commercio, na agricultura, — mesmo porque essa insufficiente iniciação litteraria, dado o derrame de leituras nocivas no paiz, toxicos mentaes que se ingere diariamente pelo romance e pelo jornal, pôde tornar-se um mal de extensão incalculavel para o individuo.

A' escola, pois, depara-se um problema social muito mais importante que o da sim-

ples instrução, da simples propagação dos conhecimentos elementares das letras — o grave problema da educação popular. Os dois, contudo, têm de ser resolvidos conjuntamente, porque se completam. Cuidar exclusivamente do primeiro, abandonando ou relegando a plano inferior o segundo, não é fazer a obra social que o Brasil exige. Porque essa era a noção que se tinha da escola a nação anemiosou-se — a gente sertaneja entregando á Providencia Divina a solução dos seus negocios, o exito das suas sementeiras, a defeza e expansão dos seus rebanhos; a gente dos centros urbanos pondo no *pistolão*, com que se forçam as portas da burocracia e se conquistam os laureis academicos, as suas esperanças de triumpho na vida...

Resalta a importancia que o professorado assume nesta hora de regeneração escolar. Mas o professorado tem sido uma consequencia deploravel da situação geral da escola — um ramo dispendioso da burocracia, não dos mais florescentes, mesmo sem florescencia alguma. Quem o busca, não por vocação, ou por uma intuição superior dos deveres e responsabilidade patrioticas do magisterio, mas como um abrigo as premencias materiaes da vida, quando escapa ás injunções penosas do mestre escola de aldeia, não logra evitar a indifferença com que a cidade o acolhe.

Não devia ser assim. Existe de facto um problema nacional que a todos sobrelva — a educação popular. E esse problema quem o hade resolver é o professor primario. Em suas mãos está a grandeza do Brasil. Os destinos da nacionalidade delle depente.

Na escola é que se fará o combate á ignorancia dos nossos sertanejos, dos nossos praieiros, dos nossos operarios, para que o povo de amanhã, de um futuro que precisa ser dos nossos dias, triumphando do alcoolismo; triumphando dos vicios que o escravizam á pobreza e o inferiorizam na con-

corrença do trabalho com o estrangeiro ; triunfando da inercia que o acorrenta á servidão dos mais felizes ou dos mais audazes, venha a ter lavouras prosperas, terras intelligentemente cultivadas, colheitas compensadoras, granjas felizes, industrias engrandecidas e estuantes de vida e fartura o corpo são, o cerebro esclarecido, o homem, enfim, solidamente localizado no seu meio, amando a patria acima de tudo, e podendo, assim, levantar o nivel moral da nacionalidade acima das paixões da politicagem e das ambições dos individuos.

Esse trabalho formidavel de soerguimento nacional pertence, em primeira mão, ao professor primario.

Foi o mestre escola prussiano, dizia Bismark, quem, em 1870, venceu a França, porque uma força maior que a dos exercitos germanicos, força que se não materialisava á visão assombrada do gaulez, se opôz á coragem, á organização militar da França — a instrucção intellectual do soldado allemão.

Compreende-se de relance, o que deve ser uma escola de professores : já não pôde ser uma casa de ensino puramente livresco destinada a diplomar meninas carecedoras de um amparo na vida. Tem de ser uma escola de formação technica, de formação profissional nos moldes superiores da moderna orientação da escola primaria, um laboratorio de energias, de cultura variada e solida no dominio das utilidades educacionaes, a officina multiforme onde se forjem as capacidades de que dependem a grandeza e a gloria do Brasil.

E' de ver que, ao lado dessa preparação do professorado, uma qualidade se exige dos candidatos ao magisterio — a vocação e, a par dessa qualidade, que temos, por primacial, a convicção da nobreza e extensão social da profissão.

Ser professor só para ter um meio de vida que afaste do lar a miseria e exercer a profissão displicentemente, sem entusi-

asmo ; exercel-a arrastado pelas injunções materiaes do ganha-pão, comparecendo á escola unicamente para que lhe não seja marcada a falta, considerando um sacrificio inaudito o cumprimento do dever, o comparecimento da classe ás formaturas escolares, diminuindo, sob pretextos futeis, e excessos de lectivo, em palestras interminaveis e occupações extranhas ao officio, enquanto os alumnos ficam entregues a indisciplina natural da infancia ; exercel-a sem abnegação, sem esse indispensavel amor ás crianças tão necessario á profissão, limitando-se ao aborrotamento da memoria infantil de regras e definições irassimilaveis, com o abandono completo da parte educativa ; exercel-a assim é fraudar á missão do magisterio, é desconhecer os interesses superiores da patria, é falhar em absoluto á finalidade educativa da escola e melhor e mais honesto seria o abandono definitivo da profissão.

Se ha carreira que exija devotamento, abnegação e entusiasmo a do professor primario está acima de todas. E sem essas condições nada se fará de util no sentido da orientação moderna da escola.

Cumprir o dever pelo temor da punição da falta, fazia-o o escravo. O homem livre cumpre o seu dever porque o deve cumprir, por que tem noção exacta da dignidade pessoal, que o impele instinctivamente ao cumprimento desse dever. E no dia em que todos os professores pensarem assim, em que se busque o magisterio por um pendor irresistivel do coração, em que todos os professores comprehendam que lhes cumpre a formação intellectual, moral, fisica e civica do povo, a escola terá correspondido á sua missão e o Brasil ascenderá á grandeza dos seus destinos.

“Dedicae-vos a desenvolver a criança e não a dirigil-a como se dirige um cão”. (Pestalozzi).

Modelos cívicos



VIII

DEODORO DA FONSECA

Nasceu o proclamador da Republica na tradicional cidade de Alagôas, aos 5 de agosto de 1827, do casal Manoel Mendes da Fonseca e D. Rosa Paulina da Fonseca.

Aos 16 annos de idade, feitos na antiga capital os estudos primarios, verificou praça, voluntariamente, no 4.º batalhão de artilharia, matriculando-se logo na Escola Militar. Em 1845 foi confirmado cadete de 1.ª classe e em 1848 concluiu o curso de artilharia.

A carreira militar de Deodoro, feita até o posto de coronel nos campos de batalha, foi a seguinte: 2.º tenente em 1849 ; 1.º tenente em 1852 ; capitão em 1856 ; major, por actos de bravura, em 1866 ; tenente-coronel, tambem por actos de bravura, em 1868 ; coronel em 1869 ; brigadeiro em 1874 ; marechal de campo em 1887 e, por fim, generalissimo em 1890.

Os seus serviços de guerra tornaram-no uma das figuras mais prestigiosas e notaveis do Exercito Brasileiro. Basta uma simples enumeração :

Em 1849 tomou parte no ataque de Recife, contra os rebeldes, distinguindo-se de modo a merecer louvores do commando em chefe pela parte saliente que tomou na defeza do quartel da Soledade e, depois, no combate de Natuba, na provincia da Parahyba. Em 1858 serviu na Escola Militar, seguindo no mesmo anno para a provincia de Matto Grosso, onde prestou serviços relevantes. Em 1864 seguiu para a campanha do Estado Oriental do Uruguay, havendo-se com denodo no cerco de Montevideo até a capitulação em 1865. No

anno seguinte, no posto de capitão, partiu para a guerra do Paraguay. Tomou parte nos combates de 16 a 17 de abril desse anno, sendo elogiado pela sua bravura. Assistiu o combate de 2 de maio e na batalha de 24, em Tuyuty, portou-se com denodo, batendo-se valentemente, sendo por isso elogiado em ordem do dia do Exercito. Combateu em 16 de julho de 1867 em Protero Ovelha, tomou parte nos combates de Estabelecimento, Angustura, Itororó, onde foi ferido, sendo recommendado por seus feitos d'armas pelo commando geral e promovido ao posto de coronel. Em 1870 commandou as 4.ª e 8.ª brigadas de infantaria, combatendo bravamente em Pirebubuy e Campo Grande, merecendo louvores entusiasticos do Conde d'Eu.

Fez toda a campanha do Paraguay, regressando á Côrte prestigiado pelo seu proprio merito militar e pelos serviços prestados á nação nos campos de batalha.

Em 1874 commandou as fronteiras de Quarahin e Livramento. Depois de exercer diversas commissões militares, foi nomeado commandante das armas da provincia do Rio Grande do Sul. Quartel Mestre General, novamente commandante das armas do Rio Grande do Sul, exercendo igual commissão em Matto Grosso.

Ao irromper a celebre questão militar foi Deodoro uma das figuras mais salientes na defeza dos brios de sua classe. Recusou, então, o titulo de visconde e a cadeira de senador do Imperio, com que lhe quiz attrahir o governo, respondendo ao barão de Cotegipe que recusava a senatoria por não ser politico e o titulo de visconde por contentar-se com a nobreza das suas proprias acções.

Pretendeu ainda Cotegipe gratificar-o largamente por serviços militares prestados em Matto Grosso. Mas Deodoro, ao funcionario do Thesouro encarregado de pagar-lhe, respondeu singelamente, recusando uma somma enorme :

“A minha familia compõe-se de duas pessoas, eu e minha mulher : o meu soldo nos basta”.

Em torno de Deodoro juntou-se a fina flôr do Exercito ; tornou-se a maior figura militar desse tempo. A propaganda republicana, pelos seus elementos militares, aproveitou habilmente o grande prestigio militar de Deodoro e a sua indisposição profunda com o gabinete Ouro Preto. Appellaram para elle os palladinos da democracia. Deu-lhes Deodoro o seu apoio e, a frente delles, proclamou a Republica.

Chefe do governo provisorio, primeiro presidente constitucional da Republica, Deodoro, mal inspirado, dissolveu o Congresso Nacional e o seu gesto de suprema violencia produziu a revolta de 23 de novembro de 1891, chefiada pelo almirante Custodio de Mello.

Amparado ainda pelo Exercito, pelos governadores dos Estados, excepção unica do Pará, pela policia da Capital Federal, pelas fortalezas, podendo, portanto, resistir e vencer a sublevação ; Deodoro, dispondo de todos esses elementos, preferiu renunciar a presidencia, para não derramar sangue brasileiro.

Deixou o governo, obteve a sua reforma e recolheu-se ao seu lar. Velho, 64 annos de idade, dos quaes quasi meio seculo consagrados ao serviço nacional, com o organismo minado por enfermidades contrahidas na guerra do Paraguay e agravadas pelo peso dos annos, o soldado glorioso fizera jús ao descanso, deixando aos politicos a politica republicana. Elle fôra simplesmente um soldado, um guerreiro, feito integralmente de lealdade e patriotismo. A sua intelligencia não comprehendia es-

sas subtilezas da politica, nem a sua consciencia transigia com os princípios por amôr as posições. E a 23 de agosto, no Rio de Janeiro, fechava os olhos para sempre o grande soldado, o patriota sem manchas, o proclamador da Republica.

IX

FLORIANO PEIXOTO

Nasceu a 30 de Abril de 1839, no engenho “Ponte Grande”, freguezia de Pioca, municipio de Maceió. Filho do coronel Manoel Vieira de Araujo Peixoto. Verificou praça, voluntariamente, no Rio de Janeiro, no 1.º batalhão de artilharia a pé, em 1.º de maio de 1857, matriculando-se depois na Escola Militar, 2.º tenente a 2 de dezembro de 1861 ; 1.º tenente a 30 de dezembro de 1863 ; commissioned no posto de capitão seguiu para o Paraguay em 1865, servindo no 1.º Corpo de Voluntarios da Patria. Foi escolhido para impedir as communições entre duas columnas inimigas, pondo-se no commando de uma esquadrilha formada de vapores e pequenas embarcações, conseguindo bravamente o proposito do commando em chefe, operando entre Itaquí e Uruguayana. Este serviço consideravel valeu-lhe a confirmação do posto de capitão a 22 de janeiro de 1866. A sua bravura revelou-se no combate de Estero Belaco (13 de abril), na batalha de 22 e no combate de 28 do mesmo mez. A 3 e a 24 bateu-se valentemente, o que tambem fez a 14 de novembro, sob as ordens de Menna Barreto. Tomou parte activa no reconhecimento de Lameles, o que lhe valeu a commissão do posto de major (26 de julho) e o commando do 44.º de Voluntarios da Patria (26 de agosto). A’ frente do seu batalhão tornou-se um verdadeiro heroe. Combateu na passagem de Itororó, em Avahy e Lomas Valentinas, sendo então confirmado no posto de major

(20 de fevereiro de 1869) por actos de bravura. Atacou e perseguiu o inimigo até Campo Grande (21 de maio), lutou em Pirebebuy (12 de agosto), em Campo Grande (16), em Conguipurú (18), em Itacuruhy (janeiro de 1870), onde destrou por completo o inimigo, tomando-lhe armas, munições e bandeiras, e assistiu em Aquidaban o epílogo da guerra.

Promovido a tenente-coronel, desempenhou importantes comissões militares, no Paraguay e no paiz.

Membro da comissão de melhoramentos do material do exercito (1872), bacharel em sciencias physicas e mathematicas no mesmo anno; coronel por merecimento em 1874; director do Arsenal de Guerra de Pernambuco (1878), inspector dos depositos de artigos bellicos (1881); brigadeiro e commandante das armas de Pernambuco e Alagoas (1883) presidente e commandante das armas em Matto Grosso no mesmo anno; commandante da 2.^a brigada do exercito em 1889; ajudante-general no mesmo anno (junho); marechal de campo, em julho, ainda no mesmo anno.

Tomou parte saliente na proclamação da Republica, recusando combater a parte do exercito revoltada e as ordens de Deodoro. Ministro da Guerra do governo provisório; vice-presidente da Republica do primeiro governo constitucional.

Renunciando Deodoro a presidencia, coube a Floriano substituil-o no governo da Republica. Foi um governo tempestuoso, mas efficaz á consolidação das instituições republicanas. A 19 de fevereiro de 1892 irrompe a revolta da fortaleza de Santa Cruz, com ramificação no Rio de Janeiro. Floriano suffocou-a promptamente. A imprensa, os espiritos hostis ao regime, os decepcionados daquella revolta, os elementos politicos apeados nos Estados, promovendo a impopularidade do governo, levantavam no paiz a onda formidavel da

a renunciar o governo. Floriano reformou-os. A 1.^o de abril de 1892 a excitação popular desencadeiou a anarchia nas ruas do Rio de Janeiro. A presença de Floriano nos focos de maior exacerbação, arrefeceu a exaltação dos animos. Foram presos e desterrados para varios pontos do paiz os cabeças do movimento.

A 6 de setembro parte da marinha nacional, sob o mando do almirante Custodio de Mello revolta-se na bahia de Guanabara e essa revolta, mais tarde, pronunciou-se francamente pela restauração da monarchia, quando o almirante Saldanha da Gama, saindo da neutralidade em que se mantivera, por ella se manifestou. Floriano, então corporificou a Republica.

Em torno da sua autoridade formaram todos os republicanos da propaganda, o exercito, parte da Marinha, a mocidade das escolas superiores. E foi uma luta tremenda, na bahia do Rio de Janeiro, nas coehilas do Rio Grande do Sul, no Paraná, em Santa Catharina. Houve momentos em que a Republica periclitou seriamente e o desanimo apoderou-se dos mais decididos defensores do regime. Só Floriano não vacillava. A' sua energia, á sua resistencia, á sua bravura serena, ás suas raras e surprehendedentes qualidades de organização e de mando ficou devendo a nação brasileira a consolidação das instituições republicanas.

Glorificado de sul a norte, Floriano resistiu as seduções dos que viam na dictadura militar uma necessidade suprema do regime, e, nobremente, entregou o poder a Prudente de Moraes, eleito para substituil-o.

A 29 de junho de 1895 falleceu o Grande Brasileiro, em Divisa, no Estado de Minas. Seu cadaver foi transportado para o Rio de Janeiro, onde o povo prestou-lhe homenagens sem exemplo.

Alcindo Guanabara, traçando a psychologia de Floriano, ainda em vida do Ma-

rechal e quando elle se achava no governo, teve esta affirmação : — “O serviço que elle prestou de haver resistido a revolução e de manter-se no posto em que a lei o collocou foi o maior que se podia prestar á nossa Patria, ameaçada de se engolfar no abysmo de caudilhagem. E essa intenção foi sempre a sua. Não ha homem politico que lhe não tenha ouvido dizer umror de vezes, desde muito tempo :

— Desta cadeira, só duas forças são capazes de me arrancar : a Lei e a Morte”.

X

DR. ANTONIO LUIZ DANTAS E
BARROS LEITE

Nasceu na então villa de Penedo, a 13 de fevereiro de 1812 das nupcias do coronel de milicias José Gomes Ribeiro e D. Anna Felicia de Macedo Leite, filha do mestre de campo Antonio Luiz Dantas de Barros Leite. Parece ter sido o primeiro alagoano formado em direito na Faculdade de Olinda. Recebendo o gráo de bacharel em 1832, seguiu logo para a Côrte a fazer o anno de pratica que então se exigia para o exercicio do cargo de Juiz de Direito. Feito o estagio, a 5 de Setembro de 1833, foi nomeado para essa judicatura em Maceió.

Não podia o novo magistrado ficar alheio ás agitações politicas da sua provincia, não só pelo seu proprio merecimento como pelo prestigio real de sua familia na zona sanfranciscana. Assim, foi eleito deputado ás 1.^a e 2.^a legislaturas provincianas (1835-1839), mandando-o á provincia ao Parlamento Nacional (1838-1841), mandato que foi renovado na seguinte legislatura. Com o fallecimento do senador Nunes Eugenio de Locio Seibliz, seu nome foi incluido na lista dos substitutos, sendo escolhido em 21 de julho de 1843.

Como Senador do Imperio, falleceu no Rio de Janeiro a 9 de julho de 1870.

Foi uma das grandes figuras dos primeiros dias da provincia das Alagoas, politico moderado, espirito culto, impondo-se pela sua intelligencia e discreção de suas attitudes á consideração de seus pares na Camara vitalicia do Imperio.

XI

CONSELHEIRO SILVERIO FERNANDES DE ARAUJO JORGE

Magistrado de vasta cultura juridica e de uma integridade sem intermitencias, tendo attingido ao ponto culminante de sua carreira, sempre brilhante, pelo seu merecimento moral e pela sua copioso e solida illustração. E' uma das figuras mais notaveis da provincia.

Nasceu na cidade das Alagoas aos 20 de junho de 1817 e formou-se em Direito em 1840. A sua carreira de magistrado registra as seguintes etapas :

Promotor Publico da comarca de Maceió (1842-1845) ; Juiz Municipal da mesma comarca (1848-1850) ; Juiz de Direito da comarca de Cuyabá e Chefe de Policia de Matto Grosso (1851-1853) ; Chefe de Policia da Parahyba (1854) ; Juiz de Direito das Comarcas das Alagoas e Maceió (1854-1872) ; Desembargador das Relações do Maranhão, Ceará e Pernambuco (1872-1886) ; Ministro do Supremo Tribunal de Justiça de fevereiro a novembro de 1887, em cujo cargo rematou, aposentando-se, a sua carreira de magistrado.

Politico, foi deputado provincial, deputado geral das Alagoas e Matto-Grosso. 1.^o vice-presidente da provincia, tendo exercido a administração em 1868, 1870 e 1871.

Foi casado com D. Adriana Maria de Pontes e do seu consorcio houve nove filhos.

Socio fundador e honorario do Instituto

Archeologico e Geographico Alagoano e seu presidente de 1869 a 1872. Era Comendador da Ordem da Rosa e Conselheiro do Imperio.

Cego e pobre, falleceu em Recife em 20 de julho de 1893.

XII

TENENTE-CORONEL MANOEL MENDES DA FONSECA

Filho de Manoel Mendes da Fonseca Galvão e de D. Maria Mendes, nasceu em Anadia, a 25 de julho de 1785. Voluntariamente verificou praça no Regimento de Infantaria do Recife, a 25 de setembro de 1806. Em 1815 foi mandado servir em Alagoas, então convulsionada pela revolta dos pretos, voltando a Pernambuco em 1817 a combater os sediciosos desse anno. Em 1819 destacou novamente em Alagoas, no desempenho de importante commissão militar. Em 1822, simples sargento, promoveu a aclamação de D. Pedro I, publicando uma proclamação e "nesse mesmo dia deu espontaneamente o primeiro grito de independencia." Devido a importancia de seus serviços á causa nacional foi promovido a alferes e a tenente no mesmo dia. Capitão em 1823. No commando militar de Maceió, foi confirmado no posto de major, em abril de 1829. Secretario do commando das armas no mesmo anno, commandante do 11 de caçadores, commandante das armas interino em 1831. Conselheiro effectivo do governo, eleito para os 2.º e 3.º Conselhos Geraes; commandante geral das forças da provincia em setembro de 1835; presidente do trôco, em abril de 1837; deputado provincial nas tres primeiras legislaturas; juiz municipal em julho de 1839; juiz de direito e chefe de policia interino em agosto do mesmo anno.

Quando foi da transferencia da Thesouraria da cidade das Alagoas para Ma-

ceió, no governo do dr. Agostinho da Silva Neves, em 1839, foi um dos chefes do movimento sedicioso que pretendeu obstar a transferencia e depoz aquella autoridade. Vencida a sublevação, foi preso, conduzido ao Rio de Janeiro e recolhido á fortaleza de Santa Cruz, respondendo a conselho de guerra, que o mandou pôr em liberdade. Reformou-se no posto de tenente-coronel. Era casado com D. Rosa da Fonseca, de quem houve os seguintes filhos: Hermes Ernesto da Fonseca (1824); Severiano Martins da Fonseca (1825); Manoel Decodoro da Fonseca (1827); Pedro Paulino da Fonseca (1829); Hypolito Mendes da Fonseca (1831); Eduardo Mendes da Fonseca (1833); João Severiano da Fonseca (1835); D. Emilia Rosa da Fonseca (1837); D. Amelia Rosa da Fonseca (1839); Affonso Aurelio da Fonseca (1845), unico que nasceu no Rio de Janeiro.

Era cavalheiro da Ordem de S. Bento de Aviz e condecorado com as medalhas da guerra da Independencia e da Bôa Ordem.

Falleceu no Rio de Janeiro no dia 24 de agosto de 1859.

Foi um soldado valente e um cidadão cheio de serviços á sua terra natal e ao seu paiz.

C. C.

Cada creança deve escolher o seu destino: e, conforme essa escolha, viverá segundo os ditames da razão ou sossobrará numa vida de appetites. (J. Payot).

* * *

As paginas de um manual de educação civica representam immensa coragem, sofrimento, paciencia e sacrificios. Nessas paginas estão inscriptas a dignidade, as garantias, as liberdades arrancadas aos oppressores pelos camponezes e pelos operarios. (J. Payot)

METHODOLOGIA



HISTORIA NATURAL

1.º anno

(Curso elementar)

P. — Creanças, vamos dar começo á nossa lição.

Que explicação querem ouvir hoje ?

A. — Sobre Historia Natural.

P. — Sim, senhores, sobre *Historia Natural*... Desejam que lhes fale da Natureza, isto é, dos seres que se encontram na terra. Que vemos na terra ?

A. — Tanta cousa...

P. — Todas essas cousas têm nomes.

Aqui estamos nós, estão as mesas, os quadros, lavatorios ; pois bem, tudo é da natureza. Nós o que somos ?

A. — Pessoas.

P. — Sim, pessoas; somos *animas*. E as mesas ?

A. — São objectos.

P. — São objectos feitos de que ?

A. — De madeira.

P. — Muito bem ! A madeira com que foram feitas as mesas, é tirada das arvores e as arvores são diferentes dos animas : são plantas ou *vegetaes*. Digam-me o lavatorio tambem será de madeira ?

A. — Não, senhora, é de ferro.

P. — Eis ahí outra cousa diferente. O ferro, com que se fez o lavatorio, foi tirado das minas : é um mineral. Então, que vemos na terra ?

A. — Animas, plantas ou *vegetaes* e *mineraes*.

P. — Muito bem ! Animas, plantas ou *vegetaes* e *mineraes*. Como vêm, temos tres reinos : o animal, o vegetal e o mineral. Quando estudamos sómente os animas, chamamos a esse estudo *zoologia* ; quando

estudamos as plantas, chamamos *botanica*, e quando estudamos os *mineraes* chamamos *mineralogia*.

Vamos, agora, conversar um pouco sobre os animas, principalmente sobre o *homem*. Todos nós somos animas ?

A. — !!!...

P. — Sim, creanças, todos nós somos animas, havendo differença do homem para o gato, o cão, etc. Vou mostrar a vocês a differença. Quando o menino deseja qualquer cousa, não pede ? E o gato quando deseja alguma cousa, pede ?

A. — Não.

P. — Porque ? não sabem ? Eu explico. O menino raciocina e o gato não. Portanto, o menino é um animal racional e o gato um animal irracional. Vamos ao estudo dos animas racionais.

Gilberto, venha você até aqui servir de modelo. Prestem attenção. Aqui está o Gilberto, vamos estudar o corpo humano. Que tem o Gilberto ?

A. — Cabeça, tronco, braços e pernas. (Vae apontando todas as partes).

P. — Muito bem ! Cabeça, tronco, braços e pernas. Aos braços e ás pernas tambem chamamos membros superiores e membros inferiores. Os braços são membros superiores, porque estão acima, e as pernas membros inferiores, porque estão em

Digam-me agora.

Que é que liga a cabeça ao tronco ?

A. — O pescoço.

P. — Sim, senhor. A cabeça está ligada ao tronco pelo pescoço. E a cabeça como se divide ?

A. — !!!...

P. — Divide-se em *craneo* e *face*. O *craneo* é esta parte que está coberta pelos

cabellos. A face é esta parte em que estão os olhos, o nariz, a bocca e as orelhas. Nos olhos temos as sobrancelhas, as palpebras e os cilios, isto é, as pestanas. Para vêr, possuímos os olhos ; para ouvir, temos as orelhas ; para cheirar, o nariz ; para comer e falar, temos a bocca e a lingua. Que differença faz, você, Ricardo, do homem para o gato ?

A. — O homem raciocina, pensa e sabe dizer o que sente e o gato não pensa, não sabe dizer o que quer.

P. — Muito bem ! Você é um animal ?

A. — Sou, sim, senhora.

P. — O gato é um animal ?

A. — E', sim, senhora.

P. — Você e o gato, sendo ambos animaes, são iguaes ?

A. — Não, senhora.

P. — Porque ?

A. — Porque eu sou um animal racional e o gato é irracional.

P. — Perfeitamente. Vamos saber em quantas partes é dividido o corpo do homem ?

A. — Em tres: cabeça, tronco e membros.

P. — Quaes são os membros ?

A. — Os braços e as pernas ?

P. — Onde estão os braços ?

A. — Em cima do tronco.

P. — Como são chamados ?

A. — Membros superiores.

P. — E as pernas ?

A. — Membros inferiores.

P. — Muito bem ! (Continúa a recapitulação até ao ponto explicado e depois prosegue). Já vimos o que temos na cabeça, passemos ao tronco.

O tronco compõe-se de peito e ventre. Olhem o braço de Gilberto. Em quantas partes elle póde dobrar o braço ?

A. — Em tres.

P. — Pois são de tres partes que se

E a perna elle tambem póde dobrar em tres partes, portanto compõe-se de tres partes que são chamadas *coxa*, *perna* e *pé*. Que temos nas mãos e nos pés ?

A. — Dedos.

P. — Muito bem ! Dedos. E que enfeites têm os dedos ?

A. — Unhas.

P. — Os dedos das mãos cada um tem seu nome.

Olhem para a mão de Gilberto que vou dizer como elles se chamam : este, d'aqui, chama-se *pollegar* e, com elle, medimos as pollegadas; este outro chama-se *indicador* e, com elle, mostramos o objecto que queremos, ou apontamos para indiar o menino que chamamos, quando elle está no me'o de muitos; este outro é chamado *medio* porque está bem no meio; este outro chama-se *annular* porque nelle usamos os anneis; e este ultimo é o *minino* por ser o menor de todos. O nosso corpo está coberto de *pelle*, a qual é muito sensivel.

E' verdade, estava tão satisfeita com vocês por ver a attenção que prestavam á explicação, que me esqueci de dizer que o nosso corpo tem *ossos*, sem os quaes não poderiam dar vocês os movimentos que ora fazem, principalmente na gymnastica. A' reunião de todos os ossos do nosso corpo, é o que chamamos *esqueleto*.

Cada um desses ossos tem seu nome particular, que lhes ensinarei de outra vez.

Na lição vindoura, quero ver quem responde melhor ás minhas perguntas. Aquelle que assim o fizer, terá uma nota optima.

NOTA : — Em outra explicação recordará ligeiramente a professora tudo quanto ensinar e dirá os nomes dos ossos.

Juliêta Leal Penna.

UMA LIÇÃO PRÁTICA DE
PORTUGUÊS

no 2.º anno

Pronomes pessoas

A professora escreverá no quadro negro as seguintes palavras : *eu tu, elle ou ella, nós, vós, elles ou ellas.*

— A nossa palestra de hoje vai ser sobre estas palavrinhas que todas vocês estão vendo escriptas no quadro negro.

Darce, leia o que ali está escripto!

— *Eu, tu, elle ou ella, nós, vós, elles ou ellas.*

— Muito bem. Provavelmente as minhas alumnas têm pronunciado estas palavras e constantemente ouvem dizer : eu trabalho, tu trabalhas, elle ou ella trabalha, nós trabalhamos, vós trabalhaes, elles ou ellas trabalham. Não é assim ?

Nubia, já tem ou não esutado isto ?

— Já, sim senhora.

— Quando você me vem dizer que comprehendeu a lição, como diz ?

— Eu comprehendí a lição.

— Perfeitamente. Escreva no quadro negro o que você acaba de dizer.

(A alumna obedece).

Em lugar de você pronunciar o seu nome proprio que palavra collocou ?

— Eu.

— MUITÍSSIMO BEM, estou satisfetissima com esta resposta.

Carolina, que foi que Nubia collocou em lugar do nome della quando se dirigiu a mim.

— Uma daquellas palavras que a senhora escreveu no quadro negro.

— Qual foi a palavra, Nilza ?

— A primeira, *eu.*

— Perfeitamente

Jabeth, se você precisar perguntar a uma sua collega se ella vai domingo ao Capitolio, empregará á mesma palavra que Nubia empregou ?

— Não, senhora.

— E como dirá então ?

— (—)

— Não comprehendeu a minha pergunta ?

Auxilie a sua colleginha, Georgina.

— Eu perguntarei assim : Lourdes, vaes domingo ao Capitolio ?

— E' isto mesmo, mas eu quero que, você não pronuncie o nome della ; quero que, em lugar do nome, você ponha uma daquellas palavras que escrevi no quadro negro.

— Ah, já sei. Tu vaes domingo ao Capitolio ? (grita a Francisquinha.)

— Bravo ! a Francisquinha merece elogios e uma nota dez ! ! Uma vez que Francisquinha acertou, ella irá escrever no quadro negro o que disse.

(Depois de obedecida a ordem).

— Que fez você, Francisquinha ?

— No lugar do nome proprio de Lourdes, colloquei a palavra *tu.*

— Estou encantada com a sua resposta, Francisquinha.

E se eu perguntar a Vandette : Aurelia compareceu hoje á escola ? Como você responderia ?

— Aurelia está doente ; por isso não veio.

— Está muito certa a sua resposta ; porém, eu faço questão que você não pronuncie o nome della.

Quero que, em lugar do nome da collega, colloque uma das palavras que escrevi no quadro negro.

— Prompto. Eu vou acertar. Direi assim : (salta a Nubia). Ella está doente ; por isso não veio.

— Muito bem. GANHOU UMA NOTA OPTIMA.

— Deolinda, porque Nubia acaba de ganhar uma nota optima ?

— Porque no lugar do nome de Aurelia botou a palavra *ella.*

— Perfeitamente.

— Darce como é muito attenta vai recor-

dar um pouco as nossas lições passadas. Quando estudamos o substantivo falámos sobre singular e plural, não foi ?

— Foi, sim senhora.

— Conhecem bem as palavras que pertencem ao singular e as que pertencem ao plural.

— Toda a classe a uma só voz: Conhecemos.

— Como é que fazem esta distincção ?

— Quando ha uma cousa só, uma pessoa só, um animal só, está no singular ; e quando ha mais de uma está no plural.

— Maria Luiza, olhe bem o quadro negro, e veja se das palavras escriptas por mim ha alguma no singular.

— Ha, sim senhora.

— Quaes são ellas ?

— São . . .

— Não sabe ? Lembra-se do que Nubia me respondeu ? Olhe com attenção o quadro negro, que acertará.

— Ahn ! Foi isto : Eu comprehendí a lição.

— Esta palavra *eu* está no singular ou no plural ?

Todas a um só tempo : No singular porque sómente ella foi quem falou.

— Muito bem.

Que me dizem sobre a resposta de Francisquinha ? Recordam-se ?

— Tu vaes domingo ao Capitolio ?

— Sabe dizer, Maria de Lourdes, se essa palavra *tu* se refere a muitas meninas ou a uma só ?

— Sei, sim senhora. Está no singular porque *tu* está occupando o lugar do nome de uma menina só, Lourdes.

— Estou radiante com a sua resposta.

Agora, vamos recordar o motivo da Nubia ter ganho a nota optima.

— Grita Arlette: ella está doente, por isso não veio. *Ella*, está no singular porque Aurelia sosinha é que está doente e esta palavra está no lugar do nome della.

— Ora, estou contente porque vejo que todas comprehenderam direitinho e já podem responder-me esta pergunta.

Ali no quadro negro, quaes são as palavras que pertencem ao singular ?

— Todas de uma só vez : Eu, tu, elle.

— E as outras não pertencem ?

— Não, senhora.

— Porque ?

— Porque nós, a gente diz, referindo-se a mais de uma pessoa.

— Como é então ?

— Digam. Quero aprender isto.

Berenice indo com Jessie a Mangabeira, como me vem dizer ?

Já sabem que hoje não quero que pronunciem nome de ningem ; no lugar dos nomes proprios hão de pôr uma das palavras do quadro negro.

Irão dizer : Eu vamos a Mangabeira ? Tu vamos a Mangabeira ? Elle vamos a Mangabeira ?

Estarão correctas estas palavras ?

Uma menina bonita que mora na Capital e que estuda póde falar assim ?

— Não, senhora. Eu diria : Nós vamos a Mangabeira.

Muito bem. E porque não disse você como acabo de dizer ?

— Porque somos nós duas que vamos a Mangabeira.

— Pois bem, escreva no quadro negro a phrase que você acaba de pronunciar, Jessie.

(A alumna obedece).

— Que quiz a sua colleguinha dizer com isto, Darce ?

— Que só se póde collocar em lugar dos nomes das duas meninas, a palavra *nós* porque pertence ao plural.

— E porque pertence ao plural ?

— Porque ha mais de uma menina que vae a Mangabeira.

— Perfeitamente. Hoje aqui ninguem comeu casca de queijo, não foi ? Estão to-

das com a memoria predisposta a aprender e gravar.

Stella, tendo eu e uma collega minha promettido a você irmos hontem a sua casa e, se por qualquer circumstancia, não tivermos ido, como você nos perguntará sem pronunciar os nossos nomes proprios ?

— Porque as senhoras não foram ?

— Respondeu muito bem, porém exijo que a palavra *senhoras* seja substituida por uma das que estão escriptas por mim no quadro negro.

Margarida, veja se accerta.

— (—)

— Não sabe, minha filhinha ? !

Procure um meio de no lugar desta palavra *senhoras* collocar uma daquellas que você ahí vê.

— Ah ! já sei.

— Então fale.

— Porque vós não foram ?

— Muito bem ; mas, em vez de você dizer : Porque vós não foram ; diga : Porque vós não fostes ?

Repita Margarida, as minhas palavras e as escreva no quadro negro.

(A alumna obedece).

— Estou enthusiasmada com a Margarida.

— Agora Stella vae me dizer se esta palavra *vós* está no singular ou no plural ?

— Está no plural.

— Porque Arlinda ?

— Porque *vós* está no lugar dos nomes das duas professoras.

— Muitissimo bem. Como as minhas alumnas, nenhuma outra mais applicada.

Agora Clara é quem vae falar. Veja o que faz para tambem receber uma nota optima. Vá ao quadro negro e nelle escreva a seguinte palavra : Juracy e Maria Thereza faltaram á escola.

— (Obedecida a ordem).

— Está muito bem escripta. Desde o

começo dessa nossa lição que você vê as suas collegas substituirem os nomes das pessôas por uma daquellas palavras que escrevi no quadro negro.

Logo você tem tambem de substiuir os nomes das suas collegas por uma das taes palavrinhas.

— Ellas faltaram á escola.

— E' isto mesmo. Estou muito satisfeita, Clara. Saberá você mesma dizer se essa palavra *ellas* está no singular ou no plural ?

— Está no plural.

— Porque ?

— Porque foram duas meninas que faltaram á escola e a palavra *ellas* colloquei no lugar dos nomes dellas.

— Perfeitamente. Estou contente com todas vocês.

Vemos escriptas no quadro negro as seguintes palavras : *eu, tu, elle* ou *ella, nós, vós, elles* ou *ellas* e tambem as phrases seguintes :

Eu comprehendi a lição.

Tu vae domingo ao Capitolio ?

Ella está doente ; por isso não veio.

Nós fomos á Mangabeira.

Porque vós não fostes ?

Ellas faltaram á escola.

Preciso dizer a todas vocês que a nossa lição de hoje é sobre pronomes pessoaes.

Intelligentes e attenciosas como são as minhas alumnas certamente já comprehenderam que estas palavrinhas *eu, tu, elle* ou *ella, nós, vós, elles* ou *ellas*, chamam-se pronomes pessoaes, não é assim ?

— Toda a classe a uma só vez : Comprehendemos.

— Quaes são os pronomes pessoaes que Iracy conhece ?

— Eu, tu, elle ou ella, nós vós, elles ou ellas.

— Muito bem. Estou encantada com a sua resposta.

Se lhe perguntarem Neuza, que são pronomes pessoais, você o que responde ?

— São . . .

— Vou auxiliar-a : todas as palavras que naquelas phrases collocamos em lugar dos nomes das suas collegas têm o nome de pronomes pessoais.

— Eu sei, salta a Iracema.

— Chamam-se pronomes pessoais as palavras que collocamos no lugar dos nomes das pessoas. Não é isto ?

— E' sim. Toda a classe saberá isto ?

— Sabemos, sim senhora.

— Então digam, mas expliquem as palavras que se põem em lugar dos nomes das pessoas. Toda a classe a uma só voz : Pronomes pessoais são as palavras eu, tu, elle ou ella, nós, vós, elles ou ellas, que se põem em lugar dos nomes das pessoas.

Bravo ! Agora vão ficar sabendo quantas pessoas grammaticaes têm os pronomes pessoais.

São tres as pessoas grammaticaes dos pronomes pessoais. A primeira pessoa eu, a que fala ; como : Eu comprehendi a lição ; a segunda tu, como quem se fala ; como : Tu vaes domingo ao Capitolio ? ; a terceira elle ou ella, de quem se fala ; como : Ella está doente ; por isso não veio.

— E as outras nós, vós, elles ou ellas ?

— Gostei da sua curiosidade, Nubia.

Não falei logo nellas por serem irmãs das outras que disse ser pessoas grammaticaes.

Há o seguinte : Nós, é o plural da 1.^a pessoa eu ; vós, é o plural da 2.^a pessoa tu ; elles ou ellas, é o plural da 3.^a pessoa elle ou ella. Compreenderam ?

Toda a classe a uma só voz : Compreendemos.

— Uma vez que dizem ter comprehendido, vamos fazer uma ligeira recordação de tudo isto.

Que são pronomes pessoais, Darce ?

— São as palavras que se põem no lugar dos nomes proprios das pessoas.

— Muito bem. Quaes são estas palavras que se põem no lugar dos nomes proprios das pessoas, Maria Augusta ?

— Eu, tu, elle ou ella, nós, vós, elles ou ellas.

— Perfeitamente. Nesta lição falamos em singular e plural ?

— Falámos.

— Diga, Jessie, quaes são os pronomes pessoais que pertencem ao singular ?

— Eu, tu, elle ou ella.

— Agora Dulce vaie mostrar os que pertencem ao plural.

— Nós, vós, elles ou ellas.

— Muitissimo bem. Além de singular e plural os pronomes pessoais têm mais alguma cousa, Helida ?

— Tem, s'm senhora.

— Que é então ?

— As pessoas grammaticaes, que são tres.

— Qual a primeira pessoa do singular, Jabeth ?

— Eu, e a primeira pessoa do plural é nós.

— Muito bem a Jabeth está quasi sabendo como uma professora.

Qual a segunda pessoa do singular, Georgina ?

— Tu.

— Sabo você mesma quem é a irmã de tu, a segunda pessoa do plural ?

— Sei, sim senhora.

Diga.

— Vós.

E' uma sabida a Georgina.

Faltará ainda alguma pessoa ?

— Falta a 3.^a pessoa.

— Quem souber diga.

— Elle ou ella 3.^a pessoa do singular e elles ou ellas 3.^a pessoa do plural (respondem todas a um só tempo).

— Muito bem. Termino esta lição com saudade pois as minhas alumnas demonstraram gosto, attenção e muita facilidade de comprehenderem as minhas palavras.

Na proxima lição continuaremos a nossa palestra e melhor comprehenderão tudo o que se diz respeito a pronomes pessoas.

6 — 6 — 1927.

Analia de Carvalho Leal:

Do Grupo Escolar Modelo "D. Pedro II".

* * *

Lição de *Cosmographia Rudimentar*

AS NUVENS

2.º anno

A professora pondo-se junto a um mappa de iniciação geographica e collocando as alumnas em semicirculo dá principio a lição.

Meus alumnos vamos tratar na lição de hoje, das nuvens.

Olhem para este mappa, que veem ?

A. — Manchas.

P. — Pois são estas manchas que se chamam nuvens. Em primeiro logar passo a dizer-lhes o que são nuvens. Prestem attenção. O sol esquentas as aguas do mares, dos rios, das fontes etc., essas aguas sobem, sem que vejamos, em forma de vapor, para a atmospherá e la se accumulam.

Dizendo em forma de *vapor*, não vão pensar que é como um *navio* ou um *trem*, não, é como a fumaça. Nunca viram uma chaleira a ferver ?

A. — Já sim senhora.

P. — Quando levantam a tampa da chaleira o que sahe ?

A. — Fumaça.

P. — Porque sahe fumaça ?

A. — Porque a agua está fervendo.

P. — Quem fez a agua ferver ?

A. — O fogo.

P. — Pois bem, o que o fogo faz com a agua da chaleira, faz o sol com a agua do mar, dos rios e das fontes.

A. — A senhora falou em atmospherá, não sei o que é explique-nos.

P. — Quando vocês sahem ahi, ao recreio ou a rua e olham para cima veem alguma cousa ?

A. — Vemos o céu.

P. — Não. O céu nós não podemos ver. Aquella massa azulada que está acima das nossas cabeças, chama-se atmospherá.

La é que o vapor da agua se agglomera e fica então amontoado formando as nuvens.

Voltemos ao nosso mappa. Estas que veem aqui são iguaes ? As que trazem o n.º 1, parecem-se com as que trazem o n.º 2 e o n.º 3 ?

A. — Não senhora. As posições não são iguaes.

P. — Não ha umas mais altas destacadas e de côr clara ?

A. — Ha sim senhora.

P. — Estas assim, do n.º 1, são os *cirrus*. São pequenas nuvens, isto é, que simulam fios ou pennas ligeiras.

Quando ellas se mostram no tempo de calor annunciam chuva.

Como se chamam Paulo as nuvens do n.º 1 ?

A. — Chamam-se *cirrus*.

P. — Como são ? São ligadas e escuras ?

A. — Não, Senhora. São claras e não estão ligadas.

P. — Muito bem. Antonio mostre você agora os *cirrus*. (O alumno aproxima-se do mappa e mostra).

Agora que já conhecem os *cirrus* vamos estudar outras nuvens. Não veem aquellas que estão mais abaixo trazem o numero 2 ?

A. — Vemos.

P. — São da mesma côr ?

A. — São.

P. — Nem sempre, as vezes tem uma côr avermelhada. Vemo-las a tardinha quando o sol se põe. Aquella côr afogueada das nuvens tem o nome de *arrebol*. Vemo-las tambem pela manhã antes do sol nascer. Chamam-se as taes nuvens *stratus* e têm a forma de uma faixa horison-

tal. Josias aponte aqui no máppa uma nuvem *stratus*. (O alumno obedece).

Muito bem.

Vejam agora se descobrem outras nuvens que não sejam *stratus* ou *cirrus*.

Não encontram ?

Olhem aqui (apontando) estas nuvens, tem a mesma forma que as outras que vocês já conhecem ?

A. — Tem sim senhora.

P. — Não, notem que estas são altas, volumosas parecem umas montanhas e as vezes são escuras. Sempre se resolvem em chuva.

Chamam-se *cumulos*.

Compreenderam ?

José Ramos mostre-me uma nuvem *cumulos*.

(Signal do alumno).

P. — Perfeitamente.

Agora você Cortez mostre outra.

(Imita Cortez o que fez o collega).

P. — Muito bem. Agora vou recapitular para ver se aprenderam alguma cousa.

Volta a interrogar individualmente os alumnos, conhecendo assim se todos aproveitaram a lição.

8—6—1927.

Isaura Leal Carrascosa.

Do Grupo Escolar "Fernandes Lima".

* * *

GEOGRAPHIA

Instrucções para o professor : Deverá, partindo das noções que a criança já possui, levar o alumno á concepção da Geographia como sciencia, — o estudo da superficie da esphera terrestre.

MODELO. — Agora já vocês sabem que a Terra é redonda, á semelhança de uma bola.

Dirão vocês que, não obstante os factos que já mencionei, provando essa redondeza, é mui difficil conceber-se que seja

oíhos, ella se affigura plana. E' uma pura illusão, essa primeira impressão.

E' preciso notar, em primeiro lugar, que a Terra é immensamente grande em relação ás proporções do nosso corpo e dos objectos que podemos abraçar com a vista. Demais nós estamos agarrados a ella, muito juntos, e assim não podemos avaliar a sua configuração. Nós, sobre a Terra, somos menos, em relação a ella, do que uma formiga sobre este globo. Digam-me cá : se uma formiga que andasse aqui por cima, tivesse grande entendimento e quizesse examinar a configuração, a fórma desta esphera, seria ella capaz de perceber, só pela vista, que estava sobre um corpo redondo ?... Não por certo. A extensão que ella visse em face de si parecer-lhe-hia plana, exactamente como nos succede quando fitamos a extensão dos mares. Acresce ainda uma circumstancia : a superficie desta esphera é perfeitamente lisa, e a Terra, na terra propriamente, onde habitualmente vivemos, não o é ; ahi está ella cortada de montanhas, serras, morros, rios, coberta de mattas, etc., que, sendo muito superiores ás nossas dimensões, embaraçam-nos a vista e não nos deixam apreciar a configuração da Terra como effectivamente é.

Todavia, apezar disto, temos meios de verificar, com a propria vista, a redondeza da Terra. Por exemplo, quando no alto mar, ou mesmo na costa, avistamos um navio, a primeira cousa delle que se avista é a extremidade dos mastros. Tal não se daria se a terra fosse plana : logo que o olhar alcançasse o navio, vel-o-iamos por completo. Se, primeiro, avistamos o alto dos mastros e depois, á proporção que elle avança para nós, é que vai apparecendo o resto, como se elle fôsse emergindo do mar, é porque a superficie do mar é redonda e convexa, como a desta esphera, e então dá-se isto :... (no quadro negro, ou mesmo sobre o globo geographico, com

o auxilio de um objecto qualquer, o professor faz a demonstração, tornando bem sensível aos alumnos como e porque é que avistamos primeiro a extremidade dos objectos que fitamos, dizendo-lhes que nós vemos sempre em linha recta, que quando não se póde tirar uma linha recta do ponto onde estamos até o objecto que queremos ver, nós não n'o vemos, e por isso se nós estamos collocados no ponto *A* e olhamos na direcção *B*, nada vemos, mas se o objecto *C* sahir do ponto *a*, e vier para o ponto *b*, nós avistamol-o, já, mas sómente a extremidade superior, e se elle sahir deste segundo ponto *b* e avançar para o ponto *e*, então vemol-o, completamente.)

Isto se dá, pois, como vocês viram, porque a superficie da Terra é redonda. O mesmo se dá quando, ao aproximarmos de uma cidade, divisamos os seus primeiros edificios : o que primeiro vemos é o alto destes edificios, torres, etc.

Aquella primeira demonstração, a que me referi na lição passada, sendo já de si concludente, recebe a sua plena confirmação com os factos que acabei de mencionar, que firmam, absolutamente, que a Terra é redonda.

“Mas, dirão vocês, se ella é assim redonda, onde é que ella está segura, porque é que ella não cae ?” Está segura naquillo mesmo em que estão seguros : o Sol, a Lua, as estrellas ; não cae pela mesma razão porque estes astros não cahem.

Agora notemos aqui uma cousa : O que é que nós chamamos *cahir* ?... E' vir para cima da Terra, não é ? Como pois a Terra poderia cahir ?...

“E nós replicarão vocês, e tudo mais que está sobre a Terra, porque é que não nos despegamos d'aqui e não rolamos por ahi a fóra ?...” A resposta vocês têm nos factos e nas observações que vamos assistir e fazer : (o professor mostra aos alumnos um iman, chama-lhes a atenção para a attração que este exerce sobre os pedaços

de ferro, e mostra-lhes como este metal fica adherente, parecendo que uma força o está prendendo e chamando para o iman. Temos aqui, um iman, isto é um pedaço de ferro que tem a virtude de attrahir os outros pedaços de ferro, que a elle se prendem e adherem de fórma que podemos levar o iman para onde quizermos, movel-o, como entendermos, e o ferro está sempre adherente. Colloquemos um cartão entre o iman e o ferro : — ainda o iman tem a sua força de attrahil-o. Agora imaginem vocês que nós collocavamos um grande iman no interior deste globo ; o que é que succederia ? Elle prenderia ao globo todos os pedaços de ferro que por acaso o tocassem ; se algum, por qualquer motivo se desviasse, se affastasse um pouco, elle o chamaria de novo para a superficie do globo, e este globo podia mover-se como entendesse, que os pedaços de ferro ahi estariam sempre. Imaginemos mais, que em vez de attrahir só o ferro, o aço e o nikel, que são os corpos que o iman attrahe, o iman, ou qualquer outro corpo, tivesse a virtude de attrahir todas as substancias, todos os corpos, vivos ou inanimados, — o que succederia então ?... Tudo que houvesse, uma vez, tocado a superficie deste globo ahi se conservaria ; quando uma formiga, por exemplo, que ahi estivesse, desse um salto, seria attrahida, chamada pelo iman do interior do globo, e voltaria para cima d'elle — em summa, CAHIRIA.

Pois é isto o que succede com a Terra : ha no seu centro uma cousa, como um grande iman, que attrahe, que tem a virtude de chamar para si, tudo o que existe por sobre ella. De fórma que o que nós chamamos *cahir* é apenas o impulso que os corpos tomam attrahidos por isto, por esta virtude, de que goza o centro da Terra. Quando um corpo cae, quer dizer : é arrastado por uma força como a que agora arrasta esta agulha para este iman. Alguem empurrou-a ? Não, no entanto ella

foi, correu ao encontro do iman, exactamente como qualquer objecto para cima da terra, atrahido pela força que ha no seu centro, e que se chama GRAVIDADE.

Assim já vocês sabem o que é *cahir* : é ser arrastado para cima da Terra por uma força. Logo a Terra não póde *cahir*, porque a Terra não ha de ser arrastada para cima da propria Terra, da mesma fórma que este iman não póde attrahir a elle proprio, da mesma fórma que você não póde carregar com você mesmo ao hombro.

Por tudo isto já vocês comprehenderam porque motivo é que nós podemos nos conservar sobre este mundo e ahi ficarmos, apesar de elle ser, redondo. Nós aqui estamos e aqui persistiremos, attrahidos, presos por esta força.

Manoel Bomfim.

INSECTOS

PREPARAÇÃO MATERIAL

1 — *Material individual*. Cada alumno deve ter :

a) — *Material commum* : papel de calculo, lapis, borracha.

b) — *Material especial* : caixinha contendo formigas, borboletas, gafanhotos, libellulas, moscas, moscardos, pernilongos, grilos, vagalumes, etc, que o professor, uma semana antes, avisa para caçar.

2 — *Material colectivo* : O professor deve trazer :

a) — *Seres naturaes, objectos* : collecção de insectos, arachnideos, etc., vivos, em caixa de vidro; ou mortos, em vidro, em caixa ou em album, tudo do museu da classe.

b) — *Instrumentos, aparelhos* : pinça e lente.

c) — *Modelos* : de massa, metal, etc.

d) — *Projecções* : chapas para projecções luminosas, se a Escola as possuir.

e) — *Gravuras* : quadros coloridos, representando insectos simples gravuras

de insectos em tamanho natural ou aumentados.

f) — *Desenhos, schemas* sobre partes de um insecto.

g) — *Livros* da bibliotheca de classe.

PREPARAÇÃO MENTAL

3 — *Historieta* :

a) — Vou lhes contar uma fabula. No tempo em que os bichos falavam, havia uma cigarra e uma formiga, que eram vizinhas.

A cigarra cantou todo o verão... cantou... e, quando chegou o inverno, não tinha o que comer. A formiga ao contrario, tendo trabalhado muito, estava, no frio, com a casa bem sortida.

A cigarra foi pedir uma migalha á formiga, que, não sendo amiga de emprestar, perguntou :

— Que você fez no verão ?

— Cantei.

— Cantou ? ! Pois agora dance...

b) — Esta fabula diz que a cigarra é preguiçosa ; mas Fabre, sabio francez, que estudou por miudo, a vida desse e doutros animaesinhos, durante 20 annos, provou que a cigarra é tanto ou mais trabalhadora que a formiga. O que elle notou é que ella é surda como uma porta, pois mandando disparar um canhão debaixo de uma arvore onde uma cigarra estava, ella nem deu por isso, continuando a estridular.

c) — Como as cigarras-femeas não eutam, dizia Xenarca, um grego, que detestava o canto impertinente das mulheres : Felizes as cigarras, porque suas esposas são privadas de voz !

As mulheres athenienses traziam cigarras de ouro nos cabellos, para mostrar que os gregos surgiram do solo da Grecia, como esses animaezinhos saem da terra.

Os gregos costumavam tambem comelas.

O governo chinez de Pekim, creou o cargo de Grão-cigarrista para fornecer todos

o annos cigarras vivas de toda fórma e côr, tal o uso que dellas se fazia : nas visitas o chinez levava uma consigo ; imitavam-na na pintura dos moveis e dos vestidos, punham-na nos ornatos e nos penteadores das mulheres.

4 — Revisão :

a) — Que são animaes vertebrados ? e invertebrados ? Deem exemplos.

b) — Que são anellados ? deem exemplos.

INDUCÇÃO

5 — Observação :

a) — Examinem todos uma formiga — Quantas partes notam no corpo della ?

(3) — A primeira como se chama ? (cabeça) — A segunda se chama thorax, e a terceira, abdomen.

Como se chamam as partes do corpo da formiga ? (escrevo esses nomes na pedra e chamo a attenção para a graphia).

b) — Observem a cabeça — Que notam ? (dois olhos e bocca) — Que mais ? (dois fios). Chamam-se antenas. Repita, A ; B ; F ; Y ; (escrevo esse nome na pedra).

c) — Examinem a segunda parte. Qual é ? (o thorax) — Que notam ? (tres anneis) — Que mais ? (seis perninhas) — Quantas em cada anel ? (duas).

d) — Observem a terceira parte. Como se chama ? (abdomen) — Que notam ? (varios anneis).

6 — Comparação :

a) — Tomem uma borboleta e comparem o corpo della com o da formiga.

b) — Que notaram de semelhante ? (tres partes: cabeça, thorax e abdomen ; seis perninhas ; o thorax com tres anneis).

c) — E de differente ? (o numero de anneis do abdomen ; um tem azas, outro não).

7 — Generalisação :

a) — Ponham sobre a meza : gafanhotos, libellulas, moscas, moscardos, pernilongos, grillos e vagalumes.

b) — (Vejam se a observação que fizeram se repete nelles, isto é : se todos elles têm o corpo dividido em tres partes, se têm seis perninhas, e se têm anneis).

c) — Quem fôr achando, vae dizendo.

8 — Indicação da definição :

a) — Esses animaes que vocês examinaram se chamam *insectos*.

b) — Quem me diz que é insecto ? (é um anellado que tem o corpo dividido em tres partes e tem seis perninhas).

c) — A palavra insecto, formada de insecto, quer dizer seccionado, cortado em seccões, e anneis, o mesmo que em grego significa en — tomo, donde vem entomologia ou descripção de insectos.

9 — Retenção :

a) — Vocês da terceira fila repitam a definição, successivamente ; agora, os da quinta ; da terceira ; — da primeira.

b) — Faça cada um sua synopse no papel.

c) — Venha um fazel-a no quadro-negro. Nós a corrigimos e todos a copiarão :

Insecto	{	cabeça	{	2 olhos
			{	bocca
			{	antennas
	{	thorax	{	6 perninhas
	{		{	3 anneis
	{	abdomen	— de 5 a 11 anneis	

d) — Escrevam a definição de insecto nos seus papéis.

DEDUÇÃO

10 — Exemplificação :

a) Deem exemplos de insectos.

b) — Mostrem insectos nesta estampa.

11 — Verificação :

a) — Primeira fileira, examine esta abelha e diga se é insecto ou não ; e porque é ou porque não é.

b) — A segunda — este besouro.

c) — A terceira — esta aranha.

- d) — A quarta — este escorpião.
 e) — A quinta — este barbeiro ou chupança.

12 — *Investigações locais* :

a) — Os alumnos de 1 a 10 vão estudar durante muitos dias a formiga, acompanhando-a, observando seu modo de vida, trabalho, movimentos, tudo o que ella faz.

b) — A turma de 11 a 20 estudará a abelha.

c) — A turma de 21 a 30 — a borboleta.

d) — A turma de 31 a 40 — a mosca.

13 — *Linguagem*.

Cada turma fará a descripção minuciosa por escripto da vida do insecto designado.

RECTANGULO

I — PREPARAÇÃO

Preparação material

1 — *Material individual*. Cada alumno deve ter :

a) — Material commum : papel de calculo, lapis, borracha ;

b) — Material especial : regua metrica, compasso, transferidor, esquadro, solidos geometricos.

2 — *Material colectivo*. O professor deve trazer :

a) — Solidos geometricos para o estudo do rectangulo : prismas de qualquer base (triangular, quadrangular, exagonal, etc) ; paralelepipedo, cubo ; pyramides de base rectangular ; cylindro desenvolvido. Outros solidos : cône, esfera.

b) — Papel-cartão com fórmula de quadrilateros : parallelogrammo, rectangulo, quadrado, losango, trapezio e trapezoide.

3 — *Tactica escolar* — Ponham sobre a mesa o material indicado para a aula de geometria. — Posição de attenção :

4 — *Disciplina* :

Prevenção. — Cada vez que o professor

classe, attender a uma pergunta, etc., deve primeiro se certificar de que não ha nenhum alumno distrahido em conversar, em escrever, em consultar caderno ou livro, em brincar com o lapis, etc., e depois mandará cessar a causa da distração.

Preparação mental

5 — *Revisão* :

a) — Que é corpo ? Mostrem-n'o. Esta folha de papel-cartão é corpo ?

b) — Que é superficie ? Mostrem-n'a. Passem a mão sobre a superficie deste cubo ; sobre outra ; outra. Quantas superficies tem este cubo ? esta pyramide ? este prisma exagonal ? esta esfera ? este cône ? esta folha de papel ?

c) — Que é linha ? Mostrem-n'a. Passem a mão nas linhas destes polyedros ; desde cône.

d) — Que é ponto ? Mostrem-n'o. Ponham o dedo nos pontos destes polyedros.

e) — Venha um fazer a synopse.

6 — a) Como se classificam as superficies quanto aos lados ? Que é polygono ? Mostrem.

b) — Quaes são os polygonos ? Venha cada um desenhar um polygono differente. Como se chamam as rectas que limitam um polygono ? Digam que polygono é a face deste solido ; e deste ; e deste.

7 — Que superficie é o quadrilatero ? Mostrem-n'o nos solidos e na sala de aula.

8 — a) Que é angulo ? Quaes suas especies ? Mostrem-n'os nos solidos e na sala de aula.

b) — Que são perpendiculares ? e obliquas ?

9 — Que são parallelas ? Mostrem-n'as nos solidos e em outros objectos.

10 — Que é linha horizontal ? vertical ? inclinada ?

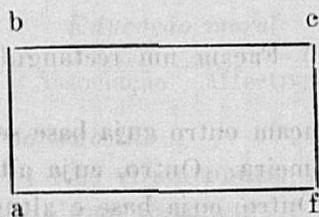
INDUÇÃO

Actividade manual

11 a) — Tracem nos seus papeis uma

extremidades duas perpendiculares iguaes; liguem os extremos dessas perpendiculares.

b) — Venha um fazer o mesmo no quadro-negro. Ponha letras. Copiem-n'as.



Observações

Observações gerais :

12 — a) Que superficie é esta ?

b) — Que veem nesse quadrilatero ? (lados, angulos). Vamos analysal-os.

Base :

13 — a) Como se chama a parte em que se assenta uma casa ? (base).

b) — Qual o lado em que se assenta este quadrilatero ? (af). Como se chamará ? Qual é a base d'elle ?

Altura :

14 — a) Meçam com a regua metrica a menor distancia do lado superior á base. Tracem-n'a e ponham-lhe letras.

b) — Essa menor distancia é a altura. Qual é a altura ?

Igualdade dos lados :

15 — a) Meçam os lados ab e cf. Que notam ?

b) — Como é, pois, esse quadrilatero quanto aos lados ?

Parallelismo dos lados :

16 — a) Meçam as alturas de seus quadrilateros ; quanto deu ? Meçam-n'a mais adiante ; quanto deu ? Mais adiante ; quanto deu ? Que notam ? (são iguaes).

b) — Quando duas rectas guardam a mesma distancia, que são ? (parallelas).

17 — a) Meçam a menor distancia entre outros dois lados ; quanto deu ? Meçam-n'a mais para cima ; quanto deu ? Mais acima ; quanto deu ? Que notam como são esses lados ? (parallelos).

18 — Nesse quadrilatero, que já haviam notado quanto aos lados ? (eram eguaes dois a dois). — E agora ? (são parallelos dois a dois).

Igualdade dos angulos. Angulos rectos :

19 — a) Meçam os quatro angulos com o transferidor ; quanto deu ?

b) — Que notaram ? Que angulos são estes ?

Resumo :

20 — Como é esse quadrilatero ; quanto aos lados ? quanto aos angulos ?

Comparação

21 — a) Comparem o seu quadrilatero com este (mostrando um losango).

b) — Quanto ao tamanho dos lados ?

c) ao parallelismo ?

d) — Quanto aos angulos ?

22 — Comparem-n'o a este (um trapezio).

23 — A este (um quadrado).

—24 — a este (outro rectangulo).

25 — A este (parallelogrammo obliquantulo).

Generalisação

26 — a) Distribuo á classe, cartões rectangulares de varios tamanhos.

b) — Examinem e meçam as superficies desses cartões.

c) — Como são esses quadrilateros ; quanto aos lados ? e aos angulos ?

Inducção da definição

27 — a) Essas superficies, esses quadrilateros, se chamam rectangulos.

b) — Que é rectangulo ?

Retenção

28 — a) Repita a definição cada alumno da 6.^a fileira ; da 3.^a fila ; da 2.^a fila.

b) — Todos a repetem em surdina.

29 — a) Venha um escrevel-a no quadro-negro. (corrijam a orthographia).

b) — Copiem-n'a nos papeis.

III — DEDUÇÃO

Verificação

30 — a) Que superfície é esta ? (mostrando cartão).

b) — E esta ? (mostrando a de sólidos).

c) — E esta ? (mostrando objectos : lousa, livro, carteira, vidraça, tabôa).

Exemplificação

Quem mostra um rectângulo :

a) — Nos cartões ?

b) — Nos sólidos geometricos ?

c) — Nos objectos da sala ?

32 — Deem exemplos de rectangulos em objectos conhecidos.

Construções

33 — a) Tracem uma recta de um decímetro.

b) — Que angulos são os do rectangulo ? (rectos). Façam com o esquadro angulos rectos nas extremidades.

c) — Seja a altura 8 centímetros. Que é preciso para que os lados sejam parallellos ? (guardem a mesma distancia). Marquem então a mesma altura. Iguem-n'as.

d) — Que superficies vocês fizeram ? (rectangulos) Porque ?

IV — APLICAÇÕES EDUCATIVAS

*Educação do raciocinio**Problema :*

34 — a) Um quadrilatero tem os lados eguaes e parallellos dois a dois. Esse quadrilatero tem os angulos rectos ; como devem ser os lados ?

c) — Que superficie é um quadrilatero que tem 4 angulos rectos e 4 lados eguaes ?

Problemas numericos :

Um 12 e outro 9,18, quanto medirão os que ficam oppostos ?

*Educação dos sentidos**Educação visual :*

36 — a) Façam um rectangulo á mão livre;

b) — Façam outro cuja base seja o dobro da primeira. Outro, cuja altura seja o dobro. Outro, cuja base e altura sejam a metade. Verifiquem.

b) — Que é o 1.º rectangulo em relação ao 2.º ? (metade) ; ao 4.º ? (quarta parte).

38 — a) Olhem estes dois rectangulos ; qual a relação entre suas alturas ? entre suas bases ? E entre suas superficies ?

b) — Qual destes rectangulos é o triplo deste ? O quintuplo ? o quadruplo ? o duplo ?

Educação motora :

39 — a) Na aula de modelagem, façam sólidos geometricos de faces rectangulares ; de base rectangular ; de base e faces rectangulares.

Stoyd :

40 — a) Na aula de marcenaria, façam caixinhas com faces rectangulares.

b) — façam mesinhas, camas, armarios.

*Educação esthetica**Cultura da imaginação :*

41 — a) Na aula de desenho, façam ornatos, cujos motivos sejam rectangulos.

Exemplo :

b) — Aproveitem esses ornatos para ilustrar seus cadernos ou para fazer frizos nas caixinhas ; si são meninas, para fazer bordados.

*Educação da observação**Investigações locais :*

os compartimentos, os moveis, o terreno.

b) — Que objectos tem fôrma de rectangulo ?

c) — Em que e porque se prefere essa superficie ?

Educação moral

(Associação affectiva)

Amôr ao trabalho :

43 — a) Não viram nunca, nos jardins, nas hortas, algum rectangulo ? um canteiro com fôrma de rectangulo ?

b) — Pois ha rectangulos floridos ; outros ha, cobertos de verduras. Nos nossos sitios e fazendas, ha muitos desses rectangulos ; dahi saem o arroz, as verduras, as flôres, as plantas medicinaes, e nesse aliment. a riqueza da Patria.

c) — O Brasil quer que o brasileiro não abandone a lavoura, esses rectangulos ferreiros que fazem a sua fortuna. E Deus abençoa o trabalho.

Respeito aos trabalhadores :

Quem puder, desde menino, cultive ao menos um canteirinho, um rectangulo florido ; se de todo não fôr possivel, admirem respeitem amem aquelles homens bons, de mãos callosas, que sob o sol e a chuva, fazem a grandeza do Brasil e a felicidade de todos, cultivando esses grandes rectangulos de nossas fazendas.

Educação civica

(Associação affectiva)

44 — a) Ha ainda um outro rectangulo, que devem conhecer e amar, guardando bem no fundo do coração.

b) — Levantem-se todos. E' este rectangulo côr de esmeralda, desta bandeira linda.

c) — A bandeira é o symbolo de uma patria; e esta bandeira maravilhosa representa o Brasil, a patria mais feliz entre as

PREPOSIÇÃO

PREPARAÇÃO MATERIAL

Material individual :

1 — Cada alumno terá: lapis, papel, borracha e Livro de leitura adoptado.

PREPARAÇÃO MENTAL

Revisão :

2 — a) Que palavras indicam sêr ou substancia ? (Substantivo e pronome).

b) — E indicam acção ?

c) — E modificação ? (adjectivo e ed-verbio).

d) — Quaes as palavras variaveis ? E as invariaveis ?

3 — a) Diga uma sentença com um substantivo. Qual é o substantivo ? Que é substantivo ?

b) — S., diga uma com adjectivo. Qual é elle ? Que é adjectivo ?

c) — V., diga uma com um verbo. — Qual é ? Que é verbo ?

d) — J., diga uma com pronome. — Qual é ? Que é pronome ?

e) — F., diga uma com adverbio. — Qual é ? Que é adverbio ?

Explicação previa de termos :

4 — a) Desenhem em seus papeis dois bondes separados. Liguem-n'os. Como ligaram ? Que é ligar ?

b) — Para fazer um muro basta superpôr os tijolos ? — Que é que os liga ? (a argamassa).

c) — Deem synonymos de ligar (unir, atar, juntar).

Historieta :

5 — Alice, minha irmã, ia passar estes feriados com minha tia, em Santos, e escreveu um telegramma. Mas não podendo passal-o, pois o telegrapho já estava fechado, mandou uma carta expressa com

ACTIVIDADE MANUAL

6 — F., venha escrever o telegramma e a carta, que todos vão copiar :

Telegramma :

“Foi impossivel seguir trem noite. Diga Titia desculpar. Abraço Alice”.

Carta :

“Foi impossivel seguir por trem da noite. Diga a Titia para desculpar. Abraço de Alice”.

OBSERVAÇÃO E COMPARAÇÃO

Faltas de palavras :

7 — a) Observem a 1.^a sentença do telegramma. Está unida ou separada ? (separada) — Está completa ? (não). Comparem-n'a com a primeira da carta. Que palavras faltam ? (“por”, e “da”).

b) — Comparem a segunda. Está ligada ou desligada ? (desligada) Que falta ? (“a”, “para”).

c) — Comparem a terceira — Que falta ? (“de”).

Função :

8 — a) Que faz então na primeira sentença a palavra “por” ? (liga “seguir” a “trem”) — e “da” ? (liga “trem” a “noite”).

b) E na segunda sentença, a palavra “a” ? (liga “Diga” a “Titia”). E “para” ? (liga “Diga” a “desculpar”).

c) — E na terceira a palavra “de” ? (liga “Abraço” a “Alice”).

d) — Qual a função, pois de certas palavras ? (ligar, são ligadoras).

Invariabilidade :

9 — a) Substituam, naquellas sentenças, os substantivos e verbos pelos mesmos no plural ou por outros no plural :

“Foi impossivel nós seguirmos por trem da noite. Diga a todos para desculparem. Abraço de Alice e Laura”.

b) — Que observaram com as palavras

xão de genero, numero, grau, modo, tempo, pessoa ? isto é, são variaveis ? não são invariaveis ?

GENERALISAÇÃO

10 — a) Vejam se deve haver palavras ligadoras, invariaveis, nestas sentenças e completem-n'as :

I Estou S. Paulo.

II Mario brinca bolinhas.

III O Brasil esteve dominio Portuguez.

IV João chegou Pariz.

V Dei uma laranja Raul.

b) — Quaes as palavras ligadas ?

11 — a) Vejam si ha palavras ligadoras nestas sentenças e quaes são :

“Fui até Tremembé, ajoelhei-me ante o altar do Bom Jesus, para fazer uma prece com todo o fervor”.

“Gostaria de ver as lindas ruas do Rio, desde a Praça Mauá até a praia do Ipanema, contra a qual batem as ondas do Atlantico”.

b) — Quaes as palavras ligadas ?

INDUÇÃO DA DEFENIÇÃO

12 — A estas palavras invariaveis damos o nome de preposição. Que é preposição ?

RETENÇÃO

13 — a) Os alumnos das carteiras impares vão repetir a definição, um por um.

b) — Todos vão repetil-a a meia voz.

c) — Um vem escrevel-a no quadro-negro e todos vão copial-a.

DEDUÇÕES

Verificação :

14 — a) Procurem nestas sentenças quaes as preposições e as palavras ligadas :

I Entre as moitas e sobre os galhos,

II Comprei o chapeo por 20\$000 e dei-o a Luiz.

III Não vou com Raul até á cidade.

b) — Procurem-n'as na lição " A aurora".

Exemplificação :

15 — a) Deem exemplos de preposições que descobriram até agora.

b) — Formem sentenças com quasquer outras preposições.

Exercícios :

16—Substituam nestas sentenças os traços pelas preposições convenientes :

I Chega-te bons e serás um delles.

II Ninguém deve ficar os maus.

III O vapor chegou porto muito tarde.

IV Elle se sacrificou Patria.

RECAPITULAÇÃO

17 — a) Que é preposição ? E' variavel ou invariavel ? Que palavras liga ?

b) — Façam uma lista de preposições.

INVESTIGAÇÕES EM CASA

18 — Procurem no livro de leitura quaes as categorias grammaticaeas que a preposição liga : si dois substantivos, substantivo com pronome, dois pronomes, etc.

Prof. JOSÉ RIBEIRO ESCOBAR.

Lente de Didactica da Escola Normal de S. Paulo.

A LAGARTIXA

Para acima vaes. E eu, a distancia,
Olho as tuas pesquisas apressadas,
Lembrando os dias candidos da infancia,
Quando pequeno a te lançar pedradas.

Vem um mosquito vês. Mas a tua ansia
Augmenta . . . e desces. Novas derrocadas !
Ai de tua exquesita petulancia,
Alma das incoherencias continuadas !

Quanta philosophia em tua vida :
Aprisionando as moscas que procuras,
Excentrica, nervosa, irreflectida ;

A cabeça balanças, quando passas,
Concordando com todas as venturas . . .
Concordando com todas as desgraças . . .

FERNANDO DE MENDONÇA

Da historia alagoana

—Trechos de um livro de leitura “Alma das Alagôas”—

(CRAVEIRO COSTA)

OS JESUITAS EM S. FRANCISCO

A Companhia de Jesus dominava a península ibérica. Dominava o mundo christão. Com o estabelecimento de um governo geral no Brasil viéram os primeiros jesuitas e á frente delles a figura veneranda de Manoel da Nobrega. Mais tarde, em 1553, com Duarte da Costa, veio o grande José de Anchieta.

Chegaram deliberados á catechese dos selvicolas. O homem primitivo do Brasil, em estado de absoluta innocencia, ainda não contaminado pela corrupção colonial, seduziu os missionarios da Companhia. Vieram e fizeram obra preciosa.

Piratininga recebeu a primeira missão e tornou-se a séde da provincia da Ordem. Ahi ficaram Nobrega e Anchieta. Navarro foi mandado para Porto Seguro. Para Espirito Santo foram Simão Gonçalves e Afonso Braz. Desses pontos irradiou a catechese para toda a colonia.

Tenazes nos seus designios, cultos, praticos, conhecedores da alma humana, os jesuitas começaram por aprender a lingua geral, o *tupí*, e por meio della entraram facilmente em relações amistosas com os selvicolas, attrahindo-os ao seu convívio. Pela musica e pelo canto fascinavam-nos; pela pompa do culto catholico seduziam-nos.

Ao redôr de cada collegio formava-se logo a aldeia indigena, numerosa e deligente. As terras da Companhia, desbravadas e cultivadas pelos indios, tornaram-se centros agricolas invejaveis e foram pontos iniciaes de muitas cidades brasileiras.

Novos padres foram enviados para o Brasil, dado o exito das missões.

A Capitania de Pernambuco recebeu tambem os apóstolos das selvas. A catechese estendeu-se, penetrando os sertões.

Na segunda metade do seculo XVII, mais ou menos, a Ordem determinou o estabelecimento de uma missão no S. Francisco. Viéram, abnegados, os missionarios. Os seus nomes perderam-se, embora a obra ficasse nas chronicas da colonisação.

Acima de Penedo, sete leguas, foi fundado o aldeamento. Indios *coropitás*, *aconans* e *cariris*, que erravam pelas margens do S. Francisco, depredando nas suas excursões, foram seduzidos pelos missionarios impavidos. Em breve, formaram um nucleo numeroso e activo.

Erigida a capella, construíram os padres a residencia da missão, collegio ou convento, um casarão sobre pilares abrigadores contra a montante das inundações. Em 1875, padres recoletos de Urubá ainda lá dirigiam o aldeamento laborioso. A missão prosperara.

Por toda parte, na colonia, os jesuitas mostravam á evidencia que os seus processos conduziam mais rapidamente ao convívio da sociedade nascente o indigena escarmentado. Não que a brandura, a lei de Jesus, a bondade, a palavra inspirada na piedade christã e as praticas da lithurgia catholica fossem os unicos meios da catechese dos jesuitas: — elles tambem sabiam impôr-se á obediencia pelos recursos extremos da violencia.

Elemento de trabalho, exclusivamente destinado aos labores mais asperos, os padres, como os colonos, escravizavam o in-

dio. Entre os dois senhores daquella nova especie de gado travou-se uma luta sem treguas. Triumpharam, por muitos annos, os padres dos seus antagonistas, amparados pelos favores que a metropole lhes prodigal'sava, chegando a entregar-lhes o monopolio daquella escravatura.

Clamavam os jesuitas; bradavam os colonos. A preza era disputada bravamente.

O declinio da Companhia de Jesus, em Portugal, e, porfim, e expulsão dos jesuitas entregaram o patrocínio dos indios aldeados ao governo. A situação do selvicola, porém, continuou a mesma — de oppressão.

Do antigo aldeamento do S. Francisco surgiu Porto Real do Collegio. Mas apagaram-se os vestigios da obra dos jesuitas. O convento o tempo derruiu; a igreja foi demolida para em seu lugar construir-se a matriz actual. Apenas ficou a memoria dessa obra civilisadora. Obra valiosa a dos jesuitas, no Brasil, não se póde negar, mesmo despindo-a das lendas que a envolvem . . .

• •

A INVASÃO HOLLANDEZA

Vago o throno portuguez por morte de D. Sebastião e de seu tio regente, o infante D. Henrique, Felippe IV, de Espanha, fez valer seus direitos á successão e incorporou Portugal aos seus dominios. O Brasil, colonia portugueza, com a sua sorte jungida a Portugal, tornou-se, por isso, possessão espanhola.

Em guerra com a Espanha andava a Hollanda. Raça maravilhosa, arrojada, altiva, intelligente e trabalhadora, depois de, pelo prodigio da vontade, haver conquistado ás aguas do mar a terra ingrata que habitava, o hollandez disputou heroicamente, sob Guilherme de Orange, a sua liberdade. Livre do jugo espanhol, o hollandez, persistente, cuidou da prosperi-

se pelo trabalho e pela vontade sem par de seus filhos.

Ao tempo da incorporação portugueza a corôa de Espanha, já era a Hollanda um grande paiz, rico e feliz, com uma lavoura opulenta e um vasto commercio em relação directa com todas as nações, com industrias notaveis e afamadas, affirmando por toda parte o seu poder creador, na literatura, nas sciencias e nas artes. Uma marinha poderosissima assegurava-lhe o dominio dos mares.

Chegara a vez da Hollanda. Suas vistas voltaram-se para as colonias espanholas, cuja conquista parecia facil.

Governo e capitalistas hollandezes organisaram duas fortes emprezas de navegação, a das Indias Orientaes e a das Indias Occidentaes, emprezas de character commercial, mas destinadas tambem ao fim politico de operar contra a Espanha, atacando-lhe os dominios, na Asia e na America. A organização admiravel das duas Companhias e os avultados capitaes de que ellas d'spunham facilitavam o empreendimento.

A' Espanha não eram desconhecidos esses formidaveis aprestos, dos quaes se occupara largamente a propria imprensa hollandeza. Contudo o governo espanhol, entregue á inercia do Duque de Olivares, não agiu convenientemente, procurando abrigar a colonia de alem Atlantico da tormenta que a ameaçava. Apenas, nomeado Diogo Furtado de Mendonça governador geral, deu-lhe Olivares a incumbencia de organizar a defeza militar do litoral, não lhe dando, porém, os necessarios recursos ao commettimento.

A colonia, pois, estava indefeza.

Em 1624, uma grande esquadra hollandeza atacou e tomou facilmente a cidade de Salvador, na Bahia. Como fôra facil a conquista, facil pareceu a permanencia, na terra. A frota neerlandeza retirou-se, ficando no governo da cidade o coronel

Johan von Dorth. Mas a Espanha mandou desalojar o invasor, conseguindo-o, um anno depois.

Não se desalentaram os holandezes, com o insuccesso. Outra expedição foi enviada ao Brasil e em 1630 uma esquadra de 70 navios com 8.000 homens de desembarque estava nas costas da capital de Pernambuco.

Pernambuco, por essa epoca, tinha mais de "30.000 habitantes, sem calcular um grande numero de indios mansos". A produção do assucar fazia-se por mais de 100 engenhos e a receita destinada ao erario orçava por vinte contos. O progresso material da capitania era notavel. O desenvolvimento intellectual, porém, nada tinha de apreciavel. Havia a preocupação do luxo, da riqueza, sem sobriedade, com espalhafato. Militarmente, 26 canhões defendiam a barra e diante de Olinda havia uma bateria com 14 peças de pequeno calibre.

Em nome do 4.º donatario, Duarte Coelho de Albuquerque, governava a capitania seu irmão, Mathias de Albuquerque, homem pertinaz e corajoso. Surpreendidos pela invasão, os habitantes entraram em panico e a conquista foi facil, inutilisada desde logo a resistencia da fortaleza de S. Jorge.

Waerdenburch assenhoreou-se de Olinda e começou a estender os limites de seu poder.

Mathias de Albuquerque não se deu por vencido. Valente e affeito ás aventuras da guerra, reuniu quantos se lhe apresentaram e localisou-se no arraial de Bom Jesus, que por muito tempo foi o centro da resistencia contra o invasor triumphante. O arraial ficava "á margem esquerda do riacho Paranarim, ás vezes secco, proximo de um outeiro", a igual distancia de Recife e Olinda. Ahi Mathias de Albuquerque estabeleceu o seu quartel general

Começou então a luta pelo dominio, uma guerra sem treguas, de todos os dias, que durou mais de trinta annos, de 1630 a 1662.

* *

CALABAR

Domingos Fernandes Calabar apparece no scenario do Brasil entre 1632 e 1635, quando foi trucidado.

Nascido na colonia, em Porto Calvo, pozera-o ao mundo Angela Alvares, com paternidade ignorada. Fazia parte das hostes de Mathias de Albuquerque, no arraial do Bom Jesus. Bandeou-se depois para os holandezes e a sua deserção valeu-lhe a condemnação dos historiadores que se abeberaram ás chronicas portuguezas da epoca.

Uma nova orientação historica, porém, procura redimir-lhe o nome. E a redempção justifica-se.

Intelligencia lhe não faltava para alcançar o que, no momento, poderia servir á sua terra.

Testemunha das oppressões das autoridades da metropole decadente e subjugada, elle proprio victima dellas pela sua qualidade de mestiço e inferioridade de sua situação social, tratado com desdem pelos reinós, Calabar bem podia ser contra os dominadores e desejar sinceramente que sua terra mudasse de senhor. E o novo senhor, que chegava, desfraldava á população uma bandeira de esperanças e das mais seductoras promessas.

O estado dos espiritos em Pernambuco era hostil á metropole. A Espanha deixara a colonia indefeza; indefeza estava a capitania á chegada dos holandezes. Uma vez invadida não a acudira convenientemente. Os recursos enviados eram ridiculos e absolutamente incapazes de effi-ciencia, ante o poder militar do inimigo. Lavrava por toda parte o desalento e os

desgostos mais profundos minavam o sentimento de lealdade da população.

Os holandezes, habilmente, exploravam esse estado dos espiritos. "Trazemos a vossa liberdade. Queremos fazer de vós um povo livre e um povo amigo para junto trabalharmos em beneficio commum", proclamavam ao povo.

Era a primeira vez que se falava em liberdade na colonia. O que até então se conhecia era o despotismo portuguez, aqualando a cobiça dos colonos, a sua ansia de grandezas, de luxo, a "ostentação de sedarias caras e joias de grande peso metalico", as crueldades do captivo aos indios, aos negros e seus descendentes. Agora era a Espanha, que deixava a capitania á mercê do invasôr.

Lavrava o descontentamento no seio da população. Apenas a energia extraordinaria de Mathias de Albuquerque mantinha a resistencia.

O que distanciava a população do batavo eram o antagonismo religioso, ferrenho, nesse tempo de fanatismo, e a differença de lingua. Essa repugnancia, porém, pouco a pouco, ia cedendo terreno a uma approximação, "a qual se inclinavam alguns portuguezes e principalmente brasileiros". Essa approximação era motivada pelo interesse pessoal.

A vida economica da capitania paralyzara, para dar lugar a vida de guerra. Os prejuizos dos senhores de engenhos eram enormes. A metropole não enviava auxilios efficazes. A paz, para a existencia laboriosa da capitania, era uma necessidade. E essa approximação apparecia como a aurora da paz. Apenas Mathias de Albuquerque, responsavel pelo governo da capitania, resistia, cumprindo nobremente o seu dever. O fracasso do assalto de Olinda que, num lance de desespero e para acalmar os animos tentara o valoroso capitão portuguez, augmentara o desa-

Intelligencia penetrante, sobejamente comprovada pelo rumo que a offensiva batava tomou sob a sua orientação de guerrilheiro experimentado, astuto e bravo, Calabar não vacillou ante deserção.

Não nascera em Portugal e nada tinha com a Espanha. Sua patria era a colonia esmagada pela oppressão da metropole e agora por ella abandonada. Entre o portuguez e o espanhol, seus antigos conhecidos, e o neerlandez que surgia, acenando promessas fagueiras, porque não preferir o invasor ?

E soldado raso de Mathias de Albuquerque transmudou-se em official do exercito hollandez.

Sob sua inspiração a luta pelo dominio tomou aspecto inteiramente diverso. Antes, a sorte das armas não sorrira ao hollandez ; agora a fortuna da guerra era com elle.

Levou as forças batavas pelo sertão a dentro, pelo littoral afóra, estendendo o raio de acção do invasor por caminhos só d'elle conhecidos, ensinando-lhe a guerrilha em que era mestre. Cresceu, assim, na estima, na confiança e na admiração do hollandez. Mas os portuguezes o haviam marcado com o seu odio, tão grande que ainda perdura.

Calabar, entretanto, não era um indigno. E a prova da sua dignidade pessoal está no gesto admiravel com que rematou gloriosamente a sua vida tormentosa.

Haviam os holandezes, por elle guiados até Porto Calvo, caído numa cilada que lhes armaram os portuguezes. Vencidos, pela surpresa do golpe a que os arrastara a traição de Sebastião Souto, os holandezes tiveram que capitular. As condições foram penosas. A maior dessas era a entrega immediata de Calabar. Sobre elle recaira o odio portuguez, tão intenso e tão feroz que Mathias de Albuquerque peitara, certa vez, a um parente do guerrilhei-

Ricard, commandante da torpa vencida, recusou dignamente a entrega de Calabar. Morreriam todos alli, ou ficariam prisioneiros, mas Calabar seria com elles. Interveio, generoso, intrepido, cavalheiresco, o mameluco, dando-se elle proprio á sanha do inimigo, para que os restos das forças vencidas saíssem incolumes.

E Calabar não podia ignorar que seria morto barbaramente e com ignominia para o seu nome.

E foi, summariamente, enforcado, mutilado o seu corpo. A crueldade inimiga espalhou-lhe os restos mortaes pelos angulos da praça de guerra e pelas entradas dos caminhos, como um exemplo tragico da justiça...

Depois por alli passou Segismundo van Schkoppe, no encaço de Mathias de Albuquerque, que seguira rumo da Alagôa do Sul. Enfureceu-se o hollandez. A população foi condemnada a captiveiro perpetuo, a destruição o povoado florescente, a ser passado a fio de espada a gente valida. Interveio frei Manoel da Encarnação, o infamador de Calabar, conseguindo de Se-

gismundo a commutação da pena em fornecimento de viveres á tropa.

Os restos de Calabar foram piedosamente recolhidos para terem sepultura christã. Foram-lhes prestadas pompas religiosas e honras militares. Era grato o hollandez á collaboração prestimosa do mameluco.

A crueza do castigo, aliás, fôra um attentado ás condições de guerra estabelecidas entre Mathias de Albuquerque e o governo civil hollandez de Pernambuco, condições que poriam termo a monstruosidade com que até então se fazia a guerra na capitania." "Em batalha, recontro, emboscada, em que qualquer soldado cahisse em poder do inimigo logo que pedisse quartel, nenhum mal mais se lhe fazia, entregando as suas armas e quanto consigo levasse, excepto camisa, calças, gibão, meias e sapatos".

Mas acima do convenio humanizador da guerra barbara daquelle tempo, acima da sua honra de soldado solemnemente empenhada nesse documento official, Mathias de Albuquerque collocou o seu odio a Calabar.

Os "tests" e a educação

Palavras do Dr. Isaias Alves

Sobre o problema dos tests e a actual orientação do ensino, o educador bahiano Dr. Isaias Alves, assim manifestou-se a *A Noite*, do Rio :

"O tests de intelligencia constituem o mais importante problema pratico da educação contemporanea.

Os Estados Unidos como a Allemanha o tem resolvido em perseverante esforço, com surprehendente resultado. O test mental propriamente é a chave da admissão de candidatos a todas as actividades do paiz.

intelligente se adapta facilmente á função e tem organizado tests de capacidade geral e de aptidões especiaes. Para exame da capacidade intellectual das creanças, em regimen escolar, a pedagogia americana universalisou o test mental de Binet, estandartizado varias vezes por governos e universidades.

— Acha que o trabalho de estandartisação desse test de Binet será vantajoso ?

— Incontestavelmente. O trabalho exige tempo e gastos, mas o test estandartizado será o instrumento seguro de classificação dos alumnos em classes homogeneas, o que muito facilita a acção do professor.

— Sua applicação exige muito tempo para cada menino, o que torna difficil classificar promptamente uma escola.

— Sem duvida. O test individual de

mora 35 a 40 minutos e um só psychologo não poderá examinar mais de seis meninos por dia.

Temos, porém, outros tests de intelligencia. Aqui mesmo lhe offereço o Test Collectivo de Intelligencia da Universidade da Columbia (Estados Unidos), que adaptei e estou estandartizando. Já recoilhi 700 formulas e continuo a realizar o trabalho na Bahia. E' lento, naturalmente; e o grande mal dos nossos pedagogos e dos governos é quererem trabalho rapido em educação. De minha parte, terei perseverança e confio no exito scientifico.

Com este test collectivo podemos examinar qualquer numero de creanças em 40 minutos, podendo incumbir da apuração das formulas pessoas de menor responsabilidade.

Feito o exame collectivo e verificando o psychologo qualquer indicio de erro, submeterá os alumnos cujo quociente intellectual se tiver mostrado muito baixo ou muito alto a novo exame, pelo test individual. Teremos assim no test collectivo uma medida de mais facil applicação e de menor precisão. Ainda este anno publicarei outros tests, inclusive um collectivo para analphabetos.

— Não lhe parecem mais uteis os tests pedagogicos ?

— Sem duvida são tão uteis quanto os de intelligencia, mas devem vir depois. Só em classes homogeneas ha razão de ser dos tests pedagogicos e essas classes dependem dos tests de intelligencia. Aquelles tambem exigem estandartização, sem o que não passam de simples exames de valor limitadissimo, conduzindo o ensino a certo automatismo.

Quando estandartizados os tests pedagogicos se tornam tambem excellente medida approximada do nivel intellectual, se se levar em conta o tempo de frequencia do alumno na escola. Já tenho organizado varios tests pedagogicos em aulas de sciencias

e de linguas. Publicarei até o fim deste anno os resultados nas aulas de inglez, geographia e instrucção moral e civica, dependendo de estandartização. Tenho tambem applicado o test de linguagem Torndike-Mc. Call, traduzido pelo professor C. A. Baker.

— Acha possivel um test applicavel a todas as escolas brasileiras ?

— Difficilimo. Não temos estradas de ferro que auxiliem a realização desse trabalho com o transporte rapido e commoção dos psychologos examinadores. Não temos os proprios psychologos em numero sufficiente. Teremos de submeter-nos a trabalhos regionaes ou que envolvam algumas regiões mais populosas. Devemos, porém, incentivar este esforço, pois o problema exige tempo e quanto mais cedo for começado mais cedo virá o exito.

Nosso esforço será menor que o dos povos mais organizados. Traduzindo e adaptando pacientemente faremos nossa litteratura e crearemos nossos recursos scientificos na especialidade. Tenho já bastante adiantada a traducção da obra de Terman "The Measurement of Intelligence", para cuja publicação tenho direito exclusivo. Seguir-se-ão outros livros com test igualmente valiosos.

— Tem tido algum auxilio do governo nestes trabalhos ?

— Não. Tenho feito tudo com os recursos do Gymnasio Ypiranga, que se vae tornando um centro de pesquisas psychopedagogicas. Não devemos esperar tudo dos governos e, em certos assumptos, a influencia politica e administrativa perturba e desorienta, por falta de continuidade no esforço. Além disso, o assumpto é novo e os governos farão brilhantemente o seu dever realizando as aspirações antigas: vias de communicação e garantia da ordem dentro da lei e da justiça.

Basta que elles venham em apoio da iniciativa particular.

Versos á Bandeira

Bandeira do Brasil, recebe agora
Num osculo de amor no peito occulto
O perfume da fé que o anima e enflora
E é a melhor expressão do nosso culto.

Que o coração de todos se levante
Num brinde e vibre as suas maguas cesse
E o teu valor por todo o mundo cante
Ou num poema ou num hymno ou numa prece.

Vendo as bellezas multiplas que encerras
—Tu a mais linda e amada das bandeiras,
Pensamos no vigor das nossas terras
E no esplendor das selvas brasileiras.

Entregue aos beijos tremulos do vento,
Recordas o verdor destas campinas,
Este azul doce e bom do firmamento,
O oiro que canta e vibra em nossas minas

Almas pomos de joelhos, reclamando
Todas as benções rutilas da Gloria.
Para que vivas sempre proclamando
O elogio da Força e da Victoria!

Que sob o pallio teu, prodigamente
Cresçam venturas, brotem graças mil,
E que resguardes infinitamente
A gloriosa unidade do Brasil!

Commemorações civi- co-escolares

11 DE JUNHO

A data de hoje, 11 de Junho, é para nós, meus amiguinhos, duplamente querida, pois não só representa, em nosso Estado, o facto da Promulgação da nossa Constituição Política, como relembra em todo o Brasil, o heroico feito que recebeu o nome de "batalha de Riachuelo".

Vamos ao primeiro acontecimento. Como já lhes disse : Promulgação da Constituição de Alagôas.

Constituição é a lei fundamental de um paiz, que lhe determina a forma de governo, estabelece e fixa os poderes politicos e garante os direitos inviolaveis da nação.

São tres as formas de governo : Monarchia absoluta, monarchia constitucional e republica. Na monarchia absoluta o rei ou imperador governa sem se basear em lei alguma, livremente, por sua espontanea vontade. E' o que foi o Brasil até 1821.

Na monarchia constitucional, o rei ou imperador governa de accordo com a Constituição, que garante o direito dos governantes e dos governados. Foi o Brasil até 15 de novembro de 1889, uma monarchia Constitucional representativa.

A primeira Constituição Brasileira foi organ'sada pelo imperador, D. Pedro I, dois annos após a Independencia do Brasil, isto é, a 25 de março de 1824. Tinha ella o nome de "Carta Constitucional do Imperio". Essa Constituição, porém, passou por uma reforma que recebeu, então, o nome de "Acto adicional da Constituição do Imperio". Vigorou essa Constituição até 15 de novembro de 1889, dia em que foi proclamada a republica, pelo marechal

Republica é o governo do povo pelo povo, que escolhe seus mandatarios livremente.

A republica pôde ser unitaria e federativa.

A republica do Brasil é federativa, porque o paiz está dividido em 20 estados autonomos, o que quer dizer : gosam de completa independencia politica.

Todo o Estado tem a sua Constituição, suas leis proprias, elaboradas de accordo com a Constituição Federal, estabelecendo 3 poderes : legislativo, executivo e judiciario.

O poder legislativo, em alguns estados, é exercido sómente pela Camara, em outros, porém, como aqui, em Alagôas, é exercido pela Camara e pelo Senado. Os membros do Congresso Estadual são eleitos do mesmo modo que os do Congresso Federal, durando 3 annos o seu mandato.

O mandato no Estado de Alagôas dura 4 annos.

O poder executivo estadual é exercido pelo Presidente ou Governador eleito pelo povo de todo o Estado ; tem elle os seus auxiliares que são os secretarios, correspondendo aos ministros no governo federal.

O poder judiciario de cada Estado é exercido pelo juizes municipaes, pelos juizes de direito e por um tribunal chamado "Relação do Estado". Antes de 1889 o Brasil era dividido em 20 provincias e um municipio neutro, onde se achava a capital. Os governadores dessas provincias eram nomeados pelo Imperador.

A 15 de novembro de 1889, proclamada a Republica, passaram as provincias á ser Estados, pelo decreto n.º 1 do governo provisorio.

Depois de promulgada a Constituição Federal, foi concedida a cada Estado, a permissão para elaborar suas leis, respeitando, porém, as da União.

Vejam os como se deu isso no nosso Estado. No dia 13 de outubro de 1890, o coronel Pedro Paulino da Fonseca, nomeou por uma portaria uma comissão composta de 14 membros para elaborar um projecto de Constituição.

Entre elles estavam os Drs. Roberto Calheiros de Mello, Joaquim Guedes Correia Gondim, Manoel de Araujo Góes, Jacintho Mendonça e muitos outros alagoanos illustres.

Reuniram-se os membros da comissão no dia 14 de novembro, presidindo a reunião o Dr. Jacintho Mendonça.

Depois de findo o projecto constitucional, foi este promulgado pelo decreto de 22 de novembro de 1890, para ser submetido a aprovação da Assembléa Geral.

A 3 de fevereiro de 1891 foram eleitos os congressistas, sendo 12 senadores e 24 deputados os quaes foram reconhecidos a 4 de março, havendo lugar a primeira sessão preparatoria do Congresso Constituinte no dia 28 do mesmo mês.

Finalmente a 11 de junho de 1891 foi promulgada a Constituição Alagoana, entre demonstrações de jubilo.

Faz hoje, portanto, 36 annos que foi promulgada a Constituição, aqui em Alagoas, motivo pelo qual é o dia de hoje considerado feriado estadual.

Passemos agora a falar sobre um outro facto, que o dia de hoje relembra.

Francisco Solano Lopes, ditador do Paraguay, tinha visitado a Europa em missão diplomatica, e viéra do velho mundo embuido de idéas de grandeza e de preponderancia na America do Sul.

Tivera o nosso paiz uma pequena questão com o Uruguay offerecendo-se Lopes para servir de arbitro, isto é, decidir a

Não o aceitou, entretanto, o Brasil, e o ditador do Paraguay, homem cruel, jurou vingar-se, começando logo as hostilidades.

Aprisionou o paquete brasileiro "Marquez de Olinda", em viagem para o Matto-Grosso, conduzindo o presidente daquela provincia, o coronel Carneiro de Campos.

No dia seguinte ao da declaração de guerra mandava Solano Lopez invadir Matto-Grosso por cerca de 6.000 homens, ficando depois senhor daquela provincia. Desejando atravessar o territorio argentino afim de invadir o nosso paiz, o ditador paraguayo provoca a guerra com a Argentina.

Levantava assim Lopez, contra si, os tres povos da America Oriental.

Em Buenos Ayres, a 1.º de maio de 1865 celebraram, o Brasil, o Uruguay e a Argentina, o tratado da triplíce alliança.

Segundo esse tratado o commando geral dos exercitos que iam entrar em operações contra o ditador, era confiado ao general Mitre; e das forças navaes, exclusivamente brasileiras ao almirante Tamandaré. As tres nações que iam reprimir os impetos de Lopez, achavam-se quasi desprevenidas, para uma campanha em condições tão excepcionaes.

Os argentinos dispunham apenas de um total de cerca de 6.000 homens; os uruguayos contavam com mil e poucos homens. O exercito brasileiro, commandado pelo general Osorio, compunha-se de uns 20.000 combatentes.

Só o Brasil tinha forças navaes capazes para enfrentar as fortificações que Lopez levantara em diversos pontos, ás margens do rio Paraguay.

Cumpria, portanto, aos alliados, cuidar activamente, antes de tudo, de preparar elementos sufficientes para reprimir a sauba do inimigo.

Em tão grave circumstancia, contaram felizmente os respectivos governos com o

patriotismo inflammado das populações, affrontadas em seus brios.

Por toda a parte, no Brasil, se levantavam legiões de voluntarios.

A guarda nacional foi chamada ás armas em todas as provincias do sul, emquanto os nossos arsenaes fabricavam munições de guerra, e até se construíam navios para reforço da esquadra.

Em pouco tempo, tinham-se quasi duplicado as forças alliadas, e prompto para a campanha um exercito de cerca de 40.000 homens concentrados em diversos pontos do r'io Paraguay.

Entre as passagens da guerra salienta-se a que vou citar.

Depois de innumerados combates começa no dia 11 de junho, no rio Paraná, a primeira batalha naval, entre as forças brasileiras e as do dictador.

Na manhã daquelle dia, desceram os navios inimigos até Riachuelo, perto de onde se achava a nossa esquadra.

Ja haviam as forças paraguayas de terra levantado, durante a noite precedente, baterias nas barrancas, de onde deviam cooperar com as forças navaes.

Passaram estas ao descer o rio pela nossa esquadra quasi sem hostilidades, e, chegando as baterias mascaradas, romperam fogo com violencia terrivel, tentando rechassar para cima os nossos navios.

A tactica dos paraguayos era tremenda. E sem a bravura dos nossos como a de Marcilio Dias, que defendendo o leme teve a mão direita decepada, continuando, porém, a manobrar com a esquerda, sem abandonar o seu posto, até que cahiu varado pelas balas inimigas, a derrota seria, talvez, a mais terrivel de toda a historia militar !

Um outro heroe foi o jovem guardamarinha, Guilherme Grenthal, que defendeu valentemente o nosso sagrado pavilhão, sendo covardemente agredido por

um official paraguayo, que até desejava pisa-lo.

A bravura de Grenthal custou-lhe, a vida.

Mantendo o bloqueio dos dois rios — Paraná e Paraguay — estacionava sob o commando do bravo Barroso, a nossa esquadilha composta de 9 navios.

Não vacilla o glorioso almirante ! Todas as guarnições recebem de animo sereno o ataque inesperado !

Os navios apertam os fogos, levantam os ferros, e a bordo, desde o mais obscuro grumete a mais alta patente, todos se lançam na refrega com intrepidez, primando cada um em lances de heroismo.

Lá no topo da capitanea a aragem da manhã agitava o signal "O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever".

Durara 10 horas a batalha. A victoria de Riachuelo, entretanto, aniquilava quasi completamente o poder naval do inimigo. As luctas, porém, continuaram sangrentas e dolorosas, com muitos episodios, em que o heroismo dos nossos soldados foi brilhantemente manifestado.

E, sómente depois de 5 longos annos de tormentos, morto o desvairado Solano Lopez, conseguiu-se a tão almejada paz !

Assim, pois, meus meninos, estudaes, esforçae-vos para bem cumprir as vossas obrigações, escutae os beneficos e meigos ensinamentos dos vossos mestres, afim de que possaes, então homens, honrar, quaequer que sejam as vossas posições, a sublime phrase, que o sempre lembrado almirante Barroso pronunciou no meio das mais cruéis angustias :

"O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever".

E, agora, que pela minha fraca e humilde palavra, estamos um pouco inteirados sobre a importante data de hoje, enviemes com todo o nosso affecto e votos de felicidade os sinceros parabens ao nosso estimado Director, Craveiro Costa, pela

passagem do anniversario deste estabelecimento de ensino, que com tanto acerto e criterio o vem dirigindo.

Flora Malta Ferraz.

(Do G. E. "Diegues Junior").

* * *

DESCOBERTA DA AMERICA (*)

Designada a falar aos alumnos desta Escola, — sobre a data que hoje se comemora, relembrando o grande feito da descoberta do Continente Americano, numa pequena palestra,—eis-me aqui, com vivo contentamento, a fazel-a, procurando assim, corresponder á gentileza do Sr. Craiveiro Costa, illustre Director desta casa de ensino.

Sua escolha poderia ser mais feliz, mais conveniente, se me não houvesse attingido, e sim á outra collega, cujo talento e cuja cultura, fossem a garantia da perfeita execução, nesta incumbencia. Entretanto, não posso e nem devo occultar a satisfação que me proporcionou esta honrosa missão, que tanto me devanece, e a que sobremodo sou reconhecida.

Sinto, além da minha fraqueza intellectual, tenha sido quasi de chofre, destinada á tão importante desempenho !

Se assim não fôra, meus senhores, esforçar-me-ia ainda um pouco, afim de melhor contentar a todos que ora me ouvem, e, não menos, ao meu illustre e incansavel Director.

E vós, alumnos meus :

Os grandes feitos, os grandes commetimentos, as grandes descobertas, dizem muito, fallam sempre bem alto de um povo, — constituem motivos para expan-

sões de jubilo no seio de um paiz. São por assim dizer, os agentes motores na glorificação dos predestinados !

Essas conquistas, de cuja evidencia expandem luz e muita luz, abrindo estradas ao progresso e á civilisação, se não fizeram, se não fazem, e não se farão jámais, sem o concurso poderoso do talento, sem grandes estudos, e, quasi ordinariamente, sem amplos e amargos desgostos.

Na trajectoria da vida, o visionario encontra sempre um mixto de contentamento e de dôr. Avangando resolutu e temerario para as plagas nebulosas do Desconhecido, elle sente ás vezes, no cerebro, as caricias das glorias futuras, mas tambem vê diante de si, os empecilhos, a inveja, o preconceito dos poderosos, e a critica mordaz dos que não podem, nem sabem subir.

Neste caso está o grande navegador Christovão Colombo, cujo extraordinario feito, é commemorado hoje por todos nós.

Diz a castelhana historia, que, esse grande homem, imaginara a sua memoravel empreza com tanto carinho e tão cheio das mais vivas esperanças, que nada o demoveu, porquanto o sabio Aristoteles, nas suas luminosas concepções dizia-lhe sempre, que além das terras da Africa, existiam plagas ja conhecidas dos carthaginezes.

Fôra amicissimo de Perestrello de quem tambem conseguira os melhores documentos, após a sua morte. Sempre afeito as lições de Aristoteles, aquelle conspicio philosopho, Colombo não receiu succumbir no fundo do oceano ; trazia cada vez mais arraigada no cerebro a idéa de pisar em terras por elle desconhecidas e já decantadas pelos vates immortaes do Egypto.

Aos 14 annos, procurou, com fervor, a vida maritima, e abandonando os seus estudos, praticou varias e constantes viagens pelo Mediterraneo, pelas costas do Atlan-

(*) A prof. Maria Ambrozzio fez esta prelecção em 1925, quando prof. do G. E. "Diegues Junior".

tico, as quaes lhe proporcionaram conhecimentos a respeito das terras entrevistadas e suspeitadas.

Varias tentativas propoz ao rei de Portugal, que lhe offereceu os seus prestimos com grande affabilidade, numa longa conversa, que com elle entretivera. E em seguida foi Colombo ao mosteiro de Santo Antonio em Villafranca, beijar a mão á rainha D. Leonor, que lhe mandara dizer que a fosse ver antes de partir.

Depois o rei D. João II mandou-lhe perguntar se preferia ir a Castella por terra, que disporia tudo para isso, e offercia-lhe uma mula e ao piloto outra, e vinte espadins.

O rei mostrara-se invejoso de sua gloria, pretendendo roubar-lh'a e os fidalgo: assassinal-o.

Embora o recebesse D. João II amistosamente, sempre lhe disse, que lhe pertenceriam as terras onde elle chegasse.

Embaraços crescentes, consultas, duvidas, tudo amargurava a alma de Colombo, que resolve partir para França e entregar-se a Carlos VIII, quando lhe veio a idéa de recorrer a Fernando e Izabel na Hespanha.

Todos lhe negaram apoio e consequentemente, regalias e lucros que exigia para si e para os seus descendentes.

Muitos annos depois, Colombo se viu sem recursos ; exaustão, é verdade, mas cheio de esperanças e de fé ainda. Mantinha viva e fulgurante a sua maxima idéa. A-brigado no convento da Rábida, conseguira por intermedio do prior João Perez, uma audiencia da rainha, e junto della advogado calorosamente a sua causa, acceitando a sua proposta. Foi assim, meus caros pequenos, que em tres caravelas baptisadas por Santa Maria, Pinta e Nina, partiu a 3 de Agosto de 1492, do porto de Palos, Christovão Colombo.

na sua ingente tenacidade, persistira sempre.

Durante mais de um mez, só se veem mar e céos. A marujada sublevada pelo terror, quiz se revoltar. Colombo ancioso e afflicto vê signaes que lhe parecem de terra e ajoelhando-se com a mais viva fé, entoou com seus companheiros de jornada, um Te-Deum em acção de graças.

Em vão !

Fôra uma grande cerração !

A marujada quiz retroceder, precisou a palavra fluente e prestigiosa de Alonso Pinzon, para acalmal-a.

Passaram-se momentos em que se combinara a volta, caso não avistassem verdadeiros vislumbres de terra.

Mas, afinal ei-los em evidencia, meus filhos. Colombo avistara terra. A primeira ilha que se lhe apresentara, era conhecida pelo nome de Guanahuní e depois, baptisada por Colombo com o nome de S. Salvador, a 12 de outubro de 1492. E' por isso meus filhos, que hoje estamos aqui em nossa escola, reunidos em festa.

E lhe deram o nome de America, sabem porque ?

Em homenagem ao navegador Americo Vespuccio, que lhe fez a primeira descobrição. Injustamente ! Quando lhe devia caber o nome de Colombia.

Deveis estar lembrados, de que vos disse a pouco — Na trajectoria da vida, o visionario encontra sempre um mixto de contentamento e de dôr. Avançando resolute e temerario para as plagas nebulosas do Desconhecido, elle sente no cerebro a caricia das glorias futuras, mas, tambem vê diante de si, os impecilhos, a inveja, o preconceito dos poderosos e a critica mordaz dos que não podem nem sabem subir !

Um anno depois da grande descoberta, Colombo fez nova viagem da qual porém, teve de regressar para, perante a Côte, protestar contra intrigas e hostilidades que

E' que ás honras que lhe foram concedidas, os lucros que lhe podiam advir da sua grande empreza, eram motivos de ciúmes e invejas.

Accusavam-no de exigente nas despezas, diziam-no causador das luctas com os indigenas ! E apesar disso teve ao seu lado a rainha D. Izabel, mensageira da realisação do seu Eldorado.

Ainda assim, essas intrigas se não afastaram. Varias calumnias foram atiradas sobre a personalidade desse homem eminente.

E o immortal descobridor, carregado de grilhões, qual criminoso vulgar, sulcou o oceano que elle desvendara na expiação de crimes imaginarios ! E' que Colombo, para seus inimigos, era um empecilho, um entrave, um estorvo, diante das descobertas de ouro e pedras preciosas, de cujos valores ja lhe havia sido concedido o direito e a decima parte.

Ainda dessa vez, Fernando e Izabel, manifestaram piedade pelo grande navegante, mas, não o reentegraram no governo das Indias Occidentaes.

Deram-lhe, porém, uma nova esquadra com a qual elle, contornando as terras por si descobertas, aportou novamente á America Central.

Por fim, doente e definhado, achava-se elle em Cuba. O governo de Porto-Rico negou-se a fazel-o voltar para Hespanha e até mesmo a fornecer-lhe os necessarios mantimentos.

Os naturaes do paiz lh'os recusaram tambem. A respeito dessa phase da vida de Colombo, conta a historia, que o intrepido marinheiro, sabendo que para o dia 29 de fevereiro de 1504 estava esperado um eclipse do sol; e como os indigenas adorassem este astro, ameaçou-os de deixal-os ás escuras, se elles persistissem em lhes negar recursos.

correram aterrorisados, entregando-lhe tudo que julgasse necessario, pedindo-lhe que afastasse delles, aquelle castigo divino.

De modo que a 1.º de novembro de 1504, estava Colombo na Hespanha, onde a 26 do mesmo mês teve a desventura de assistir aos funeraes de sua eminente protectora D. Izabel.

Dois annos depois, na maior pobreza, e no mais injustificavel esquecimento dos homens, morria Christovão Colombo — o descobridor da America.

Se na sua vida, como na da maior parte dos grandes homens, houve erro, — é justificavel, mas, o que se não admite, é a desprezivel ingratição de que foi alvo tão immerecidamente esse grande vulto. E razão teve elle, quando pediu que o sepultassem com os ferros que injuriosamente collocaram-lhe os seus impiedosos inimigos.

Eis aqui, alumnos meus, poucos traços da vida desse grande homem, que descobriu a 12 de Outubro de 1492—o nosso formoso continente.

MARIA ROSALIA AMBROZZIO.

Ninguém tem o direito de impôr ás creanças as suas creanças. As creanças tem o direito de conhecerem todas as descobertas e todas as idéas que estabelecidas através dos seculos constituem patrimonio commum da humanidade. A ellas, mais do que a ninguém assiste o direito de conhecerem a beleza e a verdade descobertas pelas gerações anteriores, o direito de conhecerem toda a obra do passado — e como esse conhecimento só se pode adquirir pelo trabalho realisado na escola, assiste tambem ás creanças o dever de serem bons estudantes, attentos, trabalhadores cuidadosos, Quanto mais direitos mais deveres. (J. Bayet)

Os grandes educadores alagoanos



II

DIEGUES JUNIOR

Esse soube amar deveras á sua terra e ser util á sua gente. E da maior das utilidades. Porque as preferencias desse formoso espirito foram sempre pela educação da mocidade, desdobrando-se maravilhosamente no magisterio, que para elle sempre teve a austeridade de um sacerdocio.

Homem de letras ; jurista ; estudioso beneditino da nossa historia, cujas ephemerides conhecia como poucos e propagava em estylo limpido ; geographo paciente, que traçou os limites historicos da nossa terra, deseneavando laboriosamente velhos documentos para alicerçar os direitos das Alagoas ; abolicionista ; homem do commercio, a sua actividade abrangeu occupaões varias, afanosas e uteis...

Mas a feição mais bella do seu espirito era a do professor. Era como mestre que elle punha em relevo o seu grande amor terra natal, dando-se de corpo e alma á educação da mocidade, guiando-a com segurança nos primeiros passos da vida da intelligencia.

Ahi é que a sua utilidade mais sobressae e mais avulta, porque elle soube ser principalmente um mestre, illustre pela sua cultura, querido pela sua bondade, senhor de todos os seus segredos de Pedagogia, cuja evolução acompanhava sollicitamente, adaptando-se a todas as innovações da velha arte de ensinar.

Desde moço dedicou-se ao magisterio, aqui e no Recife, durante o seu curso academico, que foi brilhante, professando nos melhores collegas varias disciplinas, es-

pecialmente historia e geographia, em que era profundo.

Formado em direito, com a sua banca de advogado, entre as multiplas occupaões da profissão, da politica, da propaganda abolicionista, das pugnas literarias, foi sempre professor, ao lado de Francisco Domingues, Ignacio Costa, Adriano Jorge e de outros grandes educadores alagoanos.

Lente do Lyceu Alagoano, Director da Instrucção Publica, Presidente do Instituto Archeologico, com a sua actividade interessada em varias emprezas industriaes, essa vida laboriosa e o peso dos annos nunca lhe arrefeceram os pendores da mocidade pelo magisterio.

A sua ultima obra foi a criação do grupo escolar que tem o seu nome. Obra utlissima, que veio remodelar o ensino primario entre nós.

Pelo que fez pela educação da mocidade bem pode ser um modelo civico.

Assim como um dia bem empregado nos dá alegria para dormir, uma vida bem aproveitada dá-nos alegria de morrer. (Leonardo Vinci).

* * *

O raio, que tanto aterrava os nossos antepassados, está ha muitos annos dominado pelo homem — e desde 1835 aproveitando-o no telegrapho electrico, obrigamo-lo a transmittir a toda a parte o nosso pensamento. A partir de 1874 pelo telefone elle presta-se a transmittir a propria voz humana. De ha muito que a corrente electrica se aproveita tambem na viação das grandes cidades e em 1896 criou-se a primeira locomotiva electrica.

A SAUDE DO POVO E A ESCOLA PRIMARIA

MOLESTIAS E REMEDIOS

(DR. DIAS MARTINS)

(Continuação)

Em que terras dá mais amarellão

E' nas terras humidas, sobretudo arenosas, e nas aguas limosas, paradas, ou com pouca correnteza, que o *ankylostoma duodenale* móra e põe ovos, dos quaes entram em nosso corpo, por diversos modos, até chegarem dentro do intestino, no duodeno, onde agarram-se para chuparem sangue. Os diversos modos pelos quaes as larvas penetram em nosso corpo são os seguintes : — por meio das mãos sujas de terra dos trabalhadores de roça ou dos oleiros, que comem sem laval-as, e nesta terra sujando-lhe as mãos, pôde haver muitas larvas de amarellão, que assim facilmente entram no corpo com a comida :—por meio das verduras das terras de amarellão, si taes verduras fôram cruas; — por meio da agua das minas, das cacimbas, dos poços rasos, e até dos poços fundos, quando sem limpeza, sem fecho, abertos, em sitio em cujo sólo fervilham os *ankylostomas*; — pelo costume de deitarem-se os trabalhadores e as crianças nas terras humidas e andarem em lamaças contendo larvas de *ankylostomas*, que penetram atravez da pelle das mãos e dos pés e das frieiras e vão pelo corpo a dentro, até chegarem no duodeno, em cujas paredes se agarram. O doente de amarellão ou opilação, cada vez que obra ou evacúa, espalha no sólo uma quantidade enorme de ovos de *ankylostomas*, de modo que um doente só pôde em pouco tempo passar a molestia, transmittil-a, o todos os moradores e trabalhadores do sitio, que por isso adquire logo a fama de doentio, o nome de sitio de ama-

rellão, que é o terror dos trabalhadores e causa de grandes prejuizos para o dono.

Meios de evitar o amarellão

Os meios de evitar o amarellão, nos lugares atacados por elle, são: não ter aguas paradas, nem beber agua de minas, de cacimbas, de poços sujos, abandonados; não comer nem fumar com as mãos sujas; não comer verduras sem estarem cozidas, nem fructas sem descacal-as; não deitar-se no chão, nem viver nos lamaças; não dormir com a roupa de trabalho, que deve ficar pendurada no paiól, pois nella, nas pernas das calças, sobretudo, pôde haver larvas do *ankylostoma*; não dormir sem lavar o corpo todo, com bastante agua e sabão, ou ao menos o rosto, as mãos e os pés. As crianças devem ser lavadas todos os dias, e si fôr possivel, com agua salgada, que se faz desmanchando um prato de sal numa bacia grande com agua quente. Este banho salgado é muito bom para todos, porque o sal mata o *ankylostoma* e os filhotes e os ovos são tambem destruidos por elle.

Quando houver doente de amarellão, evacuará elle numa fossa ou buraco quadrado, de um metro de fundo e outro tanto de comprimento e de largo, feito num lugar bem secco, longe de todas as aguas, de beber ou lavagem, fechado por uma cerca, coberto por um pequeno rancho de sapé, tendo na bocca taboas ou páos roliços sobre os quaes ficará o doente quando evacuar; sobre cada evacuação elle lançará um pouco de cal ou de sal moido ou de cinza, que haverá no rancho, ou um pouco de terra sêcca, que é o mais facil e pratico. Em

redor do rancho deve ser feito um rego para esgotar a agua das chuvas.

A cal, a cinza ou o sal matam o *ankylostoma* e os filhotes, destruindo os ovos ; a terra sêca é para apressar a transformação das evacuações dos doentes em esterco, pois já sabemos que a terra é muito rica de microb'os que desmancham, transformam todas as sujeiras para as plantas se alimentarem. Este cuidado com a evacuação dos doentes de *amarellão* é indispensavel ter, sinão nunca mais acabará o *amarellão* no sitio, que por causa disso não terá trabalhadores e nem comprador. O *ankylostoma* dentro do buraco ou fossa de terra sêca, morre, fica destruido.

Um bom costume, que todo lavador deve ter, é habituar a familia a evacuar numa fossa, abrigada num rancho de sapé, ou de qualquer palha, em tudo igual áquelle no qual evacua o doente de *amarellão*, apenas não havendo necessidade do sal e da cal, mas apenas da terra. Por este meio se evitarão muitas molestias. A melhor terra para ser usada nesta fossa é a escura, que é a terra vegetal, rica em humus e bacterias ou microbios, que rapidamente transformam as evacuações em adubos, em substancias mineraes, proprias para alimentar as plantas. Entretanto qualquer terra serve, principalmente das plantações.

Quando os buracos estiverem cheios de evacuações e terra, se plantará nelles uma laranjeira ou um limoeiro, mas nunca se fará horta. Se o doente não puder ir ao ranchinho de sapé, ou de palha, evacuará então num urinol, dentro do qual se porá agua fervendo, despejando-o depois no buraco, que tem o nome de *fossa de terra*, e que é indispensavel haver em todos os sitios, sinão, as gallinhas e os porcos comerão os excrementos humanos ; e a gente, se alimentando com a carne delles, assim nutridos, pôde vir a soffrer, como tantas vezes succede, de muitas molestias ; de lambiões, por exemplo, que são uma das

causas dos ataques nas erianças, ou de solitarias, que fazem padecer tanto, a todo o mundo, ou ainda de outras molestias mais.

Nas escolas publicas de região rural, onde não houver esgotos, os governos estaduais e as Camaras Municipaes devem mandar fazer essas *fossas de terra* afim de evitar a propagação de molestias e ensinar ás erianças a utilidade deapparelhos sanitarios tão rusticos, mas tão defensivos da saude da gente do campo, principalmente, e ensino que é um meio de fazer utilmente a sua propaganda. A *fossa de terra*, convem saber, é muito usada na India pelos inglezes, e com optimos resultados.

Como se cura o amarellão

O tratamento dos doentes de *amarellão* é o seguinte :

Na vespera de tomar o *thymol*, remedio que mata o *ankylostoma*, o doente só se alimentará com leite ou caldos, de gallinha ou de carne, sem nada dentro ; e á noitinha desse dia tomará 65 centigrammas de calomelanos, misturados com duas grammas de assucar de leite, tudo dividido em tres capsulas ou papeis iguaes, dos quaes tomará um de hora em hora.

No dia seguinte, pela manhã cedo, deve tomar então 3 a 6 grammas de *thymol*, em seis capsulas iguaes, tomando cada capsula de meia em meia hora. Si o doente não melhorar, o remedio pôde ser repetido, na mesma dose, duas a tres vezes, com o intervalo de muitos dias.

Nas pessoas fracas esta dóse pôde ser diminuida. E' bom sempre, depois de usar este remedio, comprar um fresco de pilulas de Easton, e tomar uma pilula no almoço e uma no jantar. Estas pilulas tem ferro e strychnina e outros fortificantes, muito bons, de modo que ellas dão logo boa côr e força aos doentes. Em vez das pilulas de Easton se pôde usar os comprimidos de *Ferru Nutrado*, conforme está escripto no

frasco do remedio, tão bom para dar forças.

A's crianças se dará o *thymol*, bem moído, na quantidade de uma a tres grammas, misturadas com igual quantidade de assucar refinado, e divididas em tres papeis, iguaes, que serão dados de hora em hora, deste modo :

A's crianças de 2 a 3 annos se dará 1 gramma, em tres dôses, iguaes, de hora em hora, diminuindo-se um pouco a dôse nas crianças de 3 annos.

A's de 6 para 9 annos se dará tres grammas, em tres dôses, de hora em hora, diminuindo-se um pouco a dôse nas crianças de 6 para 7 annos ; e ás crianças maiores de 9 annos se irá dando o remedio, augmentando a dose, de meia em meia gramma, por cada dois annos. O medico ou pharmaceutico do lugar melhor explicará tudo isso, pois é indispensavel, absolutamente indispensavel, ouvir-os a respeito, antes de tomar o remedio.

Um remedio ainda mais facil para curar *amarellão* e melhor até que o *thymol* é o *oleo de chenopodio*, que é extrahido da herva de Santa Maria, ou mastruço. O medico ou pharmaceutico ensinará como se deve usar este remedio. Nos sitios e fazendas, em vez de oleo de chenopodio, se pôde usar o succo da herva de Santa Maria, deste modo : — n'um pilão bem limpo, ou como melhor fôr, se esmagará galhos da herva de Santa Maria, juntando-se um pouquinho de agua fria ; depois se espremerá a massa verde num panno bem limpo, do qual sahirá então o succo assim coado. Desse succo se dará ás crianças, em jejum, 2 a 3 colherinhas das de chá, misturadas numa colher e meia de oleo de ricino. Para as pessoas grandes, adultas, se dará 2 a 3 colheres de sopa do succo, num purgante de oleo de ricino, tudo misturado. Este remedio não só cura o *amarellão*, como evita o seu apparecimento. Por isso se deve dar ás crianças na roça, todos os

mezes, este remedio, afim de evitar o *amarellão*.

Herva de Santa Maria, ou mastruço, ha por toda parte ; cultiva pois e sempre na tua horta ou quintal muitos pés de herva de Santa Maria, para curar e evitar o *amarellão*. No Norte do Brasil a herva de Santa Maria tem nome de mastruço, que o povo chama *mentruz* ou *menstruz*.

A febre typhoide

Outra molestia que muito ataca os agricultores é a *febre typhoide*, produzida por um microbio vivendo n'agua, no leite, nas verduras rasteiras, como a couve, a alface, etc.; e molestia muitas vezes confundida por elles com as *maleitas*, só porque o doente de febre typhoide, todos dias, do meio-dia para tarde, peiora mais ; e é por causa disso que o povo pensa que realmente o doente tem um *intermittente*, que para elle vale tanto como *maleitas*, o que não é certo. A's vezes o povo, sem saber, tambem chama *resfriado forte* a casos de febre typhoide, e disso muita gente morre no interior do paiz, no isolamento dos sertões.

A *febre typhoide* começa devagar, manhosamente, por uma *lombeira*, que cada dia mais cresce ; por uma febresinha, com dôres de cabeça, de pernas e de todo corpo, febresinha que não passa e não cede, mesmo tomando, muito e muito quinino e sudores fôrtes, que vae subido cada dia um pouco, principalmente á noite, até ficar muito alta, ao mesmo tempo que o doente vae enfraquecendo, não querendo saber de comida, e quasi sempre com evacuaçã ou *diarrhéa* muito fétida, e a lingua suja, muito grossa, ás vezes com um casco escuro, sêcca, e os dentes cobertos de sujeira amarellada, a bocca com mau cheiro e ás vezes os beiços rachando, e sahindo sangue das rachaduras.

Para evitar a *febre typhoide* é preciso : — beber agua pura, ou filtrada, ou fervida

quem não tiver água pura — ; não comer verduras sem estarem bem cozidas, e nem fructas sem estarem bem maduras e descascadas — ; não beber leite que não tiver sido tirado com muito asseio e não tiver sido fervido e guardado em vasilha muito limpa e bem coberta, de modo que nem as moscas e nem os mosquitos tenham podido tocar nelle ; e finalmente — ter o maior cuidado para que, nem as mosquitos toquem nos doentes de febre typhoide, e as evacuações delles não sejam atiradas no monturo, mas na latrina do esgoto, ou na fossa de terra, com cal em cima, ou enterradas ou destruidas por outros meios, que um medico ensinará. O doente de febre typhoide é tratado com banhos mornos, de todo o corpo, durando cada banho de 10 á 15 minutos, ou mais, banhos que serão repetidos duas á tres vezes por dia, pela manhã, ao meio-dia e á noite, e dos quaes o doentes gostam tanto, por lhes causarem grande bem estar.

O que se deve fazer quando não fôr possível dar banho no doente de febre typhoide

Quando, por isto ou por aquillo, não fôr possível dar banho, se molhará o corpo do doente com alcohol, que é o espirito de vinho, ou mesmo com pinga bôa, que é aguardente ou cachaça ; basta molhar uma esponja ou um lenço ou pedaço de panno bem limpo no alcohol ou na pinga forte e passal-os delicadamente, bem molhados, por todo o corpo, não esfregando, mas apertando apenas o panno, ou lenço ou esponja molhados, contra a pelle, e desde os pés até o pescoço, molhando bem a pelle ; e cobrindo depois o doente com o lenço ou colcha ou coberta, e isto póde ser feito duas á tres vezes por dia, e faz muito bem aos doentes. Um meio precioso para auxiliar o tratamento da febre typhoide é collocar,

co de borracha, com géllo moído dentro, que será substituido por novo géllo quando a borracha já não estiver bem fria. A's vezes este meio dispensa o banho, nas pessoas fracas ou difficéis de banhar. O sacco de borracha compra-se nas boticas e não deve ser posto sobre a pelle núa, mas sobre um panno de flanela bem fina, cobrindo a pelle do ventre, e não deve ficar cheio de géllo moído, mas pelo meio, afim de não pesar muito.

Os banhos diminuem muito a febre, e os doentes entrando nelle com febre alta, sahem muito alliviados e mais frescos. Antes de cada banho serão feitas lavagens intestinaes com água fervida, morna ; cada lavagem sendo feita com um litro ou dois de água fervida, e cada litro contendo tres colheres de chá de sal moído ou dez gottas e tintura de iodo. Estas lavagens são feitas duas vezes por dia, por meio de um irrigador de folha de dois litros, e uma sonda ou tudo de borracha chamada sonda de Nelaton. Um medico ou pharmaceutico ensinará como se fazem estas lavagens, sem as quaes não se póde tratar doentes de febre typhoide, molestia que ataca sobretudo o intestino, e é por causa disto que é preciso laval-o bem, para desinfectal-o, limpal-o, principalmente dos microbios da molestia e da materia fecal nelle apodrecendo.

O doente fará gargarejos e lavará a bocca todos os dias, tres ou quatro vezes, gargarejando e bochechando um copo de água morna, contendo : ou succo de meio limão, ou uma colherinha de chá de bicarbonato de sodio, ou meia colherinha de sal moído, ou dez gottas de tintura de iodo. Quando o doente estiver muito desasoçado, póde-se dar 25 cent'grammas de clo-rhydrato de quinino, pela manhã, ao meio dia, á tarde e á noite, ou sómente á tarde e á noite ; o quinino é dado mais para acal-

dada na mesma quantidade e do mesmo modo.

Limonada vinhosa e de limão, café, leite, caldos, chá, agua fresca, infusões ou chá de canella e de herba doce, ou de folhas de laranja, são remedios e alimentos que o doente deve tomar. Sómente um mez depois que a febre tiver desaparecido é que elle poderá comer alguma cousa solida, como bife, gallinha, etc. ; entretanto, poderá chupar uvas, engulindo *sómente* o caldo, o succo, e chupar *caninha*, molle, tenra, evitando engulir particulas do bagaço, que farão muito mal ao intestino doente.

Necessidade do medico vêr o doente de febre typhoide

Doente de febre typhoide não pôde deixar de ser visto pelo medico, porém como a molestia dura muitos dias e até mezes, é indispensavel que a familia saiba tratá-lo, e não fique tão assombrada com doença, tão prolongada, e que, sendo bem tratada, raramente mata, matando muita gente quando mal cuidada, ou em idade adiantada, ou já enfraquecida. Febre typhoide ligeira dura cerca de 15 dias ; branda, cerca de um mez ; forte, cerca de dois a tres mezes.

Com a dieta da febre typhoide não se deve facilitar, *sinão* morre-se a tóa. E aqui cabe bem o dictado : cautela e caldo de gallinha não fazem mal a ninguem.

As roupas do doente, tanto do corpo como da cama, bem como pratos, copos, e tudo o que ele tocar, deve estar separado e deve ser lavado á parte, com agua fervendo, *sinão* a molestia transmite-se a todos ; por tudo isso, elle deve estar sózinho, num quarto, e ser tratado por uma pessoa só, e haver a maior limpeza no quarto, de

E por fallar em moscas e mosquitos, convem lembrar aqui o grande *perigo de cuspir e escarrar no chão*, porque as moscas e mosquitos pousando no cuspo ou saliva e nos escarros, que ás vezes contêm tantos microbios, causadores de molestias graves, espalharão depois muitas doenças, tocando os alimentos com as patas e as trombas, sujas de saliva e escarro. Além disso, o escarro do tísico, por exemplo, seccando, vae *virando poeira*, que fica suspensa no ar, que a gente, sem saber, respira, e pôde ficar tísico tambem, pois é por esse meio que a tísica se transmite, em grande parte, respirando-se o ar sujo com tal poeira, que vae até o pulmão, carregado de microbios da tísica ou tuberculose.

Não cuspas nem escarros no chão, pois basta o escarro de um tísico para matar muita gente. Si não tiveres escarradeira, enterra o escarro, põe terra em cima. De outro lado, convem saber que ha muita gente que cospe por vicio, a tóa, sem ter doença na bôcca, na garganta ou pulmão que a obrigue a isso ; e quando o cuspo, isto é, a saliva, é uma cousa preciosa, e com a qual é feita a digestão de muitos alimentos na bocca, taes como, o amido, etc.

Dysenteria ou caimbras de sangue

Molestia que tambem ataca muito o agricultor é a *dysenteria*, chamada *caimbras de sangue*, causada por um microbio chamada *ameba coli*, que inflamma o intestino, na sua parte chamado intestino grosso, e vive nas aguas de má qualidade principalmente, e nas verduras cruas e nas fructas sujas, meio podres. Ha outra dysenteria produzida por outro microbio, porém é causada pelo *ameba coli* é a que mais flagella os nossos agricultores e até produz abcessos no figado, isto é, tumores contendo pús, ou materia, como diz o povo. Cuidado pois com dysenteria

fructas maduras, descascadas, e verduras cozidas, ou bebe leite que mosca não tenha tocado, difficilmente terá *dysenteria*, e nem *diarrhéa*, tambem chamada *saltura*, que é uma especie de *caimbras de sangue*, mas não havendo sangue nas evacuações. Logo que a *dysenteria* apparecer, se dará clysteres de cosimento de linhaça, muitas vezes por dia, os clysteres sendo tão quentes quanto fôr possível ao doente supportal-os. Banhos quentes de todo corpo, banhos de assento, espertos, são meios muito bons de alliviar os doentes. Os puxos cedem aos clysteres, mesmo de agua, contanto, que sejam muito quentes, o mais quente que fôr possível ao doente supportar, e repetidos, com os banhos de assento, tambem muito quentes. Sacco de borracha com agua quente sobre o ventre ou pannos de flanella, tambem quentes, são meios muito bons para alliviar as dôres do ventre.

A dieta é : beber leite, caldo, mingáus ralos, chá, agua fresca ; e muitos dias depois da molestia acabada não comer sinão coisas leves. O tratamento das *diarrhéas* é mais ou menos a mesma coisa ; podendo-se tratar os doentes de *diarrhéa*, como os de *dysenteria*. Um bom remedio para os doentes de *dysenteria* e *diarrhéa*, mas sobretudo de *dysenteria*, é elles beberem, de uma só vez, pela manhã cêdo, em jejum, uma ch'cara, das pequenas, cheia de agua bem quente, e contendo uma colherinha de sulfato de sodio, que é o sal de Glauber ; este remedio pôde ser usado uma ou duas semanas, e juntamente com os outros remedios. Doente de *dysenteria* deve ser visto pelo medico, ou ao menos se deve consultar o medico sobre o seu estado. Não esqueças : — quando apparecer *dysenteria* ou *caimbras de sangue* no teu sitio, toma logo cuidado : *primeiro*, com a agua de beber, que é nella que está o maior perigo, e, si não tiveres agua boa, ferve-a, sinão será grande o numero de doentes ; — *segundo*,

tendo o maior cuidado com os seus alimentos e a sua diéta.

Diarrhéas e vomitos rebeldes das crianças de peito

Nas crianças de peito com *diarrhéas* e *vomitos rebeldes* o melhor remedio é não dar leite, nem de peito, nem de vacca, durante 12 e até 24 horas, e, si preciso fôr, até 36 horas, dando agua fervida, fria ou morna, em lugar de leite ; pôde-se adoçar a agua com um pouquinho de assucar refinado e dar até um litro d'agua por dia, contanto que se dê ás colheres de sopa, de quando em quando. A agua deve ser fervida. As lavagens intestinaes, diarias, feitas pela manhã e pela tarde, com um litro ou meio de agua fervida e morna, são muito bons remedios para curar as *diarrhéas* nas crianças. Si as mães quizerem dar leite ou comida, nesse um ou dois dias de tratamento, é capaz do doentinho não escapar da molestia, que mata tão grande numero de crianças.

Depois de 12, 24 ou 36 horas, então, o doentinho irá mammando um pouco, mas sómente de 2 em 2 horas e sem tomar remedio algum, salvo si houver medico. O leite de vacca, descoberto, cheio de moscas, é não sómente causa de *diarrhéa* e *dysenteria* nas pessoas grandes e pequenas, como tambem de *febre typhoide*. É muito bom, quando possível, ouvir os medicos sobre os vomitos das crianças de peito, e não demorar muito em ouvir-os, e aconselhar-se com elles.

O "dôrdôe" ou inflammação dos olhos

A inflammação dos olhos, que judia tanto dos agricultores, causando-lhes tantos prejuizos de saude e dinheiro, apparece principalmente, no tempo do milho verde, e em S. Paulo, tem o nome de dôrdôe. Esta molestia acredita-se ser espalhada

principalmente, por mosquitos, que vêm do monturo pousar nos olhos da gente ; e depois que a inflamação apparece, quasi sempre primeiro nos olhos das crianças, elles vôm dos olhos doentes, e com os pés e com as trombas cheias de remela ou pús, no qual ha milhares de microbios, geradores da molestia, vão parar nos olhos das pessoas sãs, onde deixam ficar os microbios, que produzirão a doença, a inflamação dos olhos, o *dôrdoé*.

Quando a molestia apparece, se deve fazer assim : — o primeiro doente ou os primeiros lavarão os olhos, de hora em hora, com agua bem quente ; e as pessoas sãs, da mesma casa ou das casas vizinhas, lavarão os olhos com agua bem quente, quatro vezes por dia.

Por este meio a molestia fica logo destruida. O doente de *dôrdoé* deve lavar os olhos em bacia separada e enxugar o rosto em toalha ou panno limpos, tambem separados, e separados tambem devem andar os seus lenços.

A agua bem quente banhando os olhos, acalma as dores, ajuda a desinflamar-os, e é um dos melhores remedios para inflamação dos olhos, e sem perigo de fazer mal, mesmo usado por muito tempo. O *dôrdoé* faz muitos cegos e estraga muito a vista. Toma pois cuidado com elle e com os mosquitos e moscas nos olhos das crianças, como da gente grande.

(Continúa.)

Porque ninguem está livre de perigos, é mistér educar a creança de modo a que ella se habitue a supportar a fadiga, a fome, o frio, todos os incommodos e a enfrentar com coragem qualquer perigo. A creança cobarde, estragada pelos mimos, será fatalmente um homem vencido na vida.

Com a creança timida, destituida de

Defeitos de educação

Historia de um menino mal educado

(OCTAVIO PIRES)

(Continuação)

Reabre o Gymnasio e cil-o em campo, o nosso Julio.

Antes mesmo de começarem as aulas, elle desempoeira os livros e sobraçando-os anda flammando pelas ruas, com o aruimo de bom estudante.

Em todas as rodas fala sobre as materias que estuda, as explicações dos lentes, e fazendo-lhes injustiça.

Como no anno anterior, é vadio e aruaceiro.

Aberta as aulas, começa nas tróças e a fazer *espírito*.

Escreve immoralidade pelas paredes, mesas e pedras.

Tudo esbandalha e inutilisa.

Como um agente destruidor, por onde passa, deixa estragos.

Numa das poucas vezes que vai ás aulas, um lente faz-lhe uma observação energica, aconselha-o a proceder melhor e a ser mais applicado.

Revolta-se contra elle e começa a alliciar os companheiros para o desfeitem.

Diz "que o professor é um grosseiro e que não é digno de fazer parte daquella casa e de conviver com moços educados e dignos".

Consegue fazer adeptos e propositadamente volta á aula do professor e ahi chegando, faz das carteiras tambor, escarra com violencia, mia como gato e berra como carneiro.

A claque, por elle preparada, rompe em gargalhadas; o professor chama-os á ordem, não é attendido; suspende os trabalhos e ao retirar-se é vaiado por Julio e

pelos collegas que o acompanham no acto de má criação e grosseria.

O professor leva o facto ao conhecimento do director e pede-lhe providencias : as penas do Regulamento são postas em execução.

Diversos arruaceiros são suspensos e outros prohibidos de voltar ao estabelecimento.

No dia seguinte os jornaes profligam o que se deu no Gymnasio e publicam os nomes dos autores do facto e as penas que lhe foram impostas.

A familia de Julio, pela leitura da imprensa, fica ao corrente de mais essa *bravura* do filho.

Interrogam-no sobre o acontecimento e elle cheio de si, diz "que não foi elle só, mas todos os seus collegas fizeram uma manifestação de desagrado ao professor Fulano, por não saber o que ensina e ser malcreado".

"Não está arrependido do que fez com os seus collegas, porque era preciso que a mocidade procurasse convencer ao governo de que devia ser mais escrupuloso na escolha dos lentes dos estabelecimentos publicos".

"E que a prova de que elles tinham andado bem, estava no facto do *Jornal* do seu Joaquim estar ao lado da mocidade, mettendo ao ridiculo o professor vaiado".

A familia dá rasão ao Julio, e concorda em que "o professor Fulano é ignorante e malcreado, como dizem todos, e sómente por protecção politica está naquelle logar".

Não se conforma com a expulsão de Julio e começa o pae a empenhar-se, até com senhoras, para o filho voltar aos estudos interrompidos por uma *injustiça*.

Passa pelo dissabor de ouvir de muitos amigos justas censuras contra o filho e contra elle, que o não tem sabido criar. Mas apesar disso, tenta justifical-o.

Depois de dous ou tres mezes, e de ter

que a falta do filho seja relevada e que elle volte ao campo de suas *bravuras*, interrompidas pelo rasgo de *energia* que praticou.

Pouco tempo tem o nosso Julio para as suas expansões de bem educado.

As aulas fecham-se.

*
* *

Começa o anno e volta Julio ao Gymnasio, com pontualidade ingleza.

Passa o tempo como nos annos anteriores, fazendo barulho, empurrando e batendo os companheiros.

Quando se acha com os collegas ninguem pôde passar pelo Gymnasio, que não seja apupado : até senhoras são por elle desconsideradas !

Por desfastio, vai assistir a uma ou outra aula, donde quasi sempre sahe a convite do professor, a quem procura desconsiderar.

A todos os amigos e conhecidos diz que vai aos exames de Março e que tem a certeza de ser approvedo.

Chega Março e Julio não concorre aos exames, "porque está fraco nesta ou naquella materia e não quer fazer sómente um ou dous exames, e sim quatro ou cinco de uma vez".

A familia dá tambem essa explicação a quem a interroga sobre os exames do filho e não perde occasião de elogial-o. A proposito de qualquer cousa lhe faz lisongieras referencias.

Como já namora e precise escrever ás namoradas, compra um "Conseineiro dos amantes", e nas horas vagas com difficuldade o lê, e copia, o que lhe convem, para "fazer *figura*" perante a menina.

Isso feito, garatuja as cartas e antes de envial-as ás namoradas, mostra-as aos amigos que, tão preparados como elle, acham-nas boas e até lhe pedem copias.

O tempo vai correndo e Julio desenvol-

vendo-se physicamente e atrophiando-se intellectualmente.

Tem apenas dezeseite annos e já apresenta um phisico de vinte.

“Está moço”, diz a familia, e “é o retrato fiel do pae”.

Constantemente pede dinheiro á familia, para comprar livros e pagar explicadores particulares.

Por diversas vezes apparece em casa alcoolisado; e uma noite chega ferido e contundido. Interrogado pelos paes, diz “que caiu dum bond ao saltar, ou que um bandido o atacou, no intuito de rouba-lo, e como elle reagisse, deu-lhe umas cacêtas e o feriu”.

Todos ficam alarmados, chamam medico e fazem-lhe o tratamento.

No dia seguinte contam aos visinhos o triste facto que se deu com Julio, censuram as autoridades pela falta de garantias em que todos se acham, e a impunidade em que deixam os malfeitores e ladrões.

Julio não disse a verdade: as contusões e os ferimentos foram feitos por um companheiro com quem brigou, numa casa de má reputação, onde se achavam. Só não foi preso, por se ter evadido a tempo e os soldados não conseguirem agarral-o.

Passa alguns dias em casa e depois volta á vida de namorado e *estudante* vadio e desordeiro.

* * *

Chega afinal a occasião em que Julio resolve-se e entrar em exames.

Aberta a inscripção para exames de preparatorios, elle é um dos primeiros concorrentes aos de Portuguez, Francez, Latim, Arithmetica, Algebra e Geometria.

Fiel a sua palavra não quer fazer um ou dous exames de vez e, sim, muitos.

Para os sellos dos requerimentos, o pae concorre com importancia maior do que a

Elle não tem tempo para occupar-se com cousas que só ao Julio interessam.

Começam a funcionar as bancas examinadoras e, no dia em que é chamado, apresenta-se com a coragem de quem está senhor da materia e nada teme.

Entra em exame — é reprovado. Volta ao segundo e não é mais feliz; entra no terceiro, e, como ignore por completo a materia, serve-se da penna e papel que tem á sua disposição, e passa desbragada decompostura nos examinadores.

Não satisfeito com isso, e desesperado porque as suas reprovações foram *injustas*, visto achar-se mais preparado do que Antonio e Francisco, que foram approvados; attribuindo a *injustiça* a alguns dos professores que são adversarios do pae, especialmente o dr. Fulano, que além de adversario, é inimigo, arma-se de forte bengala e resolve-se a tomar desforço pessoal.

Perfilá-se á porta do estabelecimento de ensino, e na occasião em que os examinadores vão sahindo, atira-se ao escolhido para sua victima e tenta batel-o.

Repellido pelo aggreddido e pessoas presentes, é expulso do Gymnasio.

Dirige-se á casa e ahi chegando diz “que deu umas bengaladas no dr. Fulano por o ter reprovado injustamente, com o unico fim de vingar-se do seu pai, de quem é inimigo pessoal”.

Os paes ficam revoltados contra o dr. Fulano e acham que Julio procedeu como um moço de brio e de vergonha.

“Sabiam qual o meio de Julio ser approvado: era darem uns cobres aos examinadores e tudo se arranjaría; mas isso não fariam, porque Julio não estava nas condições dos que compram approvações”.

O facto echôa e a imprensa noticia.

A commissão examinadora reúne e comunica ao pae o deprimente facto praticado pelo filho e pede-lhe providencias.

pelo filho, que não lhe falou a verdade e lhe explicou tudo, como lhe convinha, em vez de ir aos examinadores, dar-lhes todas as satisfações, condemnar o procedimento do filho e castigal-o severamente, escrevelhes uma carta em mão portuguez e termos grosseiros, dizendo que o menino procedeu como devia, impulsionado por nobre sentimento e que incorrectos e dignos de censura e castigo eram aquelles que mercadejavam as approvações, ou se deixavam levar por empenhos e patronatos !”

Por muitos dias o facto é assumpto de todas as conversações, e pae e filho são apontados, o segundo como o prototypo dos malcreados e desordeiros, e o primeiro como exemplo de mão e desorientado pae !

São geraes as censuras, e só a familia de Julio não as ouve e até se julga ennobrecida com o acto de *energia*, de *dignidade* que elle praticou !

Incompatibilizado com o Gymnasio e bancas examinadoras, resolve-se a abandonar os *estudos* e, como já está moço, procurar collocação.

(Continúa).

HISTORIA COMPLICADA

(MONOLOGO)

Contaram-me, ha poucos dias,
Uma historia complicada,
Na qual inda estou pensando,
Sem entender a embrulhada.

Em questões de parentesco,
Confesso que não sou forte,
Confundo tios com primos
E com o marido a consorte.

O caso é este : um sujeito
Casou-se com a tia... (delle),
E casamento foi esse
Que não parecia aquelle...
Mas essa tia já tinha

Com um tio do seu marido
Que, por signal, era inglês ;
E do matrimonio houvera
Uns cinco filhos ou mais,
Que do marido eram primos,
Quero dizer : do rapaz.
E, sendo assim, do padrasto
Eram primos os enteados.
E os laços do parentesco
Ficaram mais complicados
Quando nasceu um menino
Que era priminho dos manos,
Filho e primo do papae
E da mãe... quantos enganos !...

Era filho e era sobrinho !...
Cresce o menino e se casa
Com uma filha da avó torta !
Que complicação em casa !

Seu filho, — bisneto torto, —
Casou com um concunhada,
E augmentou com o casamento
A medonha trapalhada ;

Porque o avô que era primo
Dos netos da sua esposa,
Passou a ser... bisavô...
Emendando-se :

Oh ! Perdão . . . E' outra cousa . . .
Quero dizer que o sobrinho
da sogra da concunhada,
Ficou madrasta da irmã...

Não ! Não é isto... Qual nada !
Confundi-me. A historia é outra :
sobrinha do marido

E' que ficou sendo o sogro...
Sogro, não !... estou perdido...

Mas, meu Deus !... Que estou dizendo ?
Que terrivel confusão !...

O sogro é que era a sobrinha...
Quero dizer . . . sim . . . Perdão !

Desculpem se não termino
Nem desembrulho a embrulhada ;
Mas confessem que realmente
E' uma historia complicada !

O FUMO

ERA um dia de exame... Toda a escola
Tinha um raro esplendor!
Tendo em tudo o perfume que se evola
Dos roseiraeas em flor!

No semblante de toda a meninada,
Garrulla e viva,
Brincava uma alegria exuberada
E communicativa!

E gozava-se em cada dependencia
Do palacio-escolar, que nos seduz,
Gorgeios e sorrisos da innocencia,
Um ar tonificante e muita luz,

* * *

“Pedro... Francisco Leite... Antonio Gomes
José da Silva e Candido de Queiroz...
Era o velho censor cantando nomes
Em alta voz.

Cada alumno sentia o doce effeito
De uma sensação nova.
E seguia risonho e satisfeito
Para a primeira prova.

De cada qual o coração palpita...
Todos entram na sala de uma vez...
E vão se submeter à prova escripta
De portugûês.

Rusgam pelo prazer que lhes vem nalma,
O mais velhinho delles e o mais moço!
—“Psiu!” murmura o censor, “silencio”; “calma”.
“Não precisam fazer tanto alvoroço!”

“Não rusguem, porque a prova só começa
Estando cada qual no seu logar;

“Fiquem, portanto, ahí muito quietos...
Mesmo porque Nosso Senhor censura
Meninos incorrectos,
Anjos sem compostura”.

—Vamos...

—Não vou?

—Não vais?

—Não vou.

—Que historia...

Porque não vais? porque não queres ir?

—Porque não quero, não terás a gloria
De me veres seguir!

—Vamos. Não desattenda, senhor Varella...

—Não seguirei, já disse.

—Fôra feliz se o director, te ouvisse...
Se elle chega à janella...

—Chama-o, depressa!

—Chama-lo-ei nesthora,

—Dar-te-ei um automovel já e já...

* * *

Mas nesse instante, numa voz sonora,
Diz o mestre sorrindo: —“Venham cá!”

* * *

—Agora sim eu sigo
Muito ligeiramente!

—E seguirás commigo,
Já não estás valente!...

* * *

Deante do velho director chegaram,
Presos de estranha e forte commoção.
Os dois se entreolharam...

Fala o decurião

Ao mestre venerando,
Que o escuta apumado e sobranceiro:
“Este menino estava ali fumando.
Ali no jasmineiro...”

Encontrei-o fumando um cigarrinho,
Logo à vossa presença o quis trazer;
Elle, porém, se fez malcreadinho,
Não quis obedecer.

—Não quis obedecer?!
—Não quis. É um facto.

De certo, não o nega.

—Dize-me, filho meu, é bem exacto
O que me vem dizer o teu collega?

—É, senhor Director. É bem verdade
Que lhe desobedeçi.

Mas não foi presumpção, nem vaidade,
Eu ja me arrependi.

—Creio, meu amiguinho, e isto é louvavel.

Mas olha, desde já fica inteirado,

Que se torna de facto insupportavel,

Todo o menino que é mal-educado.

A tua confissão te eleva e exalta;

Bem comprehendeste que fizeste mal

Mas agora tratemos da outra falta,

Da falta principal:

Como um rapaz garboso,

Com desusado aprumo,

Prestavas, fervoroso,

Homenagens ao fumo?

Do jasmineiro em flor, sob as ramagens,

Fumavas um cigarro de papel;

E, destarte, rendias homenagens

Ao teu algoz vilissimo e cruel!

Tu estavas fumando e profanavas
A pureza sem par deste ambiente,
Emquanto, descuidoso, envenenavas
Teu imbelles organismo incipiente,

Incipiente, flacido e mimoso,
Ainda em formação!
Portanto és um menino criminoso...

—Fumei...

—Não continues. Ouve. Attenção:

Se não queres perder, meu filho e amigo,
De tua infancia os perigrinos lumes,
É justo que te afastes do perigo,
E mister que não fumes.

Não é somente um vicio desprezível,
Asqueroso e nojento.

Que synthetiza tudo que ha de vil.
É um veneno atroz, de acção terrivel,
Que intoxica, momento por momento,
Teu corpinho gentil!

Começa—velha serpe viperina
O vicio, que ora te agrilhôa e doma,
A roubar-te da bocca pequenina
O delicado aroma.

Empana-te dos olhos a viveza;
Descora a tua tez;
Macula dos teus dentes a belleza,
O brilho e a candidez.

É um vicio nefando.
E super-traioeiro,
acaba intoxicando
Teu organismo inteiro

E se delle a malefica influencia
Sobre ti continua a se exercer.
Antes de entrar em franca adolescencia
De certo has de morrer.

E se acaso, viveres, certamente,
Serás um morto vivo!
O vicio te fará um homem doente,
Um cidadão nocivo!

O menino que fuma se enfraquece,
Fica magrinho assim...
Já teu rosto, meu filho não parece
O rostinho gentil de um seraphim!

Ora... Não chores. De que vale o pranto
Que te humedece a face?
Melhor é que o cigarro — o teu encanto —
Por teus labios não passe

E, então, não te ha de acolher a morte,
E crescerás e viverás feliz,
Tendo um alma sadia e um peito forte,
Para amar e servir ao teu pais!

ROBERTO CORREIA

O 9 dizia ao 6,
direito como um bambú !
— Segundo as leis de contagem,
eu valho mais do que tu.

O 6, que não era idiota,
Como tal dito reprove
dá logo uma cambalhota
e fica valendo nove.

No mundo ha muito senhor,
olaré, olaré, se ha !
que só deve o ter valor
ás cambalhotas que dá.

O ignorante vive como se estivesse numa
prisão: só vê e só ouve o que se diz ou
se faz proximo d'elle. (J. Payot).

A Republica, fundando a escola laica,
gratuita e obrigatoria, dotou todos os tra-
balhadores, todos os camponezes, todo o
povo com uma immensa liberdade. A Re-
publica quiz assim que o filho do operario
mais modesto podesse moldar o seu pensa-
mento pelos moldes dos mais generosos e
dos mais puros espiritos. A liberdade de
pensar só tem por limites os da energia
que indaga a verdade. O numero daquel-
les que não reconhecem outra soberania se-
não a da razão cresce incessantemente. (J.
Payot).

A observação de cada objecto deve sus-
citar-nos o sentimento dos soffrimentos e
dos esforços que esse objecto custou. (J.
Payot").

Primeiras lições de Arithmetica

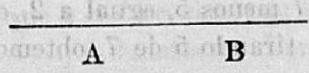
(CHARLES LAISANT)

(Continuação)

12 — A LINHA RECTA

Nas operações indicadas, as hastes, de que acabamos de fallar, devem sempre ser collocadas *em linha recta*, umas em seguida ás outras. O que é, pois, uma *linha recta*? O traço deixado sobre o papel por um lapis bem aparado, deslizando ao longo d'uma regua muito direita, ou um fio extremamente fino — um cabello, por exemplo — tendido entre dois supportes, dão-nos a ideia do que seja uma linha recta. Esta noção geral basta-nos; vêmos claramente que, se, por exemplo, a regua fôsse mais comprida e a folha de papel maior, podíamos prolongar o traçado da nossa linha recta, quer para um lado, para outro, e, como nunca ha razão para se parar, comprehendemos que a linha recta é, como se diz, uma *figura indefinida*. Nunca nos servimos d'ella senão até ao ponto ou limite, de que carecemos; mas, este ponto ou limite, pôde ser tão afastado quanto nos convenha.

Se tomarmos uma recta (fig. 6) e se sobre ella marcamos um ponto A e um ponto B, a porção de recta AB comprehendida



A B

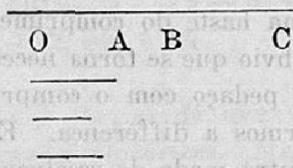
Fig. 6

entre estes dois pontos, é o que se chama um *segmento de recta*.

As hastes, de que nos servimos ha pouco, applicam-se pois sobre segmentos de recta e o comprimento d'estas hastes é o

mesmo que o dos segmentos sobre que ellas se applicam.

Assim (fig. 7), para voltarmos ao exemplo do numero precedente, tomemos uma



O A B C

Fig. 7

linha recta sobre a qual marcamos, pouco importa onde, um ponto O; a partir d'este ponto, marquemos um segmento OA, do comprimento da nossa 1.^a haste: 5 palitos; a partir de A, marquemos um segmento AB, tendo o comprimento da 2.^a haste: tres palitos; por ultimo, a partir de B, um outro BC, cujo comprimento é igual ao da 3.^a haste: 4 palitos. O segmento OC tem de comprimento 12 palitos (somma de 5, 3 e 4). Vêmos, pois, que o processo é sempre o mesmo, quer se adicionem numeros, hastes ou segmentos de recta: a addição faz-se collocando as hastes ou os segmentos, topo a topo, em seguida uns aos outros.

Esta operação deve necessariamente fazer-se collocando os segmentos sempre n'um mesmo sentido; assentemos que seja da esquerda para a direita, invariavelmente.

Sobre a figura 7, podemos, assim, fazer sommas, que podem ir tão longe quanto quizermos, para a direita de O; mas, nunca para a sua esquerda.

13 — AS DIFFERENÇAS POR MEIO DE PALITOS

Não é mais difficil achar uma differença do que uma somma, servindo-nos dos nossos palitos. Supponhamos, por exemplo, que se trata de tirar 4 de 11. Collocamos 11 palitos, topo a topo, em linha recta; depois, começando pela extremidade da direita d'esta fileira, tiramos 4 palitos; fica-nos uma fileira de 7 palitos; 7 é a differença entre 11 e 4.

Se em vez de palitos empregarmos, de começo, uma haste do comprimento de 11 palitos, é obvio que se torna necessario cortar-lhe um pedaço com o comprimento de 4, para termos a differença. Existe, porém, um outro modo de resolver o problema, que consiste em substituir as hastes, por segmentos, como passamos a mostrar.

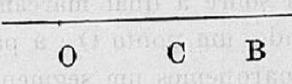


Fig. 8

Sobre uma recta (fig. 8, marquemos, a partir do ponto O, um segmento OB, do comprimento de 11 palitos. A partir de B, marquemos um segmento do comprimento de 4 palitos; mas, em vez de o traçarmos da esquerda para a direita marquemos da esquerda para a direita para a esquerda, em PC. O segmento OC representa, na sua extensão, a differença 7.

Podemos resumir o que acima fica exposto dizendo que: para sommar diferentes segmentos, devemos marca-los uns logo em seguida aos outros, *no mesmo sentido*, e para abater um segmento d'um outro, devemos marca-lo logo em seguida a este, mas *em sentido contrario*.

Todas estas cousas são, de resto, não só faceis, mas evidentes; basta variar um pouco os exemplos para que a creança se

cear de a fazer manusear o mais possivel os palitos e as hastes (muito faceis de arranjar) e reproduzir as suas operações sobre a ardosia ou sobre o papel.

O nosso discipulosinho vae penetrar agóra nas regiões da "alta sciencia". Se elle se envaidecer com isso, calmemos e refreemos essa manifestação, lembrando-lhe por um lado que a Algebra é uma das partes mais faceis da sciencia mathematica, e, por outro lado, que presentemente elle nada sabe, não apprende nada, senão umas brincadeiras ou passatempos, que lhe virão a aproveitar mais tarde, pela lembrança que d'ellas guardar.

14 — ENTREMOS NA ALGEBRA

Até agora, aprendemos a fazer addições, dando sommas, e subtrações, dando differenças. Por exemplo: a somma de 8, de 5 e de 14, é 27. Convencionou-se um signal +, que representa a addição e se denomina *mais*, e um simbolo =, que se denomina *igual a*. O exemplo, que acabamos de citar, póde, pois, escrever-se

$$8 + 5 + 14 = 27$$

e ler-se: 8 mais 5 mais 14, igual a 27.

Da mesma sorte, para a subtração, servimo-nos d'um signal —, que se denomina *menos*; e se escrevermos

$$7 - 5 = 2,$$

leremos: 7 menos 5, igual a 2, o que quer dizer que, tirando 5 de 7, obtemos 2, como differença.

Todas as operações d'esta natureza podem traduzir-se por hastes ou segmentos, como vimos precedentemente. Assim, olhando par a Fig. 7, vemos que ella significa

$$5 + 3 + 4 = 12,$$

$$OA + AB + BC = OC$$

A Fig. 8 significa

$$11 - 4 = 7$$

ou ainda

$$OB - CB = OC.$$

A Fig. 8 significa

$$11 - 4 = 7$$

ou ainda

$$OB - CB = OC$$

Podemos recrear-nos a traduzir, sob estas diferentes fórmulas, quantas operações quizermos.

Compreende-se facilmente que em lugar de 8, 5, 14, ou de 5, 3, 4, nos exemplos precedentes, podemos tomar quaisquer outros números. Se os denominarmos a , b , c , quando escrevemos

$$a + b + c = s$$

expressamos sempre a somma de três números; somma que é 27 no primeiro exemplo, 12 no segundo.

Da mesma forma

$$a - b = r$$

expressa que a diferença, que se obtém tirando b de a , é igual a r . Por exemplo: na Fig. 8, $a = 11$, $b = 4$ e $r = 7$.

E' de grande commodidade, muitas vezes, indicar as operações assim por signaes e substituir os números por letras. E' bom habituarmos-nos cêdo a esta maneira de escrever, que é de grande vantagem para o futuro e evita muito trabalho. Precisa-

$$() + () \text{ ou } () - ()$$

escrevemos alguma coisa dentro dos parentheses. Significa, pura e simplesmente, que se deve substituir cada expressão comprehendida entre parentheses pelo seu resultado effectuado. Por exemplo:

$$(a - b) - (c - d) + (e - f)$$

se a, b, c, d, e, f ,
são substituidos por 10, 2, 9, 6, 7, 5,

quer dizer $(10 - 2) - (9 - 6) + (7 - 5)$
ou $8 - 3 + 2$, isto é: 7.

Todas estas fórmulas de escrever são, ás vezes, chamadas *algebricas*. Mas, as palavras pouca importancia tem; o que importa são as cousas, e as paginas, que seguem, vão dar-nos a conhecer cousas novas.

Quando estamos a sommar números, nada impede que continuemos a operação indefinidamente; nada nos obriga a parar em dada altura. Sempre que tivermos varios lotes de feijões, podemos reunilos n'um só. Por outras palavras: a adição é sempre possível, e podemos traduzil-a em algarismos, em tentos, em phosphoros, em palitos, em hastes, em segmentos de recta, como melhor nos parecer.

Outro tanto não succede com a subtracção. Si tivermos, por exemplo, um lote de 7 tentos, e quizermos tirar d'elle 10, é, como já notámos, manifestamente impossível.

Todavia, se recorrermos ao que ficou dito mais acima e ao que a Fig. 8 traduz, vemos que, para fazer esta subtracção por meio de hastes ou segmentos de recta, temos que marcar (Fig. 9) sobre uma recta um segmento OB, do comprimento de 7

Fig. 9

phosphoros, e, depois, a partir do todo e *em sentido contrario*, isto é : da direita para a esquerda, marcar um segmento, tendo por comprimento o numero a subtrahir. Ora, isto é sempre possivel, e a Fig. 9 claramente o mostra, suppondo, como nós fizemos, que o numero a subtrahir é 10 ; obtemos assim — sendo o comprimento BC igual a 10 — um ponto C e temos, como resto, o segmento OC. Mas, o ponto C não está aqui, como na Fig. 8, á direita do ponto O, está a esquerda ; o segmento OC é dirigido da direita para a esquerda e o seu comprimento é igual a 3.

Um numero assim, chama-se *negativo* ; escreve-se — 3, e lê-se : *menos 3*. Temos, pois, o direito de escrever a nossa subtracção d'esta maneira :

$$7 - 10 = - 3$$

A criação dos numeros negativos torna, portanto, possiveis todas as subtracções, que não o eram com os numeros ordinarios, que, por opposição, se chamam *numeros positivos*.

Na Fig. 10, toda a parte da recta á direita do ponto O representa o dominio dos numeros positivos, ou da Arithmetica (flecha 1) ; toda a parte á esquerda (flecha 2) representa o dominio dos numeros negativos, e o conjuncto das duas flechas, comprehendendo a linha recta na sua totalidade, os dois sentidos, representa o dominio da Algebra.

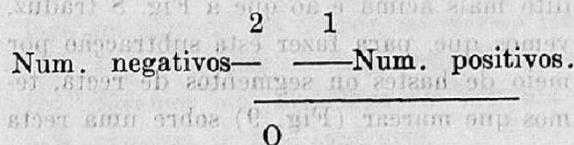


Fig. 10

numeros por meio de hastes ou de segmentos, temos, pois, que attentar no sentido d'esses segmentos, ou no *signal* do numero. Assim (F'g. 9), OB é um segmento positivo, representando o numero 7, ou + 7 ; OC é um segmento negativo, representando o numero — 3, negativo tambem.

Para não nos enganarmos, somos obrigados a considerar n'um segmento os seus dois extremos, dos quaes um se denomina *origem* e o outro *extremidade* do segmento o *sentido* do segmento é sempre o que vae da origem para a extremidade. Quando escrevemos : segmento AB, queremos sempre dizer que A é a origem e B a extremidade. Isto obriga-nos a modificar um pouco, e d'uma maneira facil, o nosso material de palitos. Basta corar ligeiramente de preto um dos seus do's topos, mergulhando-o, por exemplo, em tinta da China, substancia corante absolutamente inoffensiva ; convencionar-se-ha que o topo preto representa sempre a extremidade. De sorte que, quando collocamos trez palitos em fileira, com o topo preto para a direita, representamos o numero + 3 ; quando dispomos em fileira dois d'elles com o topo preto para a esquerda, representamos o numero — 2 ; e assim por deante.

D'r-se-ha, pois, que, para adicionar um numero a outro, se collocam sempre topo a topo, no sentido conveniente, os segmentos que os representam. Por exemplo : para sommer 11 e — 4, toma-se um segmento OB de comprimento 11, dirigido da esquerda para a direita, e a seguir um segmento BC de comprimento 4, dirigido da direita para a esquerda. Ora (Fig. 5), foi precisamente o que fizemos para obter a differença 11 — 4. Póde-se portanto escrever $11 + (- 4) = 11 - 4 = 7$, e as subtracções reduzem-se assim a addições.

Os exercicios com numeros negativos podem variar-se tanto quanto podermos e são extremamente faceis com os nossos palitos de extremidade preto. Nada im-

pede que arranжемos tambem hastes do comprimento de alguns palitos e que egualmente coremos de preto um dos seus topos, para distinguir a sua extremidade. Rapidamente nos familiarisamos com esta noção tão simples, e tão necessaria, do signal ou do sentido dos numeros.

Demais, se algumas vezes os numeros negativos causam surpresa á primeira vista, basta reflectir um pouco para encontrar a sua explicação perfeitamente natural. Um numero — diz-se — não póde ser menor do que nada, isto é : do que zéro. Comtudo, na linguagem corrente, dizemos todos os dias que o thermometer mareou tantos graus abaixo de zéro. Quando queremos indicar a altura d'um ponto acima do nivel do mar, comprehendemos sem a menor difficuldade que, se esse ponto estivesse no fundo do mar, estaria abaixo do seu nivel. Se, partindo de nossa casa, quizermos tomar nota da extensão do percurso que fariamos n'um determinado sentido, e se caminhar-mos em sentido contrario, sabemos perfeitamente que não podemos empregar o mesmo numero para representar duas cousas oppostas. Um homem sem fortuna alguma, mas que nada deve, não é rico ; se, porém, falta de fortuna, tem dividas, podemos dizer d'elle que tem menos do que nada : a sua fortuna é negativa. Uma rolha de cortiça tem um certo peso ; se a abandonarmos no ar, cae. Ponhamos essa rolha debaixo d'agua e abandone-mol-a ; vel-a-hemos subir : o seu peso tornou-se negativo, pelo menos na apparencia. N'uma palavra, os numeros negativos, longe de terem um character mysterioso, adaptam-se da maneira mais natural a todas as quantidades, e muitas d'estas é sabido que, pela sua propria essencia, admittem duas modalidades oppostas : quente e frio, alto e baixo, credito e debito, futuro e passado, etc. Por meio de exemplos concretos, podemos fazer penetrar no cerebro das creancinhas estas noções sim-

ples, porquanto são verdadeiramente infantis. Vel-as-hemos tomar verdadeiro interesse pelas nossas explicações, se tivermos o cuidado de as amenisar com manipulações com palitos e hastes, e isto é muito mais proveitoso para a formação do seu espirito, do que a recitação monotona de regras incomprehendidas ou de definições incomprehensíveis.

Ainda não praticaram, á laia de brincadeira, senão as primeiras operações da arithmetica : a addição e a subtracção ; ainda não ha muito tempo que sabem escrever algarismos ou traçar algumas letras, e eil-as já lançadas — e nós tambem — a toda a velocidade, na *Algebra*. Se pronunciarmos deante d'ellas esta palavra tremenda, não deixemos de lhes dizer que essa sciencia, tão util e tão bella, é relativamente moderna e que pertence a Francisco Viéte (1) a gloria de ter sido o seu inventor.

15 — CONTAR, MEDIR E COMPARAR

Desde o começo, que o nosso proposito constante tem sido, como se tem visto, contar e medir. Se temos deante de nós um monte de bagos de trigo se, contando-os, verificamos que são 157, este numero, como já fizemos notar, pode-nos servir egualmente para representar uma collecção de tentos, de phosphoros, d'arvores, de carneiros ou de qualquer outra cousa. Se, para determinar um comprimento, collocamos topo a topo uma porção de palitos, todos eguaes entre si, e se empregamos 157 para medir esse comprimento, dizemos que ella é de 157 palitos. Em todos estes diferentes casos, nada podiamos avaliar, se não possuíssemos a noção do que seja um bago de trigo, um tento, uma arvore, um carneiro, um palito.

(1) VIÉTE ; mathematico francez, natural de Fontenay-le-Comte (1540-1603).

Um numero só tem razão de ser pela comparação que d'elle fazemos com o objecto unico — (bago de trigo, tento, etc). — sem o qual não o podemos formar ; este objecto unico chama-se *unidade*. Tal comparação é o que se denomina uma *relação*, e esta ideia de relação leva-nos a dizer que um numero é simplesmente a relação entre a collecção e a unidade.

E' absolutamente necessario reter bem esta noção, porquanto a unidade não é sempre a mesma. Assim, depois de termos formado *mólhos* de palitos, tomemos uma porção d'elles e contemol-os; vemos que são sete. Sete é, pois, a relação entre a nossa collecção de mólhos e um mólho, que é a unidade.

Espalhemos agora os nossos palitos, desmanchando préviamente os mólhos, e contemol-os ; o palito é que passa a ser a unidade. Contámos setenta ; este numero é a relação entre a mesma collecção e um palito.

D'egual modo, podemos tomar trez feixes de palitos ; se fizermos a contagem por mólhos, acharemos trinta mólhos ; se por palitos, trezentos.

Trez é a relação do lote total de palitos para um feixe ; trinta a relação do mesmo lote para um mólho, e trezentos a relação para um palito.

Exemplos analogos podemos apresentar tantos quantos quizermos, variando-os até ao infinito, por fórma que o alumno se familiarise intimamente com esta noção de relação, que é a base de todas as contas e de todas as medições, e que, apesar d'isso, é atirada no ensino classico para o fim da Arithmetica, não sabemos porque aberração. Não é possivel contar dois feijões, sem ter a noção da relação de dois para um ; de medir um comprimento de trez metros, sem comparar esse comprimento com a de um unico metro, e assim por diante.

E' este o momento de *mostrar* ao alum-

no — sem nenhuma explicação theorica, sem nenhuma definição, sem recorrer de nenhum modo á sua memoria — o material mais geralmente usado do systema metrico, que tivermos á mão : metros, litros, moedas, pesos, etc. Exercital-o-hemos a empregal-o, a servir-se d'elle para medir e contar, e assim a ideia de relação in-crustar-se-ha no seu espirito, ficará indissolavelmente associada á de numero, o que é essencial para uma bôa comprehensão, no dia em que, de futuro, elle passar do que tem sido apenas um entretenimento, para o estudo sério. E este estudo, pôde então tornar-se realmente interessante e recreativo, em vez de ter o character d'uma penosa maçada, para não dizer d'uma tortura.

(Continua).

JURAMENTO Á BANDEIRA

Flammula auri-verde da nossa Patria, alma querida do nosso Brasil, chamma viva da tradição, do Amôr e da Fé ! Symbolo de luz e de esperança, palpitação commovida de milhões de corações transflorejados na veronica civica das tuas côres ; reliquia magnifica que reflectes sorridente o matiz do sol da gloria e da liberdade, a alegria abençoada das searas, o riso da abundancia dos fructos sazonados a magestade serena das nossas frondes e o verde das nossas florestas ! . . .

Miniatura sagrada de uma Patria immensa, altiva e forte, particula constellada do coração de uma raça affectiva e nobre ; signo hospitaleiro para os que nos buscam, luminoso fanal para os que rumam á terra desejada, á terra prodigiosa da Paz, da Esperança e do Amor !

Juramos, lábaro sagrado da crença patriotica do Brasil, symbolo do culto nativista da raça, affirmação grandiosa do brio e da soberania da Nação, juramos pela nossa fé, pelo nosso futuro, pela confiança da Patria no nosso destino que ha

de ser de ennobrecal-a e honral-a ; juramos pela santa communhão do Amôr e da Esperança de nossos paes, que te havemos de defender e honrar, como outros te honraram e defenderam, na paz ou na guerra, longe ou perto, nas nossas fronteiras ou para além da gleba adorada, no rumo incerto da glôria ou da morte !

Juramos pelo devotado amôr áquelles que esculpem a legenda de ouro da formação do nosso character e do nosso espirito, da nossa coragem no sacrificio, da nossa abnegação no empenho commum de amarmos e engrandecermos o Brasil ; juramos pelo nosso reconhecimento, pela chamma sagrada do nosso culto, da nossa veneração pelos nossos mestres, que em cada um de nós, em nossos corações, terá como num ciborio immaculado a ambula de luz das nossas devoções pelo symbolo que és da gloria do Brasil !

Salve, veronica estrellada da nossa Patria, reflexo varonil da alma de trinta milhões de Brasileiros, alma da raça, vibração excelsa do nosso brio, da nossa honra e da nossa coragem !

Salve ! Salve !

"Auri-verde pendão da minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança" !

LUIZ ACCIOLY.

DON GALLICISMO

Eu sou d. Gallicismo,
Que em tudo mette o nariz
E com todo o seu cynismo
Transformou isto em Paris.

Toucador é *toilette*,
Ramilhete é o *bouquet*,
Costureira é a *grisette*,
O sarão é *soirée*.

Até na propria comida

Fritada foi omittida,
Pois só se diz *omellete*.

Voul-au-vent, petit-pois,
Croquettes e carnichons,
Un paté au foie gras,
Fricandeaux aux champignons.

Casa de pasto é *hotel*,
Qualquer criado é *garçon*
A moça é *mademoiselle*,
Gente polida é *bon ton*.

Não se diz mais endereço,
Si o nosso cartão se offerece,
Tem muito maior apreço :
"Eis aqui o meu *adresse*".

Na quadrilha, já se vê,
P'ra que attenção mais se chama,
Só se marca : *balancez*,
En avant, chaine des dames.

E até sem mais aquella,
Já se diz a *première*,
Ninguem sabe o que é *lapella*,
Porém, sim, *boutonnière*.

Emfim, na litteratura,
Nas artes e nas sciencias,
Elle entra de caradura
Sem maiores reverencias.

Português já não se fala
Na terra do guarany ;
Da cozinha até a sala
Só se houve dizer : *oui* !

Dr. J. de Castro Lopes.

Ensinando palavras á creança e obrigando-a a repetil-as, deformamos-lhe o cerebro, anniquilamos as suas qualidades na-

NA ESCOLA REMINGTON

Discurso do Dr. Lima Junior, como paranympo dos alumnos da Escola Remington, que terminaram o curso em julho de 1927.

“O vosso gesto, tão cheio de enternecimento e de commovedora bondade, escolhendo-me para vosso paranympo nesta solemnidade, não me trouxe o atordoamento de uma surpresa mas a emoção de um consolo e o conforto de um estímulo.

Não me surpreendeu tão penhorante manifestação da vossa sympathia porque esta festa é, antes de tudo e acima de tudo, uma festa do trabalho e não irieis buscar para o conselho desta hora quem não fosse, como eu sou, um trabalhador que bebe o vinho da uva que planta e que come o pão do trigo que semeia.

Não procurarieis, de certo, para missão tão alta quem não fosse, como eu sou, um trabalhador capaz de sentir alegria e orgulho no trabalho e de nelle encontrar uma doce e generosa razão de viver.

Emociona-me, entretanto, o vosso gesto porquanto fostes buscar um trabalhador que ainda não venceu, embóra continue a sangrar as mãos no ardor da porfia e a regar com o suor do seu braço a terra em que esconde a esperança da semente.

Graças vos sejam dadas por esse despreendimento e por esse senso da harmonia que o vosso gesto revela.

*

Trago até vós — meus jovens patricios e minhas distinctas patricias — a melhor sinceridade do meu applauso aos propósitos que vos conduziram a este acatado instituto.

Vós todos viestes buscar aqui um elemento novo mas já de exacta preponderancia em todas as actividades para o

ramo de profissões liberaes que vos aguardam e reclamam.

Lastimo que a minha envergonhada carencia de autoridade me não dê o direito de enaltecer como merece essa deliberação da vossa intelligencia.

O Brasil é uma grande patria que vai se desenvolver cada vez mais, no seu commercio, na sua industria, na sua agricultura moderna. Dentro d'elle ha lugar para todos porque — Deus louvado! — temos até lugar para os que de fóra nos chegam e nos procuram. Os forjadores, porém, do seu desenvolvimento inevitavel não serão sómente os seus homens publicos—os seus administradores, os seus parlamentares, os seus estadistas — mas todos nós que vivemos sob o seu sol ardego e luminoso. Os que mais puderem avançar irão adiante.

Fizestes bem, assim, aparelhando-vos para, no commercio ou fóra d'elle, cooperardes na construcção do Brasil de amanhã. A dactylographia invadiu todos os cantos e já tem hoje o caracter vigoroso de uma necessidade.

Dentre vós, meus jovens patricios, a maioria se destina ao commercio e quando para aqui viestes já sabieis que, hoje, o bom empregado não é aquelle que tem biceps de Hercules, mas o que tem conhecimentos que o habilitem a ajudar o commerciante no exercicio de sua funcção.

Ja passou, felizmente, o tempo em que o caixeiro tinha como unica elegancia rapar a cabeça á escovinha e como regalia passear aos domingos com os filhos mais ou menos turbulentos do patrão.

O homem do commercio já não procura mesmo porque ja não encontra, o funcionario capaz de levar-lhe com carinho o filho ao collegio mas o moço expedito

que, pelo menos, saiba tirar uma factura e manejar uma machina de escrever.

Louvo, por isso, a vossa resolução e o vosso esforço que esta solemnidade enaltece e corôa.

Não andastes menos avisadas, minhas distinctas patricias, vindo buscar aqui um elemento novo para vossa acção na vida pratica.

Eu não sou, em principio, um feminista. Eu quero a mulher — mulher e tenho o pavor atordoante da mulher-homem. Para mim a mulher precisa guardar a sua doçura, o seu enternecimento, a graça que só ella sabe dignamente possuir e conservar. Assombra-me a mulher que se masculinisa e que, desse modo, aos meus olhos não se eleva porque se diminue.

A concepção que eu tenho do feminismo é que a mulher não pode ser o que ja foi, com a função mechanica de limpar os olhos dos filhos e arranjar as refeições do marido. Não lhe falta intelligencia, aptidão e bom senso para ser no mundo uma expressão de mais actividade, de mais utilidade a si mesma.

Ja não se reduz ella a esperar, como unica finalidade, que lhe appareça um casamento porque pôde viver honestamente com o seu trabalho.

Na agitação da vida moderna a mulher ja não se limita a esperar que um noivo lhe chegue porque se entrega ao labor nas repartições publicas, nos escriptorios industriaes, nas casas de commercio, onde a dactylographia lhes concede quasi sempre um ingresso mais rapido e de vantagens mais immediatas.

No commercio, principalmente, a participação da mulher cada dia se accentua.

Na Inglaterra a Sra. Beesley acaba de ser nomeada directora de uma filial da Southern Life Insurance, que é uma das maiores companhias de seguros do mundo.

ma das quaes ganha menos de 600 libras por anno, chegando algumas a ganhar annualmente cerca de 20.000 libras !

No Japão, como na Inglaterra, a Sra. Suzuki dirige uma importante companhia industrial, enquanto a sra. Nakamura é tida como uma das mais eminentes figuras da industria do aço e a Sra. Mete Heni administra um grande jornal de vasta circulação.

Entre nós mesmos, já não é pequeno o numero de mulheres que são funcionarias de empresas, de escriptorios e de repartições publicas.

Para chegarem a essas funções foi mister que se educassem, que adquirissem os elementos necessario ao exercicio dos empregos que lhes têm sido confiados.

Escolhestes, como um desses elementos, a dactylographia e não fostes de mão aviso.

Todavia, se m'ò permittis, eu vos direi que a dactylographia não é tudo: é mister que vos aposseis de outros conhecimentos para que seja mais facil vosso triumpho.

Mesmo sem preocupações rigorosamente feministas, para as quaes não vos encaminha o meu desautorizado conselho deste minuto, precisais conhecer as nossas leis que vos interessam, que dizem de perto com os vossos direitos e deveres. E', entre nós, insignificantissima a percentagem das mulheres que conhecem as nossas leis civis, na parte, simplesmente, que as envolve.

Dá-se aqui o mesmo que se dá em Paris, a julgar por um interessantissimo livro que acaba de publicar Madame Yvonne Netter, doutora em direito e advogada no fôro francez.

Chama-se esse livro que vós todos deveis conhecer *Le code de la femme* mas, antes de publical-o, sua illustre autora realisou uma excellente conferencia publica sobre

“Senhoras, conheceis, porventura, o que o Codigo vos garante?”

A quasi unanimidade não conhecia, justamente como se dá no Brasil, onde as mulheres intervêm nos debates em torno do divórcio e pelo direito do voto, ignorando, entretanto, as disposições que lhes reservou o Codigo Civil.

Madame Yvonne Netter censura suas patricias por essa criminosa e injustificavel indifferença.

Segundo o seu testemunho, poucas são as mulheres francezas a quem aproveita uma lei de 1907, a respeito da livre disposição do salario da mulher casada e da defesa das suas economias contra as possiveis delapidações dos maridos.

As mulheres brasileiras padecem, a respeito de regimens matrimoniaes, do mesmo mal de que soffrem as de França, segundo o testemunho de Mme. Netter, que cita, no seu livro, a dolorosa e amarga decepção de uma parisiense que se casara com um italiano, de quem, ao depois, pretendeu divorciar-se mas de quem se não pode separar legalmente porque, pelo casamento, se tornara italiana e, na Italia, como no Brasil, não se admite o divórcio.

Para que possais, minhas jovens patricias, ter a consciencia de vossos direitos na hora que passa e na hora agitada que chega é mistér que conquisteis conhecimentos para que ainda não propendestes.

Não vos basta a dactylographia que vai vos dar ingresso nas escriptorios commerciaes e nas repartições publicas: estudai procurai conhecer as leis civis que vos aproveitam e concedei ao trabalho a vossa intelligencia e a vossa energia sem que vos passe pelo espirito a ideia deselegante de vos masculinisardes, perdendo a vossa ternura, diminuindo a vossa belleza e sacrificando o perfume da vossa graça.

Meus jovens patricios e minhas distintas patricias.

cabia nesta solemnidade, uma extensão para que supplico a vossa indulgencia. Não a attribui á minha impolidez porque o meu deslize é originario do desejo que tive de vos não ser inutil.

Eu poderia, certamente, dizer-vos algumas phrases banaes de cortezia e estaria finda a minha missão. Preferi, entretanto, outro rumo e não sei se fiz mal.

Baste-me, se andei mal avisado, a convicção de que fui sincero. E é com a minha sinceridade mais alta que eu vos abraço, meus patricios, e que eu vos beijo as mãos, minhas patricias, pedindo pelos vossos triumphos e desejando que aos vossos ouvidos sõe pela vida afóra, no milagre daquella gruta da Finlandia que reproduz mil vezes a mesma phrase, o meu voto deste instante:

Sede felizes!”

DR. EUGENIO SOARES

Em consequencia da tragedia que, na noite de 9 de agosto, tão profundamente abalou a sociedade alagoana, falleceu, ao amanhecer do dia 10, o dr. Eugenio Soares, medico distinctissimo, cavalheiro de uma linha irreprehensivel, director do Serviço de Prophylaxia Rural do Estado.

Natural do Estado da Parahyba e membro de uma das mais importantes familias daquelle Estado, aqui se havia fixado no desempenho daquella alta função publica, aqui se consorciara com illustre senhora e aqui grangeara um largo e selecto circulo de relações.

A sua morte causou a maior emoção. Toda a sociedade alagoana prestou-lhe commovidas homenagens, por occasião do enterramento do distincto cavalheiro, tendo a ellas se associado o governo do Estado, que ficou privado da collaboraçào intelligente e honesta de um dos seus melhores e mais dedicados auxiliares.

PENSAE

na educação brasileira!

“Ao Romper do dia, as creanças devem se dirigir á casa dos mestres...”

Ouçamos a palavra oracular do professor Miguel Couto :

A educação do povo é o nosso primeiro problema nacional; primeiro, porque o mais urgente; 1.º, porque solve todos os outros; 1.º, porque resolvido, collocará o Brasil a par das nações mais cultas, dando-lhe proventos e honrarias e lhe afixando a prosperidade e a segurança; e se assim faz-se o primeiro, verdadeiramente, se torna o unico. É dolorosa esta necessidade de repetir monotona-mente, a cada hora, que a maior riqueza de uma nação é o homem, o sangue, o seu cerebro, os seus musculos, e que ella está fatalmente destinada á decadencia, quaesquer que sejam os thesouros que encerre, quando o homem que a habita não os merece. É doloroso que em pleno XX se-culo ainda estejamos a verrumar idéas e principios que, 400 annos antes de Christo, Platão no seu dialogo com Cline-as, achava axiomaticos. “Ao romper do dia, as creanças devem se dirigir á casa dos mestres. Assim como os rebanhos, seja de carneiros, seja de outros animaes, não podem dispensar os seus pastores, assim tambem as cre-anças os seus guias; com esta differença que de todos os animaes é a criança o mais difficil de ser conduzido, tanto mais astuto, mais indocil e mais aggressivo quando traz em si germem de razão. Forçoso, pois, applicar as creanças

tres annos." Aristoteles, o discipulo maior do que o mestre, dirigiu esta especie de aviso a todos os povos imprevidentes... "Ninguem contestará que a educação deve ser um dos principaes objectos do estudo dos governos, porque todos os Estados que a desprezaram caíram em ruina."

Vinte e tres seculos depois, o chefe da mais prospera nação sobre a face do globo, o presidente Coolidge, haveria de externar o mesmo conceito, não como a advertencia do estagirita, mas com a serenidade de uma consciencia desempenhada e o mais justo orgulho patriótico: "Não se admire ninguem de ver a America do Norte tranquilla emquanto o resto do mundo se empegna nas tormentas. Esta gloria a devemos aos nossos Collegios e ás nossas universidades!... Não ha grande povo que não possúa grande saber."

Nós tambem seremos um dia grande povo; mas, enquanto não chega a redempção do Brasil pela cultura dos seus filhos, continuemos a gritar para todos os lados, entre alternativas de fé e desalento, anciosamente, pedindo socorro: Pensae na educação, brasileiros!

O BEIJO

Elle, afagando a vivida menina,
E achando-a um mimo assim no albor da idade,
Feliz, preso de intensa alacridade,
Beija-lhe a rosea bocca pequenina.

Entanto, oh! singular fatalidade,
Ella, folha de rosa peregrina,
Não sonha que esse beijo lhe propina,

E morre, e dentre aromas de innocencia
Vôa á patria das bemaventuranças,
Tendo apenas um histro de existencia,

...E vós, adultos, todos vós ouvi-me:
Quando beijais, as vividas creanças,
Sem o pensardes commetteis um crime.

A FESTA DA ARVORE



Discurso de Luiz Accioly na festa da Arvore do Grupo Escolar "Diegues Junior".

Meus Senhores e Exmas. Senhoras :
Fallar a creanças...

A gente tem assim a idéa de que só a voz musical das mães ou a tuba emotiva do verbo dessa outra mãe espiritual — a mestra, póde fallar á alma infantil, produzindo esse milagre de repercussão, tangível como a musica de um hymno, insinuante como um clarão de esperança e de fé projectado sobre os destinos da Patria.

Que poderei dizer ? Ah ! Nem sei como ferir o rythmo da divina harmonia consentanea com o encanto desta festa de emoção e de enlevo ; desta festa que é uma affirmação das qualidades nativas da raça essencialmente tributaria da belleza ; da raça fiel ao idéal de dividir pelos transbordamentos das suas horas de gloria e de jubilo, o patrimonio immorttal das suas affinidades com o genio d'aquelle povo que, na Hellade sagrada, nos seus idyllos com os deuses, forjou o monumento imperecível do seu espirito e a graça aerea das suas attitudes, embriagado na deliciosa volupia d'um alto sentimento esthetico, abysmado na anciedade luminosa do seu sonho de perfeição.

E qual de nós já não teve, no curso precario da sua existencia, a sua hora de jubilo ? Quem já não teve na vida a sua hora de gloria fugáz, a sua hora de ouro, a sua hora de exaltação e de extaze ?

Quem ?...

Um a um, todos nós já temos sentido mais ou menos o influxo poderoso dessa hora mysteriosa, dessa hora privilegiada,

d'uma vibração consoladora para os grandes e para os humildes — balsamo que nos faz sentir menos "a dor de viver", sonoridade que nos arrebatava e seduz, como se deixassemos, momentaneamente, de projectar a sombra do que somos sobre a perspectiva das desconsolidoras realidades, para reflectirmos o azul purissimo do sonho e da illusão.

E', pois, de dentro desta hora sagrada, serenamente abençoada pelo céu e illuminada pela inspiração de Deus e da Patria ; do fremito de azas deste fugitivo instante, harmonioso atomo da eternidade, rythmo fugaz do tempo, desse desdobramento infinito de todas as cousas, que vos quero fallar, meus jovens amiguinhos ; fallar-vos com a alma, com o coração, no murmurio d'uma prece, no tremor commovido da mais santa das emoções, n'um fervor de quem ora, na doçura e no casto enlevo de quem aspira o perfume d'uma flôr, com a confiança de quem semêa e a anciedade de quem espera.

Semear ! Esperar !

Eis o milagre prodigioso realizado pela mão e pelo coração do homem. A mão que abre o sulco no ventre da terra e deposita a semente e o coração que appella para Deus e realiza o prodigio da renovação eterna.

Nobre destino esse que libertou o homem da brutalidade da sua existencia de barbaro ; sublime predestinação essa que o encerrou no circulo da anciedade do seu idéal de perfeição ; bemdita uma hora assim de confiança e de fé, uma hora

como esta em que se sente n'alma a eclosão d'um violento desejo de despedaçar o circulo de ferro da existencia commum, "para viver uma vida mais ardente", para colher com avidez a virtude desse dom de crear com alegria, de realizar um acto triumphal, um acto como este de aliar a alma da creança que sorri com o destino da Patria que espera, o gesto sereno que semêa, com o sol glorioso da esperança que fecunda.

Mas, Senhores, eu lamento que essa aliança não realize o acto triumphal da victoria do meu espirito, sobre essa tortura secreta que emmudece na garganta o que os labios jámais exprimirão, o que a chamma do desejo devora dos pensamentos ineditos : sobre essa tragedia intima do emparedamento que encarcera e do silencio que amortalha e estrangula a imagem que no cerebro se fez belleza, mas não se tornou perfeita.

E porque esta inquietação, esta duvida, este terror de deixar na sombra a forma perigrina de tanta belleza ? De abafar no fragor do insuccesso a onda muzical dos primeiros sons, da primeira syllaba, das primeiras palavras, com as quaes entecasse um hymno ou murmurasse uma prece ?

E quem me julgará aqui desapercibido do que de irrevogavel e extraordinario se irradia deste momento d'uma inolvidavel poesia para minha consciencia e para o meu coração ?

Senhores, o que testemunhamos aqui não é uma solemnidade de apparatus, uma festa sumptuaria custeada pela prodigalidade burgueza do dinheiro, mas uma solemnidade que avulta no relevo do seu desprendimento, na religiosidade do seu sentimento patriotico, no seu culto á creança, exalçando no homem a qualidade de ser bom e do seu destino o dom de revestir d'uma belleza immortal a obra do seu ge-

E uma vez que aqui nos reunimos sedentos de deixar um vestigio da nossa vida para a eternidade, descortinemos, pois, a este pequeno mundo infantil, a este scenario maravilhoso da innocencia e da esperança, o esplendor divino da consciencia da Patria. Revellemos a nossa fé na sua grandeza e nos seus destinos, illuminados pelo manto estrellado de illusões da nossa confiança, da nossa creança, nesta messe promissora e sadia que se vitalisará no sangue da raça victoriosa, para constituir a geração d'amanhã, a força, o orgulho e a magestosa grandesa do Brasil futuro.

Descortinemos á consciencia da nação inteira, á consciencia dos pequenos e dos humildes, das victimas do trabalho e da oppressão; á consciencia dos apaixonados e dos convencidos pela equidade e pela Justiça; á consciencia da mocidade; á consciencia do homem que é a razão e o direito, á força e o bem, o rizivel apparatus desse apressado cortejo de uma civilisação que olvida o esforço obscuro dos seus obreiros e desdenha na creança desprotegida a sacrosanta integralisação da Patria e da raça; d'uma civilisação que do ponto de vista das suas apotheoses em cimento armado, despenha-se na tumultuaria allucinação d'um trabalho que humilha e degrada, d'um industrialismo que avilta e esmaga, d'um mercantilismo que amesquina o relevo da nossa nobreza, da nossa liberalidade e do nosso idéalismo de povo em formação.

Um trabalho assim, meus Senhores, de construcção de uma sociedade que se organiza, banindo da sua genese a vigorosa sentimentalidade que estúa em força e belleza do sangue novo das jovens nacionalidades, não representa absolutamente uma expressão de ordem e de organização constructora. Na estratificação accumuladora da sua brutalidade, avulta apenas como uma força negativa, isolada, que se

utilitarismo; na violencia inaudita da sua elaboração ao calor das forjas, á luz dessa chamma sinistra, onde o egoismo do homem tempera o ferro e o aço, não dos instrumentos pacificos do trabalho mas das suas armas de combate, as armas da violencia, da crueldade e da injustiça.

Os destinos sociaes, felizmente, não se deixam encarcerar no rebojo dessa onda de preconceitos e de erros; não sosso-ram jámais na sombra e na escuridão sem limites desses eclipses da consciencia humana.

Sim, meus senhores, porque a fonte das grandes esperanças é inexgotavel, os reservatorios immensos das energias moraes inexauriveis, o idéal uma potencia invencivel e os numes protectores do homem e da belleza da vida, mais fortes que o tempo e as fatalidades inexoraveis.

E é por isso que nos encontramos aqua como dentro d'um sonho, ao dealbar d'uma alvorada, n'um jardim plantado de brancos lyrios, n'um seductor oasis perfumado de juventude e de innocencia, sobre o qual se reflecte a imagem viva dos crentes desta cruzada, do perfil de apostolo deste sereno constructor de idéas que é Craveiro Costa e deste outro esculptor da alma infantil, que é Carlos Garrido, ao symbolo da dedicacão, do amôr e da fé das santas creaturas que os acompanham, como outras acompanharam Jesus, tecendo com elles a trama subtil dessa corôa de luz e de sonho, com que enaltecem no dia de hoje a fronde da Republica, honrando tão alto o Brasil.

Bem dita a Patria que eleva tão alto os destinos da mulher; bem dicta a Patria que nos seus dias de gloria e de jubilo nacional, desdobra-se nos ensinamentos do christianismo, attrahindo para si as creancinhas; bem ditos os obreiros da nossa reivindicacão social, que solemnizam, como na Grecia de Pericles, as conquistas

gão, rasgando a gleba para plantarem uma arvore, como nos campos abençoados da Phocida, o Thyrsos de ouro de Palas — Athene abria o sulco donde havia de brotar a oliveira sagrada — symbolo que vincularia o homem com a eternidade.

Gloria ao homem que planta uma arvore; gloria ao homem que se enobrece no culto desse patrimonio immortal, vinculando-se com a tradicção como a arvore consorecia-se com a terra, n'um estreito e commovido enlace, na afinidade das suas raizes com o milagre de fecundacão dessa maternidade sagrada, n'uma communhão de força creadora, na partilha reciproca do bem commum, destino identico de se confundirem no mesmo fremito de bondade, como dadivas de Deus, uma que dá o pão, outro que possui o dom de distribuir o calor e a sombra.

Nenhum outro symbolo portanto ficaria tão bem aqui, como estas pequenas arvores plantadas por creanças e que ficarão guardando, com o segredo das suas raizes mergulhadas neste pedaço de terra, o que tão bellamente se realisou dentro desta hora maravilhosa e o que tão luminosamente ficou gravado neste festival — da Patria e dos seus altos destinos.

Se amanhã, vós creancinhas de hoje, no mesmo santo e continuado afan de honrar o Brasil, tiverdes de repetir aos vossos filhos, o que estaes escutando da tuba rustica da minha palavra e testemunhando da nobre e serena attitude dos vossos mestres, ensinai-lhes, ao pipilar dos seus primeiros gorgeios a modular este hymno:

Abençoadá seja a arvore . . .

Bem dita ella seja no Santo refugio da sua paz e do seu amôr; bem dita seja na suavidade da sua sombra, na sua piedade, no enlevo dos seus noivados floridos, na graça das suas attitudes, na humildade do seu bem espalhado sobre a terra . . .

transformações, nos aspectos mil da sua utilidade dividida pelo trabalho e pelo conforto do homem ; bemdita seja, no segrado milenario da sua fossilisação no seio da Terra, de onde se restitue a sua espantosa energia d'um força nova ; bemdita seja nos seus hymnos e nas suas coleras, na

solidão das suas seismas e na paz das suas preces; bemdita seja na justiça das suas clativas e na equidade do seu bem, no piedoso lenho onde soffreu Jesus e no signo tragico da figueira condemnada . . .

Bemditas sejam as arvores !... Bemditas sejam !

TERRA PROMETTIDA

*A caravana tropega e anciosa
Chega ao tope da serra...
O olhar dos fugitivos
Descansa emfim na terra milagrosa,
Na abençoada terra
Onde não ha captivos.*

*Em baixo da montanha, logo adiante,
Quasi a seus pés, uma planicie immensa,
Clara, risonha, aberta, verdejante :
E ao fundo do horizonte, ao fim da extensa
Macia varzea que se lhe depara,
Ali, proximo, em frente,
Esfumadas na luz do sol nascente,
As collinas azues do Jabaquara...*

*O dia de ser livre, tão sonhado
Lá do fundo do escuro captiveiro,
Amanhece por fim, leve e dourado,
Enchendo o céu inteiro.*

*Uma explosão de jubilo rebenta
Desses peitos que arquejam, dessas bocas*

*Um borborinho de palavras loucas,
De phrases soltas que ninguem escuta
Na vasta solidão se ergue e se espalha
E em pleno seio da floresta bruta
Canta victoria a meio da batalha.*

*Seguindo a turba garrula e travessa
Que se alvoroça e canta e salta e ri-se,
Um coitado, com a tremula cabeça,
Toda a alvejar das neves da velhice,
Tardo, tropego, só, desamparado,
Chega, afinal, exsurge á superficie
Do alto cimo; repousa, consolado,
Longamente, nos longes da planicie,
O olhar quasi apagado ;
Distingue-a mal; duvida; resmungando,
Fita-a... comprehende-a pouco a pouco; vê-a
Annunciando proxima, esboçando
—No chão que brilha de um fulgor de arêa,
Num verde claro de hervaçal que ondêa —
A apparição da Terra Promettida...*

A PLANTA PENSA ?

A PLANTA VÊ ?

A PLANTA SENTE ?

PARECE QUE SIM

O egoismo humano, a amparia humana, fizeram com que, a não ser o homem, tudo mais fosse considerado inferior. O homem, levado pela sua vaidade, vê os outros animaes como inferiores, como irracionaes. Porque elles não pensam a seu modo e a seu modo não vêm e não sentem as coisas, estão, por isso, numa escala inferior.

Quem sabe lá se a formiga, o elefante, o cavallo, não pensam de nós aquillo que delles pensamos ?

Para a planta, o homem foi de uma crueldade maior que para os animaes. Para nós, todo o vegetal é ainda mais inferior que os irracionaes. A planta não pensa, a planta não vê. Por muito favor, dizem os sabios que ella sente.

Experiencias futuras mostrarão que essa nossa maneira de inferiorisar as coisas, nada mais é do que a effervescencia do nosso orgulho.

Já hoje há experiencias interessantissimas mostrando que ha vegetaes que percebem a visinhança de certos objectos. Quasi que se pôde affirmar que as plantas vêm.

Leonardo Bestin, grande naturalista, cita o exemplo da "drosera". E' uma planta de folhas carnosas, providas de certo numero de prolongamentos moveis, em fórma de tentaculos, que prendem os insectos quando estes pousam nessas folhas. Collocada uma mosca, á distancia de um centimetro da folha, nota-se que esta se move em direcção do insecto. Quando os tentaculos attingem a mosca, contraem-se e, por mais que o insecto faça esforços para libertar-se, é tudo inutil. Que é isso ? Sei-

movia quando a mosca nella poisava, vá, mas ella se move desde que o insecto della se aproxima um centimetro. Ou admitamos que a "drosera" vê, ou admitamos que ella, apesar de inferior, tem uma sensibilidade maior que o ser ultra-superior — o homem, pois o homem só sente quando se lhe toca a epiderme.

Até raciocinio têm os vegetaes. E ás vezes raciocinio perigoso, egoistico, esperto, parecido com o do homem. Basta que a gente se lembre da *cuscuta*. A *cuscuta* é um parasita de peor especie. Nos seus primeiros dias de vida não tem raiz nem folhas.

Suga o viço de outras plantas. Nasce-lhe, depois, um filamento muito singular. Para viver, a *cuscuta* tem necessidade de prender-se a um hospede especial, um trevo, por exemplo. E ella vae se extendendo para o trevo. Quando chega a uma certa distancia, ella aproxima-se rapidamente e une-se á haste. Em poucas semanas, do unico filamento originario, nasceram centenas, que sugam a vida, avelmente a linpha vital do trevo.

Que é isto senão raciocinio ? O papel da *cuscuta* não é o mesmo do homem, o "filante", que se agarra á mesa e á bolsa da creatura escolhida para ser por elle parasitada ?

Muitas das trepadeiras mostram uma intelligencia tão espantosa que a gente, chega a acreditar que ella tem função visual como nós.

Bestin conta o caso de um pé de uma certa ervilha. A cinco centimetros da planta collocou elle um bastão. Pouco tempo depois, um broto começou a desenvolver-se em direcção do alludido objecto. Desde que se aproximou sufficientemente, contornou-o, enquanto a parte superior da planta se curvava para o bastão e ali se apoiava. Não parece provado que aquelle primeiro broto viu o bastão ?

monctera, quando é plantada em vaso, sóbe logo ás paredes do logar em que se acha e distende raizes ao solo. Foram collocados alguns exemplares numa estufa. Não empregam elles nenhuma tentativa de mandar raizes ao solo, senão quando, crescendo, chegaram a uma bacia d'agua.

Ahi então lançaram numerosas raizes que chegaram ao chão, situado a uma distancia de muitos metros.

Ha um outro caso de um feto, observado por Bestin.

O feto estava plantado num vaso, no meio de uma bacia d'agua. Mas o liquido era pouco. A planta, então, distendeu uma das suas raizes que foi descendo, descendo, até um abundante deposito do liquido. Não parece haver nisso uma prova das funções visuaes ? Funções visuaes e grande dóse de razão.

Caso curiosissimo foi o que observou o celebre botanico Carpentier, em 1860. Uma semente caiu, por acaso, na pequena cavidade de um tronco de carvalho. Germinando ahi, originou uma pequena planta, que, evidentemente, retirou as substancias necessarias á sua vida da madeira em decomposição da arvore em que nascera. Como, porém, isso não bastava, ella enviou ao solo, através de uma abertura do tronco, um grosso feixe de raizes. Mas, no ponto em que essas raizes se tivessem descido verticalmente, teriam tocado a terra, havia uma grande pedra. Que aconteceu então ? Cerca de meio metro do solo, o feixe se bifurcou em duas partes, cada uma das quaes tomou uma direcção obliqua e attingiu o solo, por sua propria conta.

A planta vê ? A planta sente ? A planta pensa ?

Parece que sim. Ha de chegar o dia em que o homem se convença de que as suas qualidades não são prerogativas suas, não são privilegios seus. O Creador,

quando fez o mundo, não pensou unicamente no homem.

Pois se o sol quando nasce é para todos...

Gymnastica

Efeitos e utilidades dos jogos gymnasticos na infancia

A gymnastica é a arte de enrijar o corpo por meio de diversos exercicios, e de conservar-lhe a saude : ella lhe desenvolve as forças faz com que adquira agilidade e dá garbo e desembaraço aos seus movimentos. Nunca o ensino da gymnastica esteve tanto em evidencia como entre os gregos, nem tão admiravelmente organizado como em Athenas ; lá tudo devia concorrer para o desenvolvimento da belleza plastica.

Na idade med a não existia a gymnastica propriamente dita ; tudo se reduzia ao estudo da esgrima, ao manejo das armas. Comenius, Loche e Bousseau tinham insistido sobre a importancia da Educação Physica. Pestalozzi publicou em 1802 uma obra sobre a "Educação do corpo", na qual estabeleceu os principios pedagogicos que deviam dirigir o novo methodo de ensino. Em França, na Prussia, na Austria, na Italia, em quasi todos os outros paizes a gymnastica é obrigatoria, quer nas escolas primarias, quer nas escolas normaes.

Como complemento indispensavel á gymnastica vem os jogos que são por assim dizer o *recreio* d'aquella.

Esses jogos são tão antigos como o tempo e porque este passa e não torna, não sei se com razão, ou sem ella, se chamaram passatempos.

E' brincando que a creança começa a empregar as suas forças intellectuaes.

A espontaneidade, que se encontra no jogo, é do que se precisa para a saude moral, para o equilibrio do character, para o

bom humor e para a felicidade da creança. A antiga pedagogia descurava á utilidade dos jogos na infancia. Não reconhecía a sua importancia, como um grande auxiliar para desenvolver o systema muscular e nervoso das creanças. Preferia a immobillidade, o silencio, a taciturnidade, aos gritos de alegria e ao movimento intrinseco e extrinseco do menino.

Felizmente foi até o seculo passado que a Educação Physica mareou esse grande fracasso no periodo de sua evolução.

E graças a Karl Gross e Claparede que reconheceram a funcção biologica do jogo este tornou-se o inicio do desenvolvimento physico.

E' nos jogos, nesses exercicios irregulares e sem plano systematisado que a creança desenvolve a sua actividade sensorial, motora, intellectual e apparece na creança as actividades da vida social, o espirito de solidariedade, o enthusiasmo, a honestidade, etc.

Sendo os jogos infantis o meio do desenvolvimento physico, é natural que, recahindo em seguida sobre o organismo da creança, a gymnastica racional ella coordenará os exercicios variados e os applicará a um fim determinado. E para se obter o fim desejado da gymnastica racional é imprescendivel e de um effeito admiravel que o seu ensino seja sempre alternado por jogos, porque a ausencia do prazer no exercicio faz com que os meninos se enfadem e achem os exercicios monotonos, devido a falta de estimulo.

E demais estes exercicios ministrados sem interesse e prazer não poderão produzir no organismo da creança o desejado effeito.

Não são os exercicios regulados uniformes e systematisados que a creança prefere, mas jogos aos quaes ellas se entreguem com espontaneidade e prazer, dedi-

gymnastica. Dos 6 aos 9 annos são preferidos os jogos seguidos de canto e dispostos de maneira que os movimentos da creança obedeçam a uma especie de rythmo ; tendo, tambem, aspecto saliente naquelle periodo de crescimento, alguns jogos grosseiros como : cabra-cega, gavião, papagaio, etc.

Antes dos 9 ou 11 annos não se deve ensinar exclusivamente a gymnastica, preferindo-se-lhe os jogos, onde a creança cultiva a sua vontade, tornando-se agil e perseverante.

Tendo-se em vista o seguinte principio que "o aproveitamento depende da vontade que não pode soffrer constrangimento" considera-se como dever do professor amenizar suas aulas, evitar a monotonia, variar sempre os exercicios, substituir um jogo por outro quando aquelle não tiver despertando muito interesse. Deve tambem consultar aos seus alumnos qual o jogo preferido pela maioria delles; trabalhando o professor para que as creanças prefiram os jogos que desenvolvem maior numero de musculos.

Não preferindo a creança a gymnastica e sim jogos, deve o professor ter em vista a seguinte formula : "Para se obter que queira o menino o que delle queremos, é necessario que comecemos por entender e offerecer-lhe o que elle quer".

E' justo que sabendo o professor inocular o sentimento do prazer, conhecer o systema que deve ensinar e variar sempre os exercicios, obterá um optimo resultado na sua elevada missão, formando uma raça a quem se confiará mais tarde as conquistas alvicaireiras de nossa querida Patria. Como a idade do jogo é a infancia, é natural que a sua utilidade seja indiscutivel.

Helena de Amorim Barros.

NOTICIARIO



CENTENARIO DE DEODORO

Das festas magnificas, pela sua alta expressão de civismo, com que o Instituto Archeologico e Geographico Alagoano commemorou o primeiro centenario do nascimento do fundador da Republica, a 5 de agosto, a que mais emocionou ao povo, tocando-lhe fundo a sensibilidade patriótica, foi o desfile escolar diante da estatua de Deodoro.

Cerca de tres mil creanças formaram nessa tarde memoravel de gratidão civica, em que a alma alagoana se prosternava diante do grande soldado. Foram os grupos escolares, correctamente uniformizados e disciplinados, todas as escolas isoladas da capital e suburbios, a Escola Normal, a Escola de Aprendizizes Artifices, o Lyceu Alagoano, o Seminario, todos os collegios particulares, quasi a totalidade da infancia que nas nossas escolas se preparam para o futuro.

Cantado o hymno commemorativo do centenario, letra do poeta Cypriano Jucá e musica do Sr. Mario Marroquim, pela Escola Normal, com acompanhamento pela banda da Policia, sob a regencia do maestro Machado, começou o desfile e a deposição de flores no pedestal da estatua pelas escolas. Durou quasi uma hora essa cerimonia tocante, assistida pelo Sr. Governador do Estado, dr. Fonseca Hermes, Secretarios de Estado, Director da Instrucção Publica, autoridades civis e militares e grande massa popular que se comprimia na praça Deodoro.

ligiosamente, terminou o desfile. O bello e empolgante spectaculo de 3000 crianças das nossas escolas diante da estatua do soldado glorioso e magnanimo deixou no espirito publico uma forte impressão de entusiasmo e de esperança pelo futuro de Alagoas.

DR. LEITE E OITICICA

A *Revista de Ensino* registra com sincero pezar o fallecimento do eminente alagoano, Dr. Francisco de Paula Leite e Oiticica, occorrido na Capital Federal em 15 de Julho ultimo.

Pelo seu talento, pela sua cultura, pela importancia dos seus serviços á causa publica o illustre cidadão era uma das figuras mais representativas de Alagoas, a cujos interesses sempre serviu com dedicação, dando-lhes, na imprensa e no parlamento, os maiores desvellos da sua intelligencia e do seu coração.

Logo que se soube no Estado da triste occorrença, o Exm.^o Sr. Governador do Estado mandou encerrar em todas as escolas o expediente do dia, explicando os professores aos seus alumnos os motivos dessa homenagem.

O Dr. Leite e Oiticica, que foi deputado á Constituinte, Senador Federal, advogado notavel, jornalista insigne, falleceu aos 74 annos de idade, a um colapso cardiaco.

Foi o illustre extinto professor de Historia no Lyceu de Artes e Officios, cathedratico de Allemão no Lyceu Alagoano e era Presidente do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano.

GRUPO ESCOLAR MODELO D. PEDRO II

A festa, no ultimo domingo, 14 do anteante, que no Theatro Deodoro, levou a effeito o corpo docente do Grupo Escolar "D. Pedro II", solemnizando a data do 5 anniversario da posse do dr. Francisco dos Santos Ferraz no cargo de director daquelle estabelecimento de ensino, transcorreu deveras interessante, tendo attractido concurrencia de familias e cavalheiros, que excederam á lotação do theatro.

Pelas 13, e 40 minutos começou a ter execução o variado programma, após a presença, em camarote de honra, do homenageado, que ali apresentou-se acompanhado dos drs. Adalberto Marroquim, director da Instrucção Publica, dr. Sidronio S. Maria, secretario da Escola Normal, de que o dr. Santos Ferraz é vice-director, dr. J. Roberto, e dr. José O. Lima.

Dos numeros do programma destacaram-se "Os passarinhos", pela classe pré-escolar do Pavilhão Montessori; "Se eu soubesse", monologo por Jelk Cabral, alumno do 3.º anno; "A Boneca", interessante canção pela petizada pré-escolar; "A Bella Pastorinha", opereta em que se destacaram Nubia de Barros e Jabeth Conde; "Um, dous, tres" e "Meu Noivado" pela insinuante Maria de Lourdes Duarte, que é uma graciosa menina com todas as possibilidades de vencer pela intelligencia que vem revelando; "Buena Dicha", bello dialogo bem interpretado pela espirituosa Zaira Santos e Maria José Normandia, que são duas portadoras de graça e vivacidade, fechando a primeira parte do programma com o discurso da alumna do quarto anno.

A segunda parte do programma constou de gymnastica e jogos escolares pelos alumnos dos grupos Fernandes Lima e Pedro II sob a direcção da prof. Helena

Barros, instructora do grupo Pedro II, tendo o movimentado assalto de *handball* ruidosamente applaudido pela assistencia, dado o score de 4 X 4.

Não é possivel deixar em silencio, nesta noticia, o sempre notado zelo profissional e o aproveitamento util da cuidadosa e distincta professora Maria Ambrozio, na direcção do grupo pré-escolar do Pavilhão Montessori, a cujo espirito intelligente os seus pequeninos alumnos devem o adiantamento, a desenvoltura, o gosto de que todos dão provas, attestando a dedicacão paciente da competente preceptora que bem merece a admiracão de que tem se tornado eredora.

Na comedia "Consequencias de uma Mentira", muito a contento se desempenharam a graciosa Sonia Elicowich, Nubia Barros, Carolina Gazzaneo, Stella Leite, Therezina Fazio, Bernardeth Jucá e a irrequieta e intelligente Maria de Lourdes Duarte.

O exito da festa em honra ao dr. Santos Ferraz, autorisa parabens ao corpo docente do Grupo Escolar Pedro II, especialmente, ás professoras Analia Leite, Ritta Brennard, Flora Correia e Helena Barros, que se puzeram á frente do programma.

O sr. governador fez-se representar pelo seu ajudante de ordens, tenente J. Tenorio, tendo ao homenageado sido ofertados lindos ramalhetes de flôres naturaes.

(Da *Gazeta de Noticias*, agosto).

ESCOLA REMINGTON

Com um esplendido programma a Escola Remington fez, a 14 de agosto, a entrega dos diplomas de dactylographos aos alumnos de 1926 e 1927.

A cerimonia foi presidida pelo Sr. Dr. Amphiphio Mello, prefeito de Maceió. O director da Escola leu um longo relatório, seguindo-se discursos dos srs. Fran-

klin de Vasconcellos, que, como representante da Casa Pratt, fez a inauguração official da Escola, a senhorinha Maria da Conceição Lima, a alumna Maria Lys de Menezes, as senhorinhas Benedicta Ferrari, Marinette Barbosa e Yollanda Mendonça.

O paronympho dos diplomados, Dr. Lima Junior, fez um discurso notavel, que publicamos noutra logar.

PROF. RENATO ALENCAR

O Governo do Estado acaba de contractar os serviços do professor Renato de Alencar para ministrar o ensino de Pedagogia e Methodologia em nossa Escola Normal.

O professor Renato de Alencar é um espirito lucido e brilhante, escriptor fecundo e imaginoso, vastamente conhecido pela sua magnifica produção litteraria.

Dedicado ao magisterio, em Recife, o novo professor da nossa Escola Normal será, decerto, um precioso elemento de preparação profissional que vão ter as alumnas daquelle estabelecimento de ensino.

O CENTENARIO DO ENSINO PRIMARIO

A lei de 15 de outubro de 1827 deu á instrucção primaria no Brasil a sua primeira organização.

Mandava essa lei crear escolas primarias em todas as cidades, villas e lugares populosos; dava aos presidentes da provincia a faculdade de estipendiarem o trabalho do professor, desde duzentos até quinhentos mil réis; exigia o concurso publico para nomeações de professores; estabelecia a vitaliciedade; estipulava as disciplinas do programma escolar, e impunha a obrigatoriedade do methodo mutuo

Essa lei vae ter o seu primeiro centenario commemorada festivamente em todo o Brasil, ficando deste anno por diante o dia 15 de outubro consagrado ao Professor.

REVISTA DE ENSINO

Por de sobre a nossa mēsa de trabalho temos o numero 3 da *Revista de Ensino*. Traz a *Revista* uma collaboração de-véras acurada e escolhida com apurado bom gosto.

Enfeixa em sua brochurazinha de 80 paginas, brilhantes artigos de Craveiro Costa, Mario Marroquim, Assis Cintra, o esclarecido philologo das "Questões de Português", e outros, muitos outros.

Por outro lado, livra o leitor de uma leitura enfadonha, offerecendo-lhe, de quando a quando, delicadas poesias de Olavo Bilac, o immortal citharêdo da *Tarde*, de Reinaldo Costa, e de Cypriano Juca, alma de artista, alma de estheta, um poemeto "Ode aos Jangadeiros de Alagôas", onde o eleito das Musas conta, em versos immitaveis quer pela estrutura magnifica, quer pela sua esplendida concepção, aquella façanha heroica dos heroi-cos jangadeiros da nossa terra, cuja audacia e valor definem bem o valor e a audacia da nossa gente.

Está, portanto, digno de uma acurada leitura, esse ultimo numero da *Revista de Ensino*, mensageira da sã literatura.

(Do *Semeador*).

— Temos comnosco o terceiro numero da *Revista de Ensino*, excellente publicação da Directoria Geral da Instrucção Publica deste Estado.

Não está elle em nada inferior aos dois primeiros: farta e escolhida materia apropriada, ensinamentos de grande proveito aos membros do magisterio; cuidadosa distribuição dos assumptos de interesses para todos.

A *Revista do Ensino* é, evidentemente, uma publicação victoriosa, estando a pres-

tar magníficos serviços aos nossos professores com o ministrarlhes conhecimentos uteis estimulando-os convenientemente.

A iniciativa do illustre homem de letras que é o Director da Instrucção Publica não poderia ser mais proveitosa.

(Do *Jornal de Alagoas*),

ERRATA

No artigo *A Escola Moderna*, onde se lê — desde os pesados exercicios arithmeticos, que tinham como ponto de partida e decoraçáo da taboada, á subtracção martirisante das quatro operações... se deve ler :

...que tinham como ponto de partida a decoraçáo da taboada, a minis-tracção martirisante, etc.

VIDA ESCOLAR

JULHO

DIA 1.

Por acto n.º 42, desta data, foi decretada a perda da cadeira do sexo masculino da cidade de Agua Branca em que incorreu o professor publico da mesma cadeira, Severino Milton de Vasconcellos.

— Por acto n.º 43, da mesma data, foi decretada a perda da cadeira mixta do povoado de Jacuhype, municipio de Porto Calvo, em que incorreu a professora da mesma cidade d. Maria Emilia de Freitas Motta.

— Foram nomeados : o cidadão Cardoso de Sant'Anna, professor extra-numerario, por tempo indeterminado da cadeira vaga do sexo masculino da cidade de Porto Calvo e o cidadão Manoel Gomes da Motta e Filho, Inspector Rural de Ensino do povoado Riacho do Sertão, municipio de Bello Monte.

DIA 4.

Foi nomeada a alumna-mestra, d. Amphisia Paes de Souza, professora effectiva de 1.ª entrancia da cadeira mixta,

vaga de 1.ª categoria, do povoado Barra, municipio de Camaragibe.

— Foi exonerada, a pedido, d. Maria Candida da Silva, do cargo de professora publica subvencionada da cadeira mixta do povoado Raiz, municipio de S. Luiz de Quitunde.

— Foi nomeada a alumna-mestra, d. Alsimira Nascimento Tavares Dantas, professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira vaga, do sexo feminino da villa de S. Braz.

— Foi nomeado o academico de direito José Caralampio de Mendonça Braga, promotor publico do municipio de Agua Branca, para exercer, em commissão, o cargo de presidente da Junta Escolar do mesmo municipio.

DIA 5.

Foi nomeada a alumna-mestra, d. Elisa Gomes Ribeiro, professora effectiva de 1.ª entrancia do povoado Mundahu-Meirim, municipio de União.

— Foi nomeada a alumna-mestra d. Hilda Vieira Brandão Barretto, professora extra-numeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta, vaga, do povoado Girão, municipio de Traipú.

— O cidadão José Cezar Sobrinho foi nomeado membro da Junta Escolar do Municipio de S. Miguel de Campos.

DIA 8.

Por decreto n.º 44, desta data, foi convertida em cadeira de categoria a cadeira subvencionada, vaga, do povoado Raiz, municipio de S. Luiz de Quitunde.

— Foi dispensada da commissão que exercia no G. B. "Messias de Gusmão", a professora d. Celina Gomes Pedrosa, que passou a ter exercicio effectivo na cadeira, vaga, de 2.ª categoria, do sexo masculino, da villa de Santa Luzia do Norte.

— Foi nomeada a alumna-mestra, d. Maria Candida da Silva, professora effectiva da cadeira mixta, vaga, do povoado

Raiz, município de S Luiz de Quitunde.

— “Venha por intermedio do Dr. Director Geral da Instrução Publica”, foi o despacho dado na petição que a professora d. Maria Augusta Mello, dirigiu ao Dr. Secretario do Interior, pedindo a sua remoção para Pioca.

DIA 11.

Por decreto n.º 45 foi approvedo o contracto celebrado entre o secretario do Interior e a alumna-mestra, d. Helena de Amorim Barros, por mais um anno, afim de ministrar o ensino de gymnastica aos alumnos do G. E. “D. Pedro II”.

— Ao lente da 1.ª cadeira de Portuguez da Escola Normal, professor Francisco Henrique Moreno Brandão, foram concedidos tres mezes de licença para tratar de sua saude.

DIA 13.

Foi exonerado do cargo de Inspector Rural de Ensino do povoado Tatuamunha, município de Porto de Pedras, o cidadão Marianno da Cunha Mendonga, sendo nomeado para substituil-o o cidadão Antonio dos Santos Cunha.

DIA 15.

Foi nomeada professora, interina, do Aprendizado Agricola de Satuba, d. Eulina Ribeiro de Alencar e designada para substituir o cathedratico de 1.ª cadeira de Portuguez da Escola Normal, a professora do Curso Annexo da mesma Escola, d. Carmen Novaes.

DIA 18.

Por decreto n.º 52, desta data, foi transferida a cadeira subvencionada do povoado Dionel para Olho d’Agua, ambos no município de Bello Monte, devendo acompanhal-a o respectivo professor, cidadão Luiz Gonzaga Torres.

— Foi jubilada com os vencimentos pro-

porcionaes ao tempo de serviço, a professora publica de instrução primaria da cadeira mixta do povoado Matta do Rolo, em Santa Luzia do Norte, d. Emygdia Bandeira de Mello, conforme requereu, visto se achar impossibilitada de continuar a exercer as suas funções.

DIA 19.

Foi nomeada a alumna-mestra, d. Maria Stelia Baptista de Nazareth, para exercer o cargo de professora publica effectiva de 1.ª entrancia da cadeira mixta, vaga, de 1ª categoria, do povoado Matta do Rolo, no município de Santa Luzia do Norte.

DIO 20.

A professora publica d. Maria Cabral Tenorio foi mandada pagar a ajuda de custo a que tem direito, por ter sido transferida de Capella para União.

— Foi considerado sem effeito o acto que nomeou o cidadão Amphiphio Calazans de Souza Guerra, para o cargo de membro da Junta Escolar do município de Arapiraca, por não ter assumido o respectivo exercicio no prazo legal, sendo nomeado para substituil-o o bacharel Oscar Heitor Cavalcante Borges.

DIA 21.

“Indeferido, de accordo com o parecer do Dr. Consultor Juridico”, foi o despacho dado pelo sr. Governador do Estado á petição da professora, d. Maria da Paz Lima, pedindo para ser submettida a nova inspecção de saude, por um especialista de olhos.

— Foi nomeado o bacharel Manoel Ribeiro de Moraes para exercer o cargo de membro da Junta Escolar do município de Limoeiro e o de Presidente, em commissão, da mesma Junta.

DIA 22.

O Exm.º Sr. Governador do Estado in-

deferiu a petição de d. Ignez Thomazia dos Santos, professora da 1.^a cadeira do sexo masculino da cidade de União, pedindo sua jubilação, a vista laudos medicos.

— Foi exonerado academico de direito Miguel Torres Filho dos cargos de Presidente, em commissão e membro da Junta Escolar do municipio de Porto Real do Collegio, nomeando para ditos cargos o engenheiro Nemesio Gomes da Cunha.

— Foi designada a professora publica de instrucção primaria da cadeira mixta do povoado Barra, em Camaragibe, d. Amphrisia Paes de Souza, para servir, em commissão, no G. E. "Messias de Gusmão".

DIA 23.

Por decreto n.º 55, desta data, foi approvedo o contracto celebrado entre o Exm.º Sr. Secretario do Interior e o professor Renato de Alencar, para ministrar, durante dois annos, o ensino da cadeira de Pedagogia e Methodologia da "Escola Normal", do Estado.

Dia 27.

Foram justificadas 15 faltas das 16 dadas pela professora, d. Alzira da Costa e Silva, da cadeira subvencionada do povoado Pontal da Barra, desta cidade.

DIA 29.

A' professora d. Olivia Isabel Tavares, da cadeira subvencionada do Alto do Jacutinga, foram concedidos 30 dias de licença, sem direito a gratificação.

AGOSTO

DIA 3.

Por conveniencia do ensino, foi remo-

de sexo masculino da cidade de Maragogy, d. Antonia Brandão de Mello, para a cadeira mixta da mesma localidade, sendo nomeado para substituil-a, como professor effectivo de 1.^a entrancia, o cidadão José de Carvalho Pedrosa Sobrinho.

— Foi exonerado do cargo de membro da Junta Escolar de Muricy o bacharel Arlindo Accioly de Gusmão Lins, sendo nomeado para esse cargo o cidadão Manoel Medeiros da Costa.

— Do cargo de Inspector Rural de Ensino do povoado de Piquete, em S. José da Lage, foi exonerado o cidadão Quintino de Hollanda Cavalcante, que foi substituido pelo cidadão Manoel Luiz de Araujo.

— Foram nomeadas as alumnas mestras Lindinalva de Carvalho e Maria José da Silva, professoras extranumerarias, por tempo indeterminado, das cadeiras, vagas, de 2.^a categoria do povoado Paulo Jacintho, municipio de Victoria e do sexo feminino da cidade de Maragogy, respectivamente.

DIA 8.

Foram justificadas as faltas dadas pelas professoras d. Leonilla de Assis Lima, de Fernão Velho, e Astydomira Galvão da Cunha Lima, de Porto de Pedras, no mez de junho.

DIA 9.

Foram concedidas as seguintes licenças: de 30 dias, na fórmula da lei, para tratamento de saude, á professora, d. Eudesia Santos, de Porto de Pedras; de 90 dias, sem vencimentos, á professora d. Leonor Assumpção, do Grupo Escolar "Diegues Junior".

— "Selle e volte, querendo, por intermedio da Directoria da Instrucção Publi-

Maria Candida da Silva, professora publica do povoado Raiz, em S. Luiz do Qui-tunde, pedindo pagamento de ajuda de custo.

DIA 11.

Foi aposentado, visto contar mais de 30 annos de serviço effectivo e não poder mais continuar a exercer as suas funções o dr. Domingos da Silva Cardozo, cathedraticeo de allemão do Lyceu Alagoano.

— Do cargo de Inspector Rural de Ensino do povoado Raiz, em S. Luiz do Qui-tunde, foi exonerado o cidadão Manoel Rocha de Oliveira, sendo nomeado para substituí-lo o cidadão João Lopes Ferreira.

DIA 13.

Obtiveram licença: de 3 mezes, em pro-rogação, sem vencimentos, a professora D. Gilberta M. de Araujo Cavalcante, do po-voado Tangy, municipio de Viçosa; de 30 dias, na fórmula da lei, a professora D. Medéa Cavalcante de Albuquerque, do po-voado de S. Miguel; de 30 dias, na fórmula da lei, a professora D. Isaura Pinheiro, de Itamaracá.

— Foram justificadas as faltas dadas pela professora D. Leticia Canuto Xavier de Araujo, da 1.^a cadeira isolada de Jacu-tinga, na capital, em julho e agosto.

DIA 18.

Foi exonerado o cidadão Manoel Xa-vier de Albuquerque, do cargo de Inspe-ctor Rural de Ensino do povoado Carra-pato, Municipio de Maceió, sendo nomea-do para esse cargo o padre Antonio Cezar.

DIA 19.

Foram justificadas as faltas dadas pela

Machado, por motivo de molestia, de 16 a 20 de junho e de 29 desse mez a 5 do vi-gente.

DIA 20.

A' professora publica da 1.^a cadeira isolada de Jacutinga, na capital, D. Le-ticia Canuto Xavier de Araujo, foram concedidos 50 dias de licença para trata-mento de sua saude.

DIA 24.

Fora nomeadas DD. Aureliana Gama Cezar e Virgilia Leonilla de Lyra, profes-soras extranumerarias, por tempo inde-terminado, das cadeiras mixtas, vagas, dos povoados Potingy e José da Rocha, municipios, respectivamente, de Piassa-bussú e Junqueiro.

— O Sr. Dr. Secretario do Interior mandou vir por intermedio da Directoria Geral da Instrucção Publica a petição em que a professora publica de Mandahú-Mirim, d. Elisa Gomes Ribeiro, pedia pa-gamento da ajuda de custo.

DIA 25.

Foi exonerado, a pedido, o cidadão José Bento Lima, do cargo de professor extranumerario da 1.^a cadeira do sexo masculino da cidade de Pão de Assucar.

DIA 27.

Por Decreto n.º 61, desta data, foi trans-ferida a cadeira subvencionada de Olhos d'Agua de Bittencourt, para o de Uru-pema, ambos no municipio de Atalaia, devendo acompanhá-la a professora da mesma cadeira, d. Antonia Ernestina Cardoso.

— Foi nomeado o cidadão Manoel Ro-drigues Salles, Inspector Rural de Ensi-

REVISTA DE ENSINO

BIBLIOTECA NACIONAL
RIO DE JANEIRO



L. Pereira